

ILUSTRAÇÃO

N.º 211—9.º ano



O INFANTE DE SAGRES

(Por ANTONIO CARNEIRO)



O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral, reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências,
das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina
e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em ótimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, **NUM ÚNICO VOLUME**, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

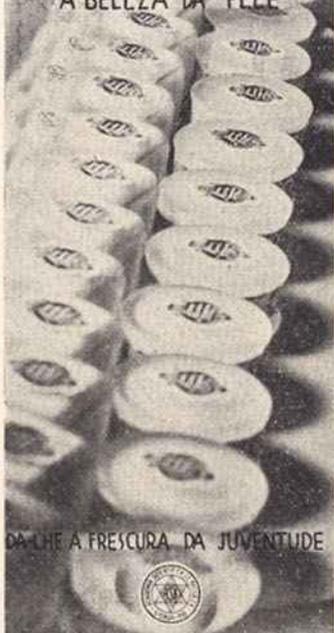


Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, Rua Garrett, 73 — Lisboa

USE O CREME

Rainha da Hungria

INDISPENSÁVEL PARA
A BELEZA DA PELE



DA LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE

11 CAMPOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O meu menino

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs.,
ilustrado,
encadernado, 17\$00 ;
brochado, 12\$00

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

Grande sucesso literário:

À VENDA O 5.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS—Pan e as mulheres—As inimigas do homem—Terceiro sexo—Jus sufragil—A mulher diplomata—As ideias de Madame Agata—A mulher soldado—Delegadas a Gênebra—As calças de Eva—O eleitorado das avós—A mulher jornalista—O problema do amor—Núpcias em avião—Os pais-amas—O exemplo da China—Gentlemen prefere blondes—As revolucionárias do golf—Jurisconsultos de saías—Eva standardizada—As sinistradas da beleza—É preciso ser bela para ser feliz?—Mademoiselle Zuca—A idade dos joelhos—Nudistas—A dama do pijama verde—As : : : : amigas do homem : : : :

1 volume de 312 páginas, brochado ... 12\$00
encadernado... 17\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura — Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	181\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



AS TRAÇAS ARRUINAM

os seus fatos

... mate-as com FLIT



São incalculáveis os prejuizos feitos em cada ano pela traça — sem necessidade, — visto que bastará pulverisar os seus guarda-fatos regularmente com o FLIT, para que todo o perigo cesse imediatamente. Por vezes, empregam-se, productos similares, mas são inefficazes. Certifique-se de que adquire, realmente, o FLIT, recusando as imitações. O FLIT pulverizado não mancha. Exija a lata amarela com o soldado e faixa preta.

Exija **FLIT**
RECUSE TODAS AS SUBSTITUIÇÕES

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1935**

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses
e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade
nestes assuntos

Encontra-se à venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 524 gravuras
cartonado... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

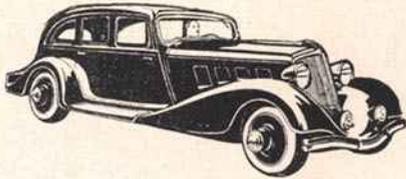
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



CAIXA DE VELOCIDADES-Silenciosa sincronizada—TRAVÕES - Energicos e progressivos.

AERODINAMICOS-Carrosseries espaçosas
SUSPENSOS EM 3 PONTOS-Chassis ultra rígidos—MOTORES-Com excesso de força muito económicos.



4 CILINDROS
MONAQUATRE 8CV
PRIMAQUATRE 11CV
VIVAQUATRE 11CV



VISITEM
NO SALÃO AUTOMOVELOS STANDS

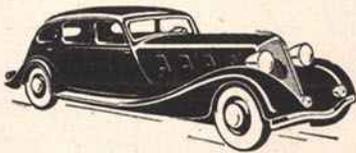
1 9 3 4
RENAULT

6 CILINDROS · PRIMASTELLA · VIVA SPORT · VIVASTELLA
8 CILINDROS · NERVASPORT · NERVASTELLA · REINASPORT

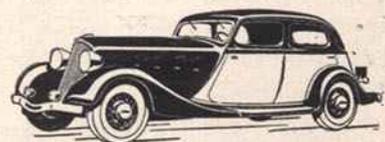
AUTOMOVEIS DE TURISMO · CAMIONS E CAMIONETTES

STAND Nº 31

JARDINS INTERIORES DO PALACIO



AUTO-CARS, AMBULANCIAS
Material para Camaras Municipais
TRACTORES:
6.000 e 15.000 kilos a gasolina ou
oleos pesados.



EM EXPOSIÇÃO NO STAND DOS DISTRIBUIDORES

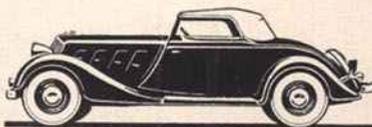
(EXCLUSIVOS PARA LISBOA)

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS

AVENIDA DA LIBERDADE Nº 71

CAMIONETES

desde 450 a 2.500 kilos,
carga útil.



CAMIONS

desde 2.500 a 15.000 kilos,
carga útil. A gasolina ou
oleos pesados.



Em **PRIMEIRO** lugar,
na lista das compras

Uma coisa que nunca deve esquecer nas listas das compras: Corn Flakes KELLOGG'S. Nunca devem faltar em casa. É uma vantagem te-los sempre à mão na despensa.

Para um pequeno almoço à pressa, para um chá ou à noite, nada há melhor do que servir estes flocos com leite, frutas ou mel. Não vão ao lume — sempre prontos a servir.

Vendem-se com embalagem de waxtite que os conserva sempre frescos e tostadinhos como se tivessem saído do forno.

Kellogg's
CORN FLAKES



A venda nos bons estabelecimentos — em pacotes verde e vermelho.

DISTRIBUIDORES:

FIGUEIRA & ALMEIDA
Rua da Madalena, 88
LISBOA

751

ALEXANDRE HERCULANO

**Scenas de um anno
da minha vida**

*E APONTAMENTOS
DE VIAGEM*

Coordenação e prefácio
DE

Victorino Nemésio

1 vol. de 324 págs., broc.
12\$00

encad. **17\$00**

Pelo correio à cobrança,
mais **2\$00**

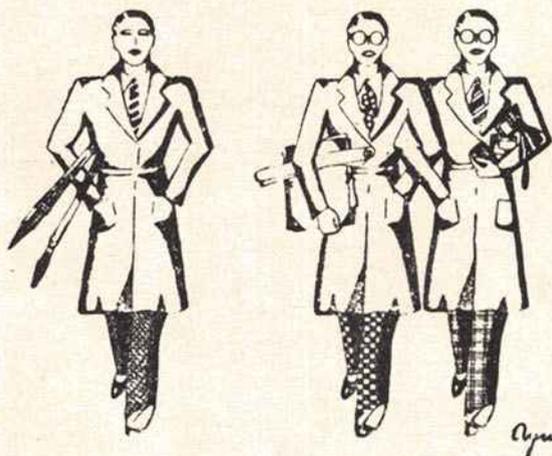
Pedidos à

Livraria Bertrand

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**
2 1308
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL**



**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisa-
ções, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoitel e Dr. Edmundo Ádler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosissimo
volume ilustrado
6\$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**DOCES E
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEPHONE: —
2 0535

N.º 211—9.º ANO
1-OUTUBRO-1934

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

COM a morte de Brito Camacho desaparece o político mais caluniado da República, na frase não sei de quem, mas que é perfeitamente exacta.

Caluniado da direita, caluniado da esquerda. Caluniado, porque detestado. Detestado pelos energúmenos da esquerda, porque se opunha tenazmente às adulterações da democracia tendentes a convertê-la em demagogia, governo irresponsável de corrilhos, governo da «rua», governo de turbas sem mandato, saídos não se sabe donde, formados não se sabe como, constituídos não se sabe de que forma infra-humana. Detestado pelos energúmenos da direita, partidários do «quanto pior, melhor», porque o julgavam, dos chefes políticos, o mais capaz — alguns diziam — o único capaz de consolidar a República. Era, pois, necessário frustrar-lhe todo o apoio que lhe pudesse vir dos moderados da direita; outros se encarregariam de lhe abalar o que poderia vir da esquerda. Num país onde o espírito crítico escasseia, mas onde abunda o espírito de crítica, aliado à mais pátua credulidade, mesmo nas gentes ilustradas, a tarefa não foi difícil; não requeria grande inteligência, mas, apenas, tenacidade.

No campo do verificável, o homem dificilmente podia ser atacado, a não ser no aspecto exterior. Aproveitou-se o mais possível, mas era pouco. Recorreu-se, então, ao inverificável, ou dificilmente verificável, seguros de que raros seriam os que só acreditavam depois de verificar. O certo é que Brito Camacho nunca chegou a formar governo, desiludido, aproveitou a primeira ocasião favorável para abandonar a política.

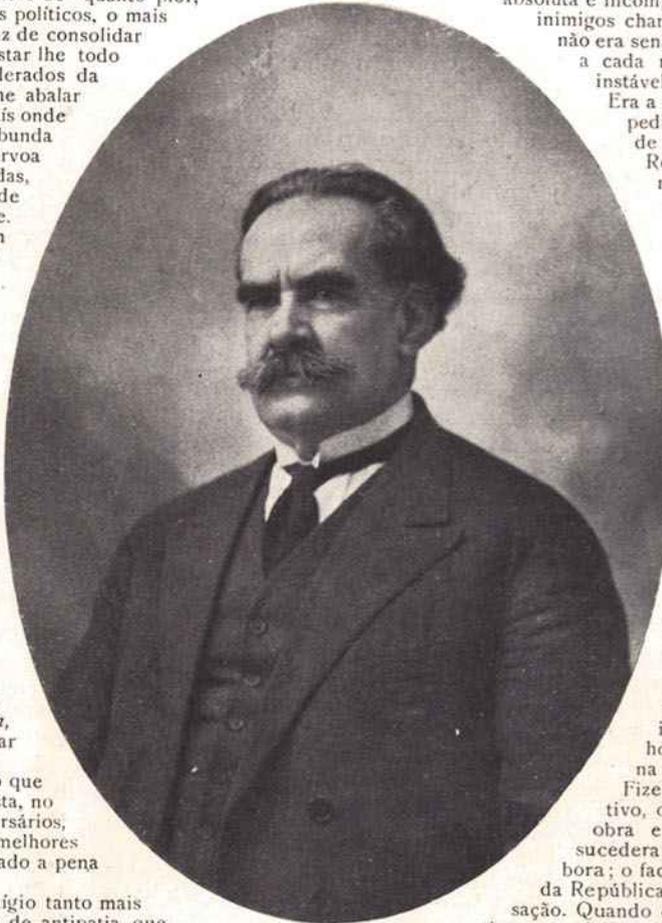
Sem embargo, nele, avultam o político e o jornalista. Entre ambos, o homem de letras sofre desta dupla vizinhança, tanto mais que nunca conseguiu desvincular-se completamente nem de um, nem do outro. Se, porém, abstrairmos, por um momento, da presença dos seus avantajados vizinhos, veremos que o homem de letras não é para desdenhar, sobretudo naquelas obras em que o político e o jornalista menos transparecem. Cito ao acaso, e de memória, *Gente rústica*, *Quadros alentejanos*, sem querer indicar com isto, que sejam os melhores.

Mas, se há quem faça restrições no que respeita à sua obra literária, o jornalista, no juízo unânime de partidários e adversários, enfileira, sem desmanchar, ao lado dos melhores jornalistas que em Portugal têm maneado a pena desde as lutas do constitucionalismo.

O político, esse, gozava de um prestígio tanto mais notável quanto lutava com a impressão de antipatia que o homem, à primeira vista, produziu. Desataviado, hirsuto, desatraente, a figura era bifronte: uma das faces, rude, sanhuda, intratável, a outra, faceta, zombeteira, o ar de quem não toma nada a sério. Eram os seus cães de guarda, ao abrigo dos quais o Camacho íntimo podia cultivar em segurança os seus afectos e as suas predilecções intelectuais, e conversar a sério com os seus amigos sobre os problemas políticos e sociais que o preocupavam. Era, então, que se via quanto a política era, para ele, coisa diferente do que era para outros: não, um pretexto para baixas pugnas, para discursos inflamados, ou para intrigas de caciques, mas uma coisa profundamente séria, em que punha toda a sua alma, toda a sua inteligência e todo o seu esforço.

E' que, para ele, a República era, verdadeiramente, a *res publica*, no sentido pleno e forte que à palavra davam os antigos romanos. E se

BRITO CAMACHO



entendia não serem incompatíveis com o interesse público os interesses legítimos dos particulares, em caso algum admitiria a subordinação do interesse público ao particular. Neste ponto era intransigente; e a isenção da sua vida pública nem os mais irredutíveis dos seus adversários se atrevem a negar.

Parlamentarista convicto da necessidade dos partidos políticos, entendia, porém, serem os partidos para a República, e, não, a República para os partidos. Concebendo a vida das sociedades políticas como um equilíbrio de forças sempre instável — pois que a estabilidade absoluta é incompatível com a vida — aquilo a que os seus inimigos chamavam «as habilidades do sr. Camacho», não era senão a preocupação constante de encontrar, a cada momento, a forma de equilíbrio menos instável, mais favorável à marcha da República. Era a diligência inquieta até à angústia, de impedir que a República se mostrasse incapaz de governar e de ser governada. E, como a República, ainda na infância, seguia uma marcha titubeante, entre o pendor para a demagogia, e a iminência de a entregarem de mão beijada aos seus inimigos irreconhecíveis, daí as súbitas reviravoltas que a sua lucidez aconselhava, e a que chamavam «as incoerências do sr. Camacho».

Mas este homem que tinha um senso tão realista das situações políticas, que via com tanta lucidez os escolhos a evitar, e as soluções mais convenientes, este homem, na intimidade do seu espírito, platonizava. Acreditava que a verdade, a honestidade e a justiça, exercem uma atracção natural sobre os espíritos, e acabam sempre por se impôr; acreditava que, sendo as suas ideias justas, e rectos os seus propósitos, toda a gente haveria de reconhecê-lo. Um, após outros, as desilusões vieram: A *Lucta* a custo equilibrava as receitas com as despesas; a União Republicana nunca chegou a ser um dos grandes partidos da República. Afastou-se desiludido, mas não prostrado. O homem mantinha-se de pé, e impunha respeito. Aliás, a desilusão dos homens públicos é um fenómeno periódico na vida portuguesa.

Fizeram-lhe uma reputação de espírito destrutivo, quando a colecção da *Lucta* encerra uma obra eminentemente construtiva. Já o mesmo sucedera com *As Faxas*, de Ramalho Ortigão. Embora; o facto de ter sido o político mais caluniado da República, trará, para a sua memória, uma compensação. Quando de todo se tiverem desvanecido os últimos vestígios dos aspectos efémeros, e ele aparecer tão desactualizado como o magnífico verso de Mallarmé o define e há de continuar a defini-lo

Tel qu'en lui-même enfin l'éternité le change

a mais severa crítica histórica não poderá apouca-lo mais do que o fizeram, em vida, os seus contemporâneos; com ela, ao inverso do que sucede a tantos outros, a sua figura só poderá ganhar. E se é um homem superior todo aquele que revela uma qualidade, que mais não seja, erguida permanentemente acima dos muros que dividem os homens em classes, seitas, partidos, Brito Camacho foi, nos limites do nosso pequeno meio, um homem superior.

José de Magalhães.

CRÓNICA DA QUINZENA

CÁ temos o outono de Portugal macio, translúcido que desperta o gosto de voar, ou pelo menos de correr de monte em monte. Na atmosfera dormente os perfumes de pinhais e vinhas engrossam. Apetece lambê-los com a língua, atafulhar o nariz, metê-los nos olhos, mergulhar o corpo no banho verde rôxo, dos cachos entre parras, que inunda de doçuras todos os sentidos.

Vamos na S. 29293 que é ágil como andorinha e leve como a sua pena quando a guiam por boa estrada. Para onde iremos? Ao sabor da roda na direcção do norte que assim o manda o designio secreto do sangue.

Cedo acordado abre-se a janela para que entre o alvor do dia e depare-se com rancos de tocheiros alumando a cidade morta. A falsificação do relógio deu-nos umas seis horas negras, de silencio agressivo em que não apetece bulir. O mais leve ruído toma importância grave e acorda ecos assanhados. Só às sete despoja a claridade que súbito rasga o céu e o desliga dos telhados.

Quando a S. 29293 desce para Arroios o sol expede o primeiro raio sem preparação nenhuma, mandado pelo cume de um telhado.

Ficou-se ciente de que vê-lo nascer não é espectáculo para gozar em ruas de cumprimento desmedido. Perde toda a graça que no descampado oferece. É pior vai quando o momento decorre á partida de Lisboa donde se sai por azinhas tortuosas, estreitas, cheias de barrancos, afrontosas á vista, com todos os requisitos necessários á condição de cidade mais feia e mal amanhada de Portugal.

No chouteio que por força tem de sofrer-se ha tempo para amaldiçoar os mouros e cristãos que através de séculos acumularam documentos de uma estupidez transmitida como praga através das gerações ocupantes deste pedaço do globo tão bem fadado pela natureza, sempre mal aproveitado pelos homens.

Arrancar para fora da filha do Tejo, ou nela entrar, vindo de qualquer direcção, desagrada como pesadelo. Primeiro que a atenção repouse em via desafogada, ou trilho tolerável demora infinitos que encham as veias de fel.

Parece até que um espírito se comprazeu em vincar a sua impressão pois, dobadas léguas, quando o asfalto já se apresenta a aconchegar a roda, ainda as vielas estranguladas repetem a odiosa aparição com tóda a ameaça sinistra de carroças, ciclistas, burricos de lavadeira e mais vermina de estradas corre-douras.

Só muito longe começa a vista a sossegar e o peito a receber aquele hausto profundo que chega a todo o sangue. É preciso abandonar a terra em que teinha ficado o mais tenue resquicio de raça mourisca, também conhecida pelo

título de saloia, bronca, materialona, sem grão de sal, ou tempero de beleza no porte, na fisionomia, com negativa completa de sentimento estético.

Ao mesmo tempo que as caras mudam a paisagem altera a feição. Começa pela nobreza imponente da planície ribatejana, rica de seiva e luminosidade que forma o terreiro de acesso à festa dionisiaca de Alemquer, em apoteose à vide produtora. Todas as encostas e requebros cobertos de parra se desbobram em ondas de um mar verde em que o sol nado acendeu milhões de lamparinas roxas.

Na estrada sem acidentes, a S 29293 passa como asa de voador que vai cantando num piar monotonico e alegre. Percebe-se que gosta do piso alcatroado como os pinheiros gostam da luz no ar sereno, de franças extasiadas, em atitude de mãos a rezar. A sofreguidão com que engole léguas atrás de léguas parece a de um rafeiro a quem atiram buchada de cabrito. A tripa da estrada a desaparecer-lhe nos gorgomilos sabe-lhe a manjar, canta ao entrar-lhe no ventre.

Aí vem Caldas, tóda aperaltada com seus brios de cidade, senhoras donas a passear com vestidos à moda, um bosque melhor que os de Lisboa e um estrangulamento de comunicação com a via livre. Faz-se a provisão das cavacas e trouxas de ovos porque é assim que se cumpre a romaria e ala para Alcobaca contemplar êsse jardim das Hesperides, ou dos frades bernardos que Afonso, o conquistador achou por bem meter a cultivar um dos melhores hortos de Portugal.

Percorre-se a feira onde os frutos escasseiam, mercê do ano ruim que os fados nos deram e onde, para compensar, abunda um pão trigueiro, fôfo que o paladar reconhece como dos bons tempos sem o moleiro vestido de sêda, morador em palácios, muito mais ladrão que o da antiga mó.

A romagem obrigatória ao túmulo da linda Inez deu ensejo à surpresa agradável da obra há pouco realizada na igreja que transformou a nave, integrando-a na sua beleza original, deturpada por sobreposições absurdas de muitos séculos de mau gosto. Recuperada a linha primitiva a perspectiva das colunas, com o perfil extenso e a altura de grande parte restituíram a imponência desaparecida sob os acrescentos ridículos, a um dos mais belos monumentos que Portugal possui.

Louvores a quem ordenou e a quem dirige a restauração aqui, na Batalha, onde também se consentiram os arrebiques inspirados pela piedade cega de devotos desatinados.

Não nos demoremos que o propósito é mover e não parar mesmo que seja para ver maravilhas de arquitectura. O anseio pede a corrida, com panorama

movediço, sempre renovado em que a vista sente a felicidade de um menino a divertir-se com brinquedos sucessivamente destruidos.

Êste vale é gracioso. Melhor seria talvez aquele outeiro. A solicitação acode amável a S 29293 com carinhos de ama que nos leva ao colo a satisfazer caprichos de criança insaciável.

E agora vereis como os tempos mudam. Estradas da Beira que foram famosas pelo veludo do seu piso, aparecem agora escalavradas, de face leprosa, anti-pática. Gemem as molas, afligem-se as rodas, o motor perde o resfolegar de gato no regaço e chouteia triste nos refegos que laceram a via. Com amargura se reconhece que pavimentos encerrados são para as províncias fidalgas, não para esta Beira plebeia, pobre, bôa a servir e a pagar, silenciosa no pedir.

Por ser assim a S 29293 recomenda que se siga devagar, mais atento ao caminho que aos longes dêle avistados. E toma-se percurso reduzido, o mais curto possível pois o nervo não aguenta a vibração demorada que o macadame oferece.

Acomodados entre serras, com o sol poente a descer para horizonte com mais de quinze léguas, ouvem-se as novidades do ano. Frutas uma miséria, centeio regular, milho pouco, vinho uma fartura. A vaca do Custódio perigou, a nascente da Yerdiosa está sêca, a fonte pública vai pela mesma.

Casos de tamanha importância encham o espírito por modo a não deixar espaço livre em que caiba uma impressão. Nada se apresenta que possa diminui-los ou sobrepôr-se-lhes.

Haverá talvez alguma voz escandalizada que pergunte se a entrada da Rússia na S. D. N., a catástrofe do Japão, o novo episódio revolucionário de Espanha, ou a greve americana são coisa de pouca monta para não merecerem referência na crónica.

Responde-se que tudo isso valerá muito entre paredes da cidade. No meio das serras importam menos que uma trovada a erguer-se das bandas do nascente. Isso sim que é grave. Chove, ou não chove? Poderá dizer-se que tal sentido se iguala a um regresso á vida vegetativa.

De acôrdo. Nem para outro fim se sobe a estas alturas. Aqui vem procurar-se a animalidade, a rude natureza, reconhecer o velho sabor da água, do pão e do vinho. Motivo que faça pensar na imensidade, no universal, aborrece. Qualquer filosofia de cidade enjôa.

Ora o cronista não abdica do direito de ser labrego uma vez ao ano, pelo menos. Para garanti-lo aqui o deixa consignado.

Os corvos dos Habsburgos

Uma terrível maldição que, há sete séculos, pesa sobre a família imperial da Áustria



Francisco José, o imperador infeliz

O arquiduque Otto de Habsburgo volta a acalentar a ideia de se apoderar do trono austríaco, embora uma tal conquista lhe acarrete, como é de calcular, os maiores desgostos e contrariedades.

A meu vêr, este príncipe deveria pôr de parte a sua ambição de reinar que só servirá para amargurar-lhe uma existência que poderia ser bela, risonha e até feliz, como simples habitante do mundo.

O manto de arminho que o arrogante Frederico V de Habsburgo ostentava ao proclamar a divisa da sua casa onnipotente na interpretação das cinco vogais A. E. I. O. U. — *Austrie Imperare Orbi Universo* — e que o príncipe actual deseja ardentemente cingir — será a sua túnica de Nesso.

Otto de Habsburgo deveria seguir o exemplo do seu tio, o arquiduque João Nepomuceno Salvador de Áustria que, um belo dia, decidiu fugir à desgraça que, desde há muitos séculos, vinha perseguindo a sua família. Abandonou as suas pretensões ao trono da Bulgária, os seus títulos, honrarias, e até o seu nome, meteu-se num barco de que se tornou comandante, e, com o nome de Jean Orth, singrou na vastidão dos mares, nunca se soube para onde. E daí — quem sabe? — talvez conseguisse a almejada ventura...

O príncipe actual é que não está disposto a conformar-se com a atitude do seu antepassado.

Os vinte e dois anos deste arquiduque moreno, tão esperançoso como inexperiente, reagem com tenacidade e buscam com afino o velocino de ouro que apenas resplandece na louca fantasia dos visionários.

Reagir, num caso destes, é lutar contra o Invencível, é tentar entrar a obra inflexível do Destino, é pretender modificar os imutáveis desígnios da Fatalidade.

É que sobre a desventurada família dos Habsburgos pesa, desde há muitos séculos, uma terrível maldição que há de manter-se enquanto o mundo for mundo.

Na Áustria, na Hungria e em vários outros Estados da extinta monarquia dualista não há aldeão que não conheça a história arrepiante dos três corvos do conde de Argávia a que os Habsburgos estão ligados como grilhetas há mais de sete séculos.

No século XIII, Rodolfo de Habsburgo, governador de Uri, Schwitz e Unterwalden, dando largas à sua ambição desmedida, assaltou os Estados vizinhos. Após encarniçado combate, apoderou-se do condado de Argávia e mandou decapitar o príncipe soberano e os seus dois filhos. Ao subir os degraus do cadafalso, o velho conde de Argávia voltou-se para Rodolfo de Habsburgo que assistia à execução, e gritou-lhe:

— Maldito sejas! Deus deixou-te chegar ao poder que ambicionavas, mas nem tu, nem os teus filhos, nem os teus netos gozarão em paz o fruto ensangüentado dos assassínios e roubos cometidos. Tu e todos os teus sofrereis a minha maldição enquanto o mundo existir. Cada vez que uma desgraça esteja para desabar sobre vós, sereis avisado pela aparição de três corvos de bico vermelho como o sangue, e em cujas formas negras irão encarnadas as nossas almas vingativas!

Esta terrível maldição, que tem sido cumprida com um rigor inquebrantável, foi fortalecida, quatro séculos depois, pela praga do nosso D. Duarte de Bragança, irmão de D. João IV, ao ser entregue como uma rez aos esbirros de Felipe IV de Castela por um outro Habsburgo, o imperador Fernando III:

— "Deus me vingará — rugira D. Duarte ao sentir a traição do soberano que tão lealmente servira — e as historias falarão por êle e por mim".

Não valerá a pena recordar a trágica peregrinação dos Habsburgos pelo mundo desde a primeira aparição dos três corvos fatídicos. Uma tal evocação daria um volume de muitos centos de páginas.

Começarei pelo imperador Francisco José, visto ser ainda recente, e a sua odisseia poder ser documentada com toda a exactidão e facilidade.

No dia 1 de Dezembro de 1848, quando o moço arquiduque subiu ao

trono austríaco por abdição de seu tio Fernando I, três corvos enormes voejaram em torno do palácio imperial. Pouco depois, rebentavam revoluções em vários pontos, espalhando a destruição e a morte.

Em 18 de Fevereiro de 1853, o imperador foi alvo dum atentado que o deixou gravemente ferido. O húngaro Libenyi, saltando para o côche imperial, feriu o jovem soberano com uma punhalada na nuca.

No ano seguinte, casou-se com a sua prima Isabel de Baviera, que amava com verdadeira paixão. A vida começava a sorrir-lhe e o seu lar de Hofburgo alegrava-se, a breve trecho, com o nascimento duma filha encantadora...

Uma tarde — era em Maio, o mês das flores — o imperador, durante um passeio pelo parque, ouviu crocitar os corvos. Uma nova fatalidade o ameaçava. No dia seguinte — 29 de Maio de 1858 — a princesinha morria com vinte e seis meses de idade.

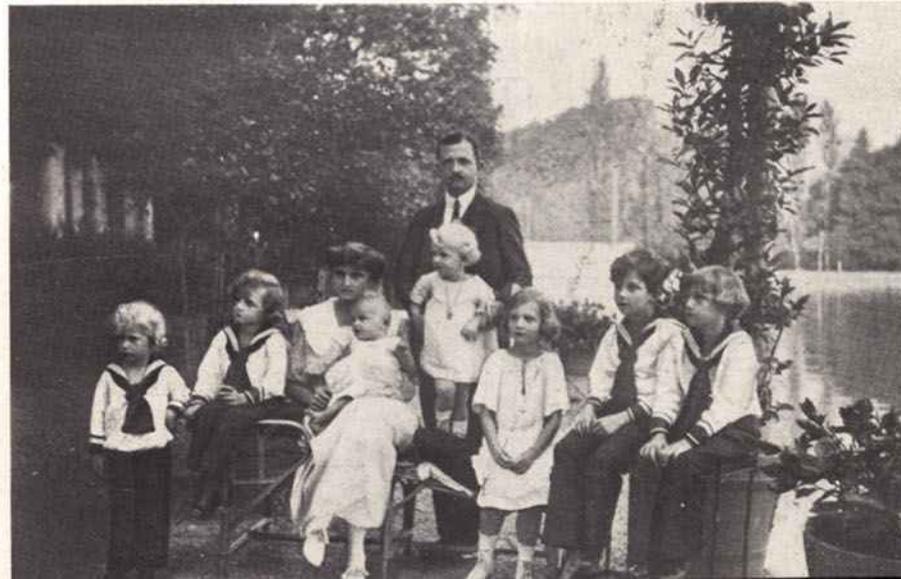
Nasceu outro filho — o arquiduque Rodolfo — que seria o sustentáculo da dinastia, se o estigma da Fatalidade o não tivesse marcado para mais desventurados tranfes.

Surgiram novas revoluções, o país foi assolado pelos três pavorosos flagelos — a fome, a peste e a guerra — e o infeliz Habsburgo foi forçado a assinar a paz de Zurich que lhe arrebatou a Lombardia. O general Moltke infligiu-lhe a derrota de Sadowa que lhe acarretou a vergonha do Tratado de Viena, isto é, a perda de Venesa.

Os corvos, sempre os corvos de Argávia!

O imperador Francisco José tinha procurado refúgio no seu castelo de Schoenbrunn, onde, anos antes, havia agonisado o filho de Napoleão. Esse casarão imenso que tinha servido de gaiola ao filho da Águia, transformava-se agora em claustro

O imperador Carlos, ex-pulso da Áustria, durante o seu exílio na Ilha da Madeira, com sua esposa, a imperatriz Zita e os seus filhos Otto (actual pretendente ao trono), Adelaide, Roberto, Felix, Carlos Luiz, Rodolfo e Carlota. Esta fotografia foi tirada meses antes do falecimento do desgraçado Habsburgo



de penitência do desventurado Habsburgo.

Era preciso expiar os crimes dos seus antepassados que eram muitos e abomináveis. Triste herança a sua! Que culpa teria ele do que os outros fizeram?

Nisto, aparecem novamente os corvos. Que iria suceder? Que nova desgraça iria desabar?

Seu irmão, o imperador Maximiliano do México acabava de ser fusilado em Queretaro. A imperatriz Carlota encontrava-se na Europa à procura de auxílios para arrebatá-lo ao seu amado esposo às garras dos seus verdugos de além-mar.

Napoleão III — o maior culpado da louca aventura do irmão de Francisco José — nada fez em seu proveito.

Carlota insultou-o, recordou-lhe a sua ascendência em que havia uma lavadeira de mau porte, e declarou-se humilhada — ela, filha de sangue real sem mescla — em ter de recorrer à protecção de tal homem. Saíu das Tulherias, desgrenhada, ofegante como uma louca, e foi implorar a protecção do Papa. Quando se apercebeu da inutilidade dos seus esforços, teve uma crise terrível e endoideceu.

Numa das cartas que escrevera à sua amiga condessa de Grumm, suplicara: "Rese por mim e pelo Mexico!" Esta prece foi ouvida com certeza. Quando chegou a notícia do fusilamento do infortunado Habsburgo, a imperatriz Carlota já não podia compreendê-la. Na sua persistência de louca, acreditou sempre no próximo regresso do seu bem-amado esposo que se encontrava prisioneiro do México. E esta esperança acompanhou-a durante quasi meio século, até à hora da morte.

Francisco José de Austria, na sua amargura, considerava-se o mais desgraçado dos homens.

Nisto, morre-lhe a mãe que ainda o afagava nas horas mais angustiosas; e, pouco depois, morre-lhe o tio de quem herdara o trono e que o amava tão acrisoladamente como um pai. A sua solidade é perturbada por novas revoluções que debilitam o país e empobrecem o povo, já tão sacrificado. A crise financeira envolve o referver das paixões mesquinhas, e os especuladores da Bôlsa, à semelhança dos salteadores que se aproveitam das grandes catástrofes para rou-



O arquiduque Otto de Habsburgo quando passou por Lisboa a caminho do exílio

bar mais à vontade, descem como corvos sobre um grande campo de batalha.

O desgraçado Habsburgo sofre. A Prússia, aproveitando a adversidade que fustiga êsse desditoso soberano, obriga-o a novas humilhações e de cada vez lhe arranca um pedaço do seu império. Não lhe tirará o seu manto real, porque lho reserva para mortalha.

Quanto tempo teria ainda de sofrer?

Restava-lhe ainda o filho, o arquiduque Rodolfo, mas êste tresloucado rapaz era um verdadeiro monstro de depravação. E daí — quem sabe? — talvez êle viesse a ganhar juízo.

Na manhã de 30 de Janeiro de 1889, o imperador voltou a vêr os corvos... Horas depois vieram dar-lhe a notícia de que o arquiduque herdeiro se suicidára no pavilhão de caça de Meyerlyng, onde costuma celebrar orgias com a baronesa de Vetsera, sua amante e vários outros pares depravados.

Foi nesta altura que o arquiduque João Nepomuceno da Toscana fugiu horrorizado por êsse mundo fóra sob o nome de Jean Orth, e não tornou a aparecer.

Talvez assim conseguisse escapar á fatalidade que perseguia a sua família e todos os que a ela se ligavam.

A duquesa d'Alençon, irmã da imperatriz, teve morte horrorosa no incêndio do Bazar de Caridade, em Paris, no dia 4 de Maio de 1897. Dez meses depois, em Genebra, a própria imperatriz, esposa de Francisco José, caía assassinada pelo anarquista Luccheni.

O imperador já não tinha mais lágrimas para chorar.

Parando, de repente, na

estrada da vida, olhou para traz e só encontrou luto, sepulturas, desolação e cinza.

Os seus entes mais queridos tinham caído, tocados por um terrível malefício. Cumprira-se a praga sangrenta do conde de Argávia, fortalecida pela maldição do duque D. Duarte de Bragança.

A casa dos Habsburgos ia-se desmantelando, a pouco e pouco. Em 22 de Março de 1900, a nora do imperador e viuva do arquiduque Rodolfo, herdeiro do trono, casa com um húngaro blebeu, embora arvorado, á última hora, em conde de Lonyay. Três meses depois, o novo herdeiro, arquiduque Francisco Fernando casa morganaticamente com a condessa de Chotek. Seguidamente, a princesa Luísa de Saxe, uma Habsburgo, envergonha a família, fugindo com o preceptor dos seus filhos. Todos estes factos se iam cravar como punhais dilacerantes no coração desse imperador que, para onde quer que se voltasse, só encontrava espectros e humilhações.

Em face da rebeldia manifestada por seu irmão Luiz Victor, o soberano foi forçado a impôr-lhe o exílio que mal chegou a conhecer, porque morreu pouco depois.

Surgiu, por fim, o atentado de Sarajevo. O assassinio do arquiduque Francisco Fernando e sua mulher serviu de pretexto para fazer rebentar a Grande Guerra que custou dez milhões de vidas.

Os corvos deviam ter crocitado pavorosamente nessa manhã de junho de 1914.

Quando o imperador Francisco José de Austria faleceu, ainda a carnificina ia em meio. Sucedeu-lhe o sobrinho Carlos, neto de seu irmão Luiz. Outro Habsburgo que ia sentir a maldição do conde de Argávia.

Assumindo o poder no próprio dia 21 de Novembro de 1916, em que seu tio-avô se desprendera desta vida, o imperador Carlos sentiu logo a impossibilidade de conservar-se no trono. Dois anos depois, renunciou temporariamente ao govêrno da Austria pelo manifesto de 11 de Novembro de 1918. Daí a cinco meses era expulso para todo o sempre. Acompanhou-o no exílio a sua carinhosa esposa Zita que sacrificou estoicamente as vinte seis primaveras da sua risonha mocidade a uma vida quasi de miséria através das inconfundíveis belezas do Funchal.

No dia 1 de Abril de 1922, o infeliz Habsburgo finava-se com 36 anos de idade. Nem ali, nesse recanto de paraíso, nessa ilha da Madeira encantadora que é vedada — segundo é fama — aos animais peçonhentos, nem ali os corvos o deixaram em paz.

Entretanto, o trono austríaco era posto de lado, talvez para não fazer mais infelizes.

Pretelege agora o arquiduque Otto de Habsburgo restaurá-lo e sacrificar-lhe os seus vinte e dois anos de príncipe de balada?

E para quê? Pobre príncipe romântico, de olhos nostálgicos e sonhadores!

Os corvos fatídicos do vingativo conde de Argávia voltarão. Hão de voltar com certeza.

Gomes Monteiro.



O arquiduque Francisco Fernando e sua esposa morganática (assassinados em Sarajevo) com seus três filhos

Esther Toivonen, «miss» Finlândia, que foi eleita «miss» Europa 1934. — Ao lado, as concorrentes ao certame internacional de beleza de Hastings (Inglaterra)



A MAIS BELA MULHER DA EUROPA

deusa da beleza. Pois agora apresentaram-se dezasseis «misses» representantes dos seguintes países: Dinamarca, Hungria, Holanda, Noruega, Polónia, Rússia, Espanha, Roménia, Sibé-

ria, Itália, Inglaterra, Finlândia, França, Bélgica, Checoslováquia e Alemanha. Ostentavam os seus trajes regionais do mais puro desenho clássico. «Miss» Dinamarca vestiu-se de brocado vermelho bordado a ouro, prata e azul — o traje de festa da região de Amager, ilha próxima de Copenhague; «miss» Húngria à moda das terras de Pwzta; «miss» Holanda como as aldeãs de Zeeland; «miss» Noruega como as lavradeiras de Setesdalen; «miss» Polónia com o seu traje de veludo ajustado ao corpo e enfeitado a pedras finíssimas; «miss» Rússia com um vestido cheio das fantasias do traje russo; «miss» Espanha com o tradicional traje andaluz; «miss» Roménia com o traje azul pálido bordado a prata e blusinha bordada a vermelho, segundo o tão conhecido uso romeno;

«miss» Sibéria com diadema à russa e completamente envolta num manto branco como a neve das suas estepas; «miss» Itália com o clássico traje calabrês; outras ainda, e, finalmente «miss» Finlândia com um traje aldeão que, pela sua singeleza de linhas e pouca variedade de colorido, constituía uma maravilha.

À passagem de cada uma das concorrentes, a orquestra executava o hino do seu país.

Por fim, foi eleita «miss» Finlândia que passou a ser «Miss» Europa. Calcula-se as aflições dos vários Páris que constituíram o júri. O pômo áureo foi entregue «à mais bela», segundo a velha indicação da Discórdia.

E, como não podia deixar de ser, levantou-se rija questão. «Miss» Bélgica levantou o seu solene protesto e acompanhou sua mãe no primeiro navio que partiu para a costa belga a fim de intentar um processo contra os organizadores do concurso...

Dêste desaire se livrou o pastor Páris, talvez por não se usar nesses tempos fabulosos e felizes o papel selado.

MAIS um concurso de beleza para eleição da jovem mais linda da Europa. Desta vez realizou-se em Hastings, na Inglaterra, com a presença de 16 concorrentes. Enquanto, em Genebra, os delegados das várias nações procuravam consolidar a paz no coração do Mundo, dezasseis delegadas de outros tantos países disputavam o «pômo da discórdia» nêsse delicioso recanto britânico.

Vem a propósito recordar o primeiro concurso de beleza de que nos fala a mitologia. Nas bodas de Tethis e Peleu, que foram honradas com a presença dos deuses do Olimpo, não compareceu a Discórdia, visto não lhe ter sido enviado convite. Esta divindade, indignada com tal procedimento, jurou vingança, e, durante o banquete da boda, atirou sobre a mesa um pômo de ouro com a inscrição: «à mais bela».

Levantaram-se logo a pleitear formosura Vénus, Minerva e Juno, e tanta algazarra fizeram que Júpiter, para deitar água na fervura, ordenou ao pastor Páris que decidisse a contenda.

Lá fora, a Discórdia esfregava as mãos de contente.

Realizou-se, pouco depois, o primeiro concurso de beleza, tendo o ingénuo pastor passado um mau quarto de hora para dar a sua opinião. Se dum lado, a orgulhosa Juno lhe prometia opulência, do outro, a sapiente Minerva oferecia-lhe a sabedoria. Vénus limitava-se a sorrir-lhe tão docemente que o pobre Páris se sentia perturbado. Nisto, a formosa Vénus ciciou-lhe ao ouvido «Se me deres o prémio, dou-te em paga a mulher mais linda».

O pastor não quiz ouvir mais e entregou à deusa que assim lhe falava o disputado pômo áureo. E, desde então, Vénus passou a ser a

deusa da beleza. Pois agora apresentaram-se dezasseis «misses» representantes dos seguintes países: Dinamarca, Hungria, Holanda, Noruega, Polónia, Rússia, Espanha, Roménia, Sibé-



«Misses» Holanda, Noruega, Hungria e Espanha ensaiando os costumes pittorescos dos respectivos países



Cosyus e Van der Elst junto do balão em que subiram recentemente à estratosfera

durante a sua passagem pela atmosfera. Conclui-se daqui que a 100 quilómetros existe ainda uma atmosfera capaz de incendiar pelo atrito esses corpos animados de enormes velocidades.

Infelizmente, a observação directa dessas altas regiões não pode ser, por enquanto, tentada. Os aeronautas só afrontando múltiplos riscos conseguem atingir vinte quilómetros de altura. Quando os balões-sondas, munidos de aparelhos registadores, têm sido lançados na estratosfera, o seu «record» não vai além de 37.700 metros.

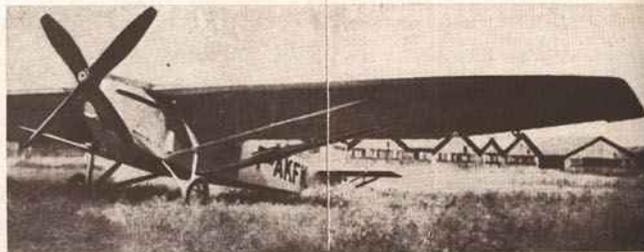
Afirmam-se, de certo modo, insignificantes estes resultados se os compararmos com a vastidão inexplorada da atmosfera. De facto, dos 600 quilómetros em que pode computar-se a altura do occa-

no aéreo, o homem apenas possui dados concretos sobre uns escassos 40 quilómetros.

Mas para compreender o valor desta conquista da ciência há que ter em conta os limites estreitos que a Natureza impôs à vida terrestre. A ave que se eleva a maiores alturas, o condor, não ultrapassa 8.000 metros. Tudo indica que daí para cima não existe qualquer manifestação de vida. Mas o homem não respeitou esses limites. Sem falar já dos exploradores da estratosfera, citaremos o aviador francês Lemoine, detentor do «record» mundial de altura, que em 28 de Setembro do ano passado subiu a 13 661 metros. E a ambição humana não se dá ainda por satisfeita.

Apesar de, como vimos, as camadas superiores da atmosfera serem deficientemente conhecidas, a física permite estabelecer algumas teorias sobre a sua composição.

Até meados do século XVII supunha-se, geralmente, que o ar não era pesado. As experiências de Galileu e Torricelli demonstraram que esse conceito era errado. Daí derivou, logicamente,



avião estratosférico construído pela casa «Farman»

Desde que em 1931 o sábio suíço Augusto Piccard penetrou pela primeira vez na estratosfera, elevando-se no seu balão a uma altitude de 15 781 metros, diversas ascensões do mesmo género se têm realizado com o propósito de desvendar os segredos da camada gasosa que envolve o globo e resolver alguns problemas que muito interessam à ciência.

O conhecimento da atmosfera é, ainda hoje, muito incompleto, sobretudo no que respeita às altas regiões. Assim, não é possível determinar com qualquer aproximação até onde se estendem os seus limites nem onde começa o vácuo absoluto. Uma das características dos corpos gasosos é a expansibilidade. As moléculas que compõem esses gases tendem, portanto, a dispersar-se no espaço e a sua pouca densidade faz com que tenha sobre elas pouco efeito a acção da gravidade. Pode por isso supor-se que a atmosfera existe, ainda, sob uma forma muito tênue, a 600 quilómetros de altura e alguns sábios pretendem que a radiação solar arranca à Terra parte dessas camadas extremas.

Não vão, porém, tão longe os conhecimentos positivos que sobre esse assunto possuímos. O pouco que se sabe baseia-se na observação de diversos fenómenos que se produzem nas grandes altitudes.

Sabe-se, por exemplo, que a 40 quilómetros de altitude a atmosfera tem ainda suficiente densidade para transmitir vibrações sonoras. Prova-o, de maneira evidente, o facto de se ouvir na superfície do globo, em diversas ocasiões, a detonação de meteoros que explodem a essa altitude.

Outros meteoros têm sido observados a uma distância de 100 quilómetros. Trata-se, como é sabido, de asteroides errantes no espaço que se tornam incandescentes

CONQUISTA

As ascensões vão tornar possíveis os vôos à velocidade de

a certeza de que a sua densidade devia variar, diminuindo com a altura. O cálculo permite hoje avaliar a rarefacção do ar nas camadas inacessíveis.

Um século depois, Lavoisier fazia uma descoberta mais sensacional ainda. Decompunha o ar, que sempre fora considerado um elemento, e desdobrava-o em dois gases inteiramente distintos: oxigénio e azoto. Não eram estes, de resto, os únicos corpos que entravam na composição do ar. As investigações realizadas nos últimos cinquenta anos levaram à descoberta de outros gases raros: o argon, o hélio, o krypton, o neon, o xenon, etc.

Ora as teorias físicas permitem concluir que a partir de 80 quilómetros a constituição do ar é diferente da que conhecemos. A medida que a sua altitude aumenta, o hidrogénio vai substituindo progressivamente o azoto, até completa desapareição deste. A cem quilómetros o ar compõe-se quasi exclusivamente de hidrogénio e hélio. Começa aí a encontrar-se um novo gás, o geocórónio, que a 200 quilómetros deve encontrar-se em proporção igual à do hidrogénio. Nas camadas extremas supõe-se que a atmosfera seja constituída exclusivamente pelo geocórónio. Este formaria, portanto, uma espécie de envólucro do nosso planeta e daí provem a etimologia do seu nome, que significa «corça da Terra».

Para o estudo da atmosfera, é costume dividi-la em duas zonas principais. Uma, compreendida entre a superfície da terra e 11.000 metros de altura, tem o nome de *troposfera*. Outra, que se estende a partir desse ponto, é designada por *estratosfera*. É sobre esta última que se concentra em especial a atenção dos sábios.

A exploração da estratosfera tem para a ciência muito maior importância do que à primeira vista se afigura.

Nas altas regiões da atmosfera passam-se fenómenos cuja influência nas condições meteorológicas é considerável. É o caso do bombardeamento electrónico proveniente do Sol. O conhecimento exacto dessa questão, que está ligada às variações das manchas solares, é, pois, do mais alto interesse para o progresso da meteorologia.

As poeiras e vapor de água em suspensão na

DO ESPAÇO

à estratosfera dentro de breve tempo mil quilómetros por hora

troposfera constituem um filtro oposto à passagem dos raios ultra-violetas emitidos pelo Sol. Nas altitudes atingidas pelos balões estratosféricos a intensidade desses raios é muito maior visto não existirem aí os factores prejudiciais a que nos referimos. O seu estudo pode, por isso, fazer-se com maior proveito.

Há ainda o problema dos raios cósmicos ou ultra-x. Sabe-se que o poder de penetração dessas radiações é enorme, pois podem atravessar uma espessura de cinco metros de chumbo. Sobre a sua origem, os sábios divergem muito. Quasi todos lhe atribuem origem nos espaços interestelares. Alguns supõem que elas são devidas à aniquilação da matéria. Seja como for, parece averiguado que a sua intensidade aumenta até certa altura. E' pois aos exploradores da estratosfera que compete desvendar o mistério dessas radiações. E para que se avalie do interesse que o problema reveste basta dizer que o professor Piccard, numa audaciosa profecia, apontou essas radiações como fontes inesgotáveis de energia que a Humanidade, dominará um dia para as pôr ao seu serviço.

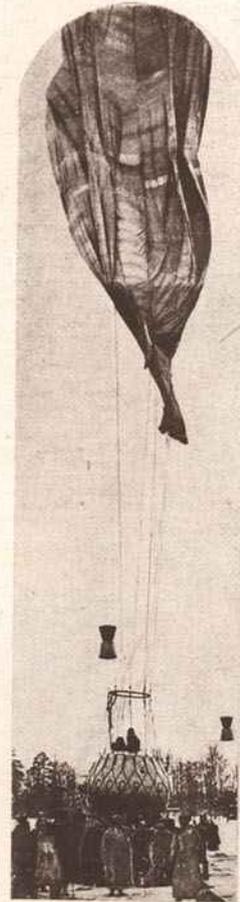
Outra finalidade das ascensões, sob um ponto de vista mais pratico, é o estudo da aviação na estratosfera, problema a que adiante nos referimos.

A primeira ascensão estratosférica foi, como dissemos no principio deste artigo, a do professor Piccard em 1931. Em 18 de Agosto do ano seguinte, o sábio realizou nova ascensão, atingindo desta vez a altura de 16.300 metros.

Os sábios russos dedicam grande actividade a este género de explorações. O professor Prokofief realizou em Setembro do ano findo uma notável ascensão a bordo do «Stratostat U. R. S. S.». Sobre a máxima altitude que atingiu há diversas opiniões, visto que o balão não levava barógrafo, mas admitem-se que tenha ultrapassado 18.000 metros.

O balão russo «Osoaviakhim» momentos antes de iniciar a ascensão em que chegaram a 20 mil metros de altura

O balão russo «Osoaviakhim» momentos antes de iniciar a ascensão em que chegaram a 20 mil metros de altura



Para completar as observações colhidas por Prokofief, três russos, Fedosenko, Nasenko e Usyskin, tentaram em 30 de Janeiro deste ano, nova ascensão. Um pavoroso deastre veio rematar a perigosa aventura. Durante a descida o envólucro do balão rasgou-se devido a causas desconhecidas. A barquinha precipitou-se no solo de enorme altura e os infelizes aeronautas encontraram dentro dela a morte.

Nos Estados Unidos, o principal animador destas ascensões tem sido o tenente W. Settle. Em fins do ano passado subiu a 18 667 metros, acompanhado pelo major Fordney. Tentou repetir há pouco tempo a proeza mas não foi bem sucedido. Tal como acontecera aos aeronautas russos, o envólucro do balão de Settle rebeitou. Este e os seus dois companheiros escaparam a uma morte certa saltando, no espaço, um após outro, munidos de pára-quadras.

Recentemente, Max Cosyus e Van der Elst efectuaram na Bélgica uma outra ascensão cujos resultados científicos não foram ainda publicados, mas que se julga ter sido particularmente frutuosa.

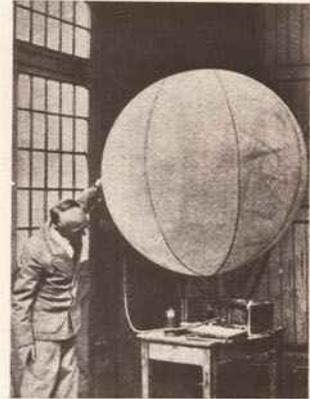
Daqui se conclue que estas expedições não são de modo algum isentas de perigo. E maiores êles irão sendo à medida que se for procurando atingir maiores altitudes.

O estado actual da ciência permite prever que a navegação na estratosfera será um facto dentro de breve tempo. Diversos fabricantes de material aeronáutico, entre êles a casa alemã Junkers e a francesa Farman, têm em construção ou ensaio aparelhos destinados a esse fim.

O vôo na estratosfera oferece facilidades enormes e obstáculos tremendos. Por um lado, a menor resistência do ar nas grandes altitudes tornará possíveis velocidades muito superiores às actuais. Por outro, a rarefacção atmosférica levanta uma série de problemas de difficilissima solução.

A partir de certa altura, a cabina dos aviadores têm de se fechar e ser perfeitamente estanque. Não seria possível, doutro modo, aos aeronautas respirar e resistir às temperaturas extremamente baixas, que a quinze mil metros chegam a ser de 50 e 60 graus Fahrenheit abaixo de zero.

O fornecimento de ar ao motor, para formação com o carburante da mistura explosiva, é outro aspecto delicado do problema. Para esse fim tornam-se necessários compressores, visto que o ar rarefeito não per-



Preparativos do lançamento dum balão sonda para investigações na estratosfera

mitiria o funcionamento normal do aparelho. Para mais, o grau de compressão do ar têm de variar com a altitude, o que obriga a empregar complicados dispositivos.

Numa atmosfera menos densa, a hélice perde também parte da sua eficiência. Para compensar isso, imaginaram os inventores hélices variáveis, cujas pás aumentam de comprimento a partir de certa altura mercê dum engenhoso maquinismo.

O frio das grandes altitudes faz surgir ainda uma série de problemas. Um deles é a escolha do combustível e dos lubrificantes que o avião há-de consumir. É necessário que êles sejam de tal natureza que não corram risco de congelar, o que a dar-se provocaria uma catástrofe. Há também que estudar a resistência dos metais, que o frio pode diminuir consideravelmente.

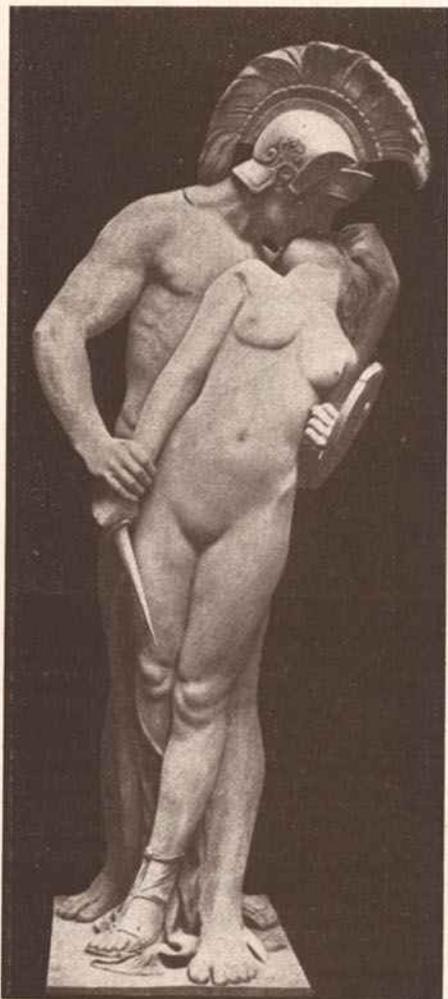
Em compensação, além das vantagens já mencionadas, o vôo na estratosfera, é ainda facilitado pela visibilidade de muitos astros, mesmo em pleno dia. Devido ao facto de a absorção de luz pelo ar ser ali menor, todas as estrelas de primeira grandeza são visíveis à vista desarmada. O aviador poderá, portanto, orientar-se por elas. Não terá também a recear as nuvens ou nevoeiros, fenómenos que não se registam na estratosfera.

Calculam os técnicos que, vencidos todos os obstáculos, seria possível alcançar velocidades entre 800 e 1.000 quilómetros por hora. Um vôo da América à Europa não levaria assim mais de dez a doze horas.

Convém notar que estas antecipações não são de modo algum fantasiosas. É opinião assente, nos meios autorizados da aviação internacional, que o vôo na estratosfera será uma realidade corrente dentro de um ou dois anos.

Também os meios de propulsão tendem a evolucionar. Diversos sábios dedicam um aturado labor ao estudo da propulsão por meio de explosivos. Muitas experiências se tentaram já nesse sentido e nalgumas perderam a vida os inventores. Mas tudo indica que o domínio do vôo nas altas regiões da atmosfera caberá aos engenheiros accionados por explosões sucessivas, no género do foguete, que permitirá alcançar velocidades que hoje se afiguram astronómicas.

E o Homem terá assim a ilusão de dominar o tempo.



A mais terrível arma feminina

E assim acabou o impeto invasor do terrível general Sisara, o invencível batalhador que uma mulher subjugara com um sorriso, alguns beijos... e um prego de dois palmos.

Sempre assim foi. O valente Sansão que, num dia de mau humor, deu cabo de mil filisteus com a queixada dum burro, deixou-se cair rendido de amores nos braços da traçoeira Dalila. Ao que parece, a tal caveira do gerico contagiou o herói, transmitindo-lhe o mal da burrice. Sansão entregou-se de corpo e alma á pérfida amante e começou a fazer loucuras sobre loucuras. A maior de todas foi deixar-se adormecer no colo da linda filisteia que o havia de entregar aos seus algozes.

Sansão não andou bem... Mas haverá algum homem sobre a terra que, ainda hoje, não tenha cometido loucuras idênticas?

Enquanto o mundo for mundo, não de existir Dalilas e Sansões.

Hoje em dia, a Mulher tenta equiparar-se ao Homem, não só nas conquistas intelectuais, como nas próprias proezas atléticas.

E para quê? Para dominar o Homem? Mas se a Mulher ainda não deixou de ser a única soberana do Universo, se continúa a ser a dominadora excelsa, que maior conquista desejará alcançar?

Tenta masculinizar-se aos olhos do Homem, tornar-se inestética, brutal e disforme? Mas, nessa altura, terá perdido o seu grande poder que sempre residiu na sua própria fraqueza.

Sonnenfeld, o grande escultor alemão, definiu a força feminina, no seu magnífico trabalho «O guerreiro desarmado».

O herói deixa-se envolver pelo abraço acariciante duma mulher franzina que o envolve e subjugava e acaba por arrebatar-lhe o gládio vencedor de mil batalhas. E tudo isto é conseguido por uma mulher débil como uma flôr.

que a cosinha da heroína de Certã que cegou os invasores com uma çarrolada de azeite a ferver.

A Mulher não nasceu para medir forças, mas para ser a mais delicada flôr do jardim da Natureza.

A libertação de Capua, tantas vezes citada como o mais eloquente dos exemplos, foi devida, não á valentia dos seus guerreiros, mas ás carícias perturbantes das suas mulheres.

Por isso, quando deparamos com mulheres arvoradas em heroínas revolucionárias; meditamos um pouco no desastrado fim que estaria reservado á atrevida Judith se, em vez de embriagar com os seus afagos o brutamonte Holofernes, o tivesse desafiado para um combate á espada curta.

Judith sabia o valôr da única arma que possuía e utilizou-a. Ao terceiro beijo, o feroz general assírio deixava-se embalar como se fôsse uma criança. E foi suavemente, docemente que deixou descaír a cabeça que a astuta mulher lhe deceparia com a própria espada.

Porque morreu Abimelech?

Por se deter a fitar uma linda mulher que lhe sorria do alto da muralha sitiada. Naquele sorriso havia promessas deliciosas confirmadas por um beijo atirado á distância. O rei, esquecendo-se da sua função de comandante de milhares de homens ávidos de saque e morticínios, parou a contemplar esse sorriso... Foi o seu mal. A formosa sitiada, quando achou azado o momento, atirou-lhe á cabeça com um pedregulho enorme que lhe fracturou o crânio.

O tirano, ao sentir-se ferido de morte, suplicou a um dos seus soldados: «Desembainha a tua espada e degola-me. Não quero que se diga que o rei Abimelech morreu ás mãos duma mulher».

Nada aproveitou com este subterfúgio. Foi uma mulher que o matou, não com um calhu, mas com um sorriso que lhe arremessara num beijo tentador.

Foi esta sempre a terrível arma feminina que tem feito ruir impérios e convulsionar o mundo.

A maneira de esgrimir essa arma poderosa pode diferir nos vários países. Entre os esquimós, o beijo é dado com o nariz...

Na América, há o beijo cinematográfico, aparatoso, fulminante que é exportado em toneladas de celuloide para a civilizada Europa que quanto mais beija, mais apetite tem de beijar.

Uma das últimas criações dos grandes mercados beijoqueiros é o beijo sensual, quente como um vulcão e demorado como um carro eléctrico em momento de pressa, o beijo Joan Crawford e que está fazendo uma escola muito razoável. Por mais que se masculinize — temos essa fé — a mulher não há de deixar nunca de ser mulher.

Que é a sua arma mais perigosa, tem ela a certeza, e, por isso, a utiliza, consoante pode e sabe.



A história de ontem, a história de hoje, a história de sempre...

A famosa Pompadour alcançou mais com os seus beijos do que a heroína Joana d'Arc com os seus exércitos. Se uma conseguiu libertar uma pátria das garras do invasor, a outra foi a soberana do rei dessa mesma pátria.

Na recólha de triunfos, enquanto a Pompadour dominava a França, transformando a sua alcôva em sala do trono, o povo não se lembrava já da desditosa donzela de Orleans queimada numa fogueira por ter pacto com o diabo.

Pode a gratidão dum povo erguer monumentos ás suas figuras mais gradas, pode immortalizar no bronze os seus feitos dignos de memória, que a triste realidade hade subsistir sempre.

A Pompadour foi mais temível despertando o seu espartilho, do que a «Pucelle» ajustando a sua armadura, de ferro forjado.

O toucador da nossa Leonor Teles continha armamento mais poderoso e proficuo do



A Mulher foi sempre a única soberana do Universo. O Homem — pobre dele! — apesar do seu orgulho desmedido que o leva a intitular-se o rei da Criação, nunca passou da humilima condição de escravo.

Foi a nossa mãe Eva que arranjou o conflito do pecado original, graças ao qual ainda andamos a sofrer e sofreremos, sabe-se lá até quando.

Adão desobedeceu a Jehovah para obedecer á sua Eva tentadora.

Depois, tudo foi correndo de maneira idêntica: a Mulher dando ordens, e o Homem cumprindo-as com risco da própria vida.

Segundo a Bíblia, é Jahel que faz parar o impeto das hostes invasoras do seu torrão, tornando-se digna do cântico que em sua homenagem ergueu a inspirada poetisa Débora.

E como conseguiria essa formidável Jahel realizar um tal prodígio? Usando, como não podia deixar de ser, a sua arma terrível — a meiguice.

A frente dos invasores vinha o general Sisara, homem de maus fígados que deixava na sua passagem a morte e a destruição.

Quando o seu carro passou em frente da casa de Jahel, esta heroica mulher desceu a receber com todas as honras o selvático tirano daquela região. Envergara o seu trajo mais rico, arrebicava-se o melhor que pôde e soube, e entreabriu o mais galante sorriso que prometia mundos de ternura.

O indômito general tentou-se, e entrou em casa da encantadora Jahel. Nada faltava ali. A mesa estava posta como para uma bôda. Após as libações da praxe, os braços da astuta fêmea envolveram-lhe o cachaço áspero e cabeludo. O guerreiro deixou-se embalar ternamente, docemente, e acabou por adormecer...

Jahel, ao vê-lo bem ferrado no sono, pegou num prego de meia galcoia e apontou-lho ao ouvido. Depois, com um martelo de malhar ferro, bateu desalmadamente até que o prego, atravessando o crânio do general, se foi cravar no soalho.

A MAJESTADE DOS GATOS

O gato é o mais orgulhoso e o mais simpático dos animais que nos rodeiam. Deram-lhe a designação de doméstico e ninguém conseguiu ainda domesticá-lo. Faz o que quer e o que muito bem lhe apetece, e só acode ao chamamento do seu dono quando isso lhe apraz. Salta-nos para os joelhos quando sente necessidade de acomodar-se mais confortavelmente. Só por isso. As marradinhas que por vezes nos dá representam sempre um pedido que é forçoso satisfazer.

O cão pode ser o símbolo da fidelidade, pode morrer de saudades pelo seu dono e levar a sua subserviência a ir buscar o chicote para que o castiguem.

O gato está acima desses sentimentalismos piegas. Não rasteja, não se humilha. De todos os animais que enfeitam o lar é o único que se recusa a reconhecer a soberania do homem.

Se deseja um carapau e não o vê ao alcance das suas unhas de ladrão de raça, mia com arrogância como quem dá uma ordem imperiosa. Se não o atendem, éle — conhecedor como poucos da psicologia humana — sabe miar com ternura como se fizesse uma súplica e encolhe as garras que teria vontade de cravar nas carótidas desse animal inferior que se diz seu dono.

É hipócrita, é cínico, é perverso, é dissimulado porque não tem a corpulência do tigre ou do jaguar. Se a tivesse, não daria marradinhas, nem faria «rom-rom» para alcançar qualquer acepipe da sua preferência. Limitar-se-ia a devorar o dono, que é, de resto, o mesmo que este faz aos outros bichos da Criação.

O gato adapta-se às circunstâncias, mas adentro dum limite muito restrito.

Se o atacam, procura evitar esforços inúteis e foge sempre que lhe é possível, mas sem quebra de prestígio. Quando não pode fugir airoso, põe-se em guarda e ataca com toda a sua impetuosidade felina, seja de que espécie for o adversário.

E é vêr como éle defronta um canzarrão, indiferente à sua corpulência e arqueando o dorso como uma serpente. Na luta apenas se ouve o ladrar desesperado do cão, que é quasi sempre rematado por um ganido lancinante quando as unhas do gato encontram os olhos do seu feroz inimigo.

O gato sabe que faz mal e quando o faz. A prova está na sua fuga imediata após qualquer

grossa maroteira cometida. Esconde-se, a vêr se se esquecem da maldade feita, e só aparece, por mais que o chamem, muitas horas depois.

Podem bichanar por éle à vontade que, lá do seu esconderijo, o mariola deve estar dizendo consigo:

— «Pois sim, vai chamando que bem te entendo... Julgas que sou tão parvo como o «Nilo» que foi buscar a correia para levar com ela!»

E só se digna aparecer quando calcula que a tempestade esteja amai, nada.

Aquí há tempos, um padre do Minho, tendo feito anos, recebeu muitos presentes dos seus amigos e admiradores. Entre as oferendas iam alguns pratos de doce finissimo artisticamente desenhados a canela. O bichano, dando por isso, planejou um lauto banquete, e, logo que lhe foi possível, introduziu-se na despensa...

No final do jantar de anos, que o padre organizara com todo o esmero, quando foram buscar as eguarias oferecidas para servirem de digna sobremesa de tão opulento festim, todos os pratos tinham sido babujados pelo gato. Na sua ânsia de provar de tudo o que havia, metera a pata nas várias especialidades,



tornando-as impróprias de qualquer mesa.

O padre ficou furioso. Levantou-se e foi à procura do gato. Havia decidido a sua sentença de morte. Meteu o bichano num quarto e, agarrando numa espada ferrugenta que pertencera a um avô patuleia, arvorou-se em



executor do bicho. Como se notasse a falta do padre, foram à sua procura. Ninguém dera pela sua saída... Mas para onde teria ido? Onde estaria metido? Ao cabo de muito procurar, suspeitaram de que estivesse no tal quarto vago. Arrombada a porta, depararam com este doloroso espectáculo: O padre, estendido no chão, de espada ainda bem segura na não crispada, tinha o gato filado ao pescoço. O felino, ao sentir-se tocado pela lamina, atirára-se ao homem e rasgara-lhe as carótidas com as unhas aceradas como punhais.

O padre e o gato tinham morrido agarrados um ao outro, num supremo abraço de extermínio. Isto, de resto, é frequente.

O conego José Maria Ançã, no seu livro «Poema da Juventude» relata uma proeza destas porque o gato lhe dera cabo dum canário que tinha em grande estimação. E o ilustre sacerdote termina o seu relato com este desabafo de satisfação: «Eis estendido o gato, eis-me vingado.»

Felizmente para éle, utilizara um revólver e tivera a boa sorte de acertar no alvo. Se falha o tiro, seria o gato que teria a honra de assinar os vingativos versos com uma pequena modificação nas personagens.

Vem tudo isto a propósito para demonstrar que destes actos de temeridade só um gato seria capaz. O cão, emboia com o tamanho dum bezerro, roja-se humildemente ante o dono que o zurze desalmadamente. Ora, esta docilidade não é de molde a agradar às almas boas. O cachorro que rasteja contrito sob as vergastadas daquele que reconheceu como dono, ainda momentos antes cravara os colmilhos nas canelas dum pobresinho esfarrapado que tivera a triste ideia de ir bater àquela porta a pedir uma cõdea de pão pelo amor de Deus.

O gato nunca praticou tais actos de malvadez. Será hipócrita, será cínico, será perverso, será dissimulado, será comidista, mas é, antes de tudo, orgulhoso como um príncipe — e por isso mesmo, muito simpático.





O «Bathysphere» pronto para realizar uma imersão

feito duma só peça e que pesa cerca de 2.300 quilos. Mede de diâmetro um metro e 45 centímetros. As paredes têm uma espessura de quase quatro centímetros.

A entrada para o interior do globo é fechada por uma porta que pesa 180 quilos e que é mantida no seu lugar por dez potentes fechos. No lado oposto abrem-se três vigias convergentes guarnecidas com chapas de quartzo puríssimo de 20 centímetros de espessura. A do centro serve para a observação do exterior e as outras duas destinam-se à projecção de potentes focos eléctricos que iluminam as águas.

A respiração dos tripulantes está assegurada por um sistema de grande simplicidade. Existem dois reservatórios de oxigénio comprimido que, munidos duma válvula especial, lançam na atmosfera dois litros desse gás por hora. A absorção do ácido carbónico e do vapor de água é feita por produtos químicos. Deste modo o ar mantém-se respirável durante muitas horas.

Dois fios fortemente isolados põem o globo em comunicação com o exterior por telefone e alimentam de electricidade os projectores destinados a iluminar as águas profundas.

Para mergulhar, o «Bathysphere» é suspenso dum cabo de aço com dois centímetros e meio de diâmetro. Um guindaste especial montado sobre o barco de apoio vai-o depois largando pouco a pouco para o fundo do mar.

Para mergulhar, o «Bathysphere» é suspenso dum cabo de aço com dois centímetros e meio de diâmetro. Um guindaste especial montado sobre o barco de apoio vai-o depois largando pouco a pouco para o fundo do mar.

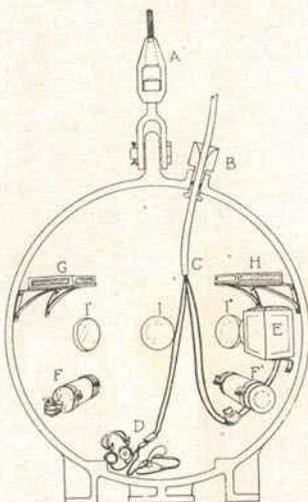
Sobre estas regiões abissais do nosso globo, a ciência possui apenas conhecimentos vagos que lhe são fornecidos, principalmente, pela imersão de sondas contendo diversos aparelhos científicos. Só há pouco tempo se começou a fazer a exploração directa desses abismos. Assim, os resultados obtidos estão longe de corresponder à vastidão do trabalho a realizar. O «record» dos drs. Beebe e Barton não chega a representar uma décima parte da máxima profundidade conhecida.

Nada disto diminui, porém, o valor do feito dos sábios americanos. Foram tão formidáveis os perigos que os dois exploradores arrostaram que, com justiça podemos chamar à sua temerária empreza a mais extraordinária aventura da nossa época.

Como se sabe, a pressão das águas aumenta progressivamente com a profundidade, até atingir cifras fantásticas. A mil metros já ela se exprime em toneladas por centímetro quadrado, e a partir de certo ponto não é já possível conceber materiais que lhe possam opor resistência. No fundo dum desses abismos, um globo construído no aço mais duro que se fabrica seria esmagado como um ovo, ainda que as suas paredes tivessem enorme espessura.

Foi este terrível obstáculo que o dr. Beebe procurou vencer, dentro dos recursos da técnica actual, com a criação dum submarino especialmente dotado para este género de imersão, a que deu o nome de «Bathysphere».

O «Bathysphere» consiste num globo de aço



Esquema do «Bathysphere». A — ligação do cabo de suspensão; B e C — fios eléctricos e telefónicos; D — telefone; E — projector; F e G — tanques de oxigénio; H — dispositivos para absorção do ácido carbónico e da humidade. — I, E e J — vigias para observação do exterior

Os abismos submarinos e a fauna estranha que neles habita

Na primeira imersão o «Bathysphere» não levou tripulantes. Foi apenas montada no seu interior uma máquina de filmar accionada por electricidade. Como a experiência demonstrou que a esfera resistia com êxito a pressão, Beebe e o seu colaborador instalaram-se dentro dela e iniciaram as suas perigosas expedições.

Algumas das observações colhidas pelos dois sábios dizem respeito à luminosidade submarina. Filtrada através duma enorme massa de água a claridade solar vai-se dissipando à medida que a profundidade aumenta. Quinze metros abaixo da superfície, os exploradores verificaram com surpresa que os objectos vermelhos contidos na esfera lhes pareciam negros. Este facto era devido à absorção dos raios vermelhos do espectro pelas camadas líquidas superiores. A cento e vinte metros os caracteres de imprensa vulgares são com dificuldades se liam. E a quatrocentos metros a escuridão era total. A vista humana não divisava o mais ligeiro vestígio de claridade.

Durante estas imersões o submarino foi sendo submetido a pressão cada vez maiores. A água, infiltrando-se através da abertura, apesar de esta se encontrar hermeticamente fechada, cheyegou a penetrar no interior da esfera em quantidades mínimas. Sobre o globo de aço pesavam nesse momento alguns milhares de toneladas. Recordando esse facto, que não podia deixar de estar bem presente no espírito dos dois sábios, o dr. Beebe escreveu:

«Momento único, inesquecível! A nossa morte resultaria da mais ligeira fractura do vidro ou falha do metal. Não havia possibilidade de sermos içados porque as primeiras gotas de água atravessaram-nos iam a carne e os ossos como balas de aço».

Mas o espectáculo que Beebe e o seu companheiro puderam admirar compensava-os largamente do perigo terrível que corriam. Os seus olhos desvendavam maravilhas até então ignoradas. No feixe luminoso dos projectores perpassava uma fauna estranha, de formas monstruosas, que eles eram os primeiros a admirar no pleno mistério do seu ambiente.

A existência de animais nas grandes profundidades é conhecida desde 1861, ano em que Milne-Edwards descobriu alguns seres vivos aderentes a um pedaço de cabo submarino pertencente à linha entre a Sardenha e a Argélia e que estivera mergulhado a cerca de 3.000 metros.

Supunha-se até então que para além de cem metros de profundidade a vida era impossível. Hoje sabe-se que a 6.000 metros se encontram ainda algumas espécies de peixes e situam-se a 7.000 metros as últimas manifestações de vida. Não é contudo impossível que para além desse limite existam ainda organismos vivos de espécie desconhecida.

Para se adaptarem às condições próprias da vida nos abismos, as espécies animais modificam-se da maneira mais imprevisível. Numas, os órgãos da vista atrofiaram-se ou desapareceram

por serem inúteis no seio das trevas líquidas. Noutras, adquiriram pelo contrário, um enorme desenvolvimento afim de distinguirem as mais débeis criadicas. Outras ainda emitem luz própria por intermédio de órgãos especiais e desse modo se orientam na escuridão.

Como abaixo de trezentos ou quatrocentos metros não se encontram vegetais, quasi todos os seres que ali se vivem são carnívoros. A vida revela-se aí sob um dos seus aspectos mais estranhos. As espécies devoram-se entre si. E a luta pela existência reduzida à mais brutal simplicidade — devorar para ser devorado.

Há, porém, algumas espécies não carnívoras. São as conhecidas pela designação de limnários. Alimentam-se de lodo que cobre o fundo das grandes depressões submarinas. Esse lodo é constituído por grãos muito finos alguns de natureza orgânica provenientes de animais mortos nas camadas superiores. Certos limnários que vivem em pontos onde o lodo é pobre em matéria alimentar são obrigados a digerir sem descanso enormes quantidades para retirar o sustento de que carecem.

Por outro lado, a natureza deste solo mole onde faltam pontos de apoio, obrigou esses animais a adaptarem-se para não se enterrarem no lodo. Alguns têm uma tórax achatada semelhante a um prato. Outros possuem longos tentáculos semelhantes a raízes com que se fixam ao terreno.

Mas a maioria vive entre duas águas e desconhece a existência de pontos fixos. Flutuam desde que nascem até que morrem. Os seus meios de locomoção são, em geral, muito mais reduzidos que os dos peixes da superfícies. A ausência total de correntes faz com que não precisem de desenvolver grande esforço para se deslocarem.

Pensava-se antigamente que as grandes pressões não seriam compatíveis com a existência de quaisquer organismos.

A verdade, porém, é que existe em equilíbrio

perfeito entre os líquidos interiores e o ambiente, de tal modo que o animal não é incomodado.

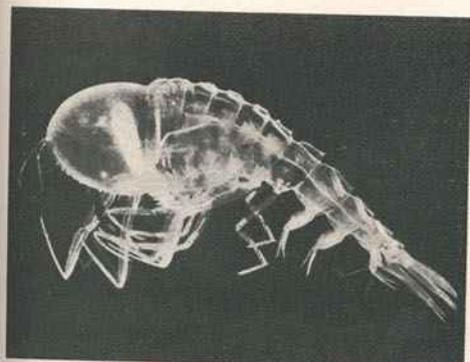
Beebe e Barton puderam durante a sua imersão examinar muitos destes seres, alguns ainda não classificados pela ciência. Colheram também grande número de fotografias do mais alto interesse. Numa das descidas analisaram a luz submarina com auxílio dum espectroscópio. Reuniram assim uma vasta documentação que veio revolucionar os conhecimentos sobre a vida nas grandes profundidades. Sobre os resultados dessas explorações o dr. Beebe publicou uma notável obra que tem o título de «Nonsuch, land of waters».

Num artigo publicado pelo boletim da Sociedade de Geografia dos Estados Unidos, William Beebe faz a descrição pormenorizada de quanto viu e observou durante as suas explorações. Transcrevemos uma passagem que dá com sobriedade uma noção do mundo de formas estranhas cujos segredos lhe foi o primeiro a surpreender:

«É difícil pintar o ambiente a uma milha de profundidade. Escuridão tão intensa, tão absoluta que as nossas noites mais escuras são, comparativamente, claras; silêncio e imobilidade quasi absolutos; frio que oscila entre os pontos de congelação da água doce e da água salgada; e uma pressão que envolve tudo e que corresponde a quasi mil quilos por cada polegada quadrada. Um dos aspectos mais surpreendentes da vida nesta região é talvez o facto de ser uma vida suspensa — isto é, os seres que a habitam não têm onde se suspender nem sobre que posar. Embora a pressão seja grande é sempre a mesma, de cima, de baixo, dos lados e de dentro para fora. Assim cada partícula de matéria orgânica mais pesada que a água tem de lutar contra a acção da gravidade, e está privada em absoluto do conforto dum ponto de apoio».

O dr. Beebe pôde pescar alguns dos curiosos animais que observou durante as suas imersões, o que lhe permitiu completar os resultados do seu trabalho. Um dos factos inesperados que é que alguns desses seres continuavam vivos depois de colhidos nas redes e trazidos à superfície, apesar da grande diferença de pressão que sofriam. Teve também ocasião de notar que, colocados no armário frigorífico, os referidos animais reanimavam-se, o que deve atribuir-se à circunstância de a temperatura nas grandes profundidades ser, como atrás dissemos, consideravelmente baixa.

Durante a imersão que realizou em Setembro de 1932, o dr. Beebe fez a bordo do «Bathysphere» o relato do espectáculo fantástico que os seus olhos iam contemplando. As suas palavras transmitidas pelo fio telephónico para bordo do barco de apoio eram dall radiodifundidas e puderam ser escutadas por todos os semfiliatas norte-americanos. Fez-se desse modo uma transmissão ra-



Um dos animais observados por Beebe nas suas imersões a grande profundidade; o crustáceo transparente Clitostoma Neptunus



O dr. William Beebe, explorador norte americano

diotónica sem precedentes: do fundo dum abismo do oceano um homem falava aos seus semechados através das ondas hertzianas.

A aventura dos dois sábios americanos faz evocar, irresistivelmente, as «Vinte mil léguas submarinas», de Julio Verne. Nessa obra de prodigiosa antecipação, há um capítulo em que o submarino «Nautilus» devassa os segredos dos abismos oceânicos. Mas feliz que o «Bathysphere», pois para a imaginação do autor, não existiam impossíveis, o «Nautilus» atinge os recessos mais profundos da grande fenda que atravessa o Pacifico e cuja profundidade oscilla à volta de nove mil metros. E ante os olhos maravilhosos do capitão Nemo e dos seus companheiros surgem, na sua nudez, as rochas primitivas em que se alicerça o nosso planeta.

Mas como vimos, no campo das realidades está-se ainda longe de atingir esses limites.

Para terminar queremos referir-nos à brilhante personalidade do orientador destas expedições submarinas que tão grande contribuição trouxeram ao progresso da ciência.

William Beebe é director da secção de investigações tropicais da Sociedade Zoológica de Nova York. A sua vida é uma longa série de emocionantes aventuras, algumas das quais são descritas com grande brilho no já citado livro «Nonsuch, land of waters». No prefácio desta obra os editores fazem a apresentação ao publico do illustre homem de ciência nos seguintes termos:

Durante mais de cinquenta anos realizou explorações científicas nas florestas, nos desertos e no fundo dos mares. Conviu com os leões marinhos nas praias de Galapagos, pesquisou o enigmático mar dos Sargãos, foi perseguido pelos Dvaks, temíveis caçadores de cabeças, estudou animais raros, algos tropicais, orquídeas e fetos da América do Sul. Mergulhou nos perigosos abismos das Bermudas e obteve fotografias dum valor inestimável.

Resta dizer que os trabalhos de Beebe foram possíveis graças ao auxilio de Harrison William e L. Schiff que financiaram o empreendimento.

BRITO Camacho pertence às minhas recordações mais queridas.

Era no tempo áureo da *Lucta*, em que o vigoroso jornalista com os seus "écós" contundia meia Lisboa, sempre escudado com argumentos irrefutáveis.

Brito Camacho nunca seguiu a escola que notabilizou — embora com pouco agradável notoriedade — certos jornalistas.

Não se intrometeu uma só vez que fôsse na vida privada de cada um.

Atacava os seus alvos sempre pelo lado público e segundo suas inclinações políticas.

Mas era de temer. A sua ironia dava-lhe uma arma perigosíssima para o alvejado; não falhava nunca e a ferida era quasi sempre mortal, dentro do significado moral do termo.

E todos, menos aquêles que lhe sofriam os ímpetos da sua crítica mordaz, gostavam de ler os seus "suetos," e ninguém discordava da opinião geral de que se estava em frente dum grande jornalista.

Não havia outro que soubesse tecer, em volta do indigitado para a guloseima do comentário, uma rede tão consistente e de malhas tão apertadas.

Nenhum escapava. É que elle não discorria levianamente, nem atacava ao acaso.

Primeiro colhia razões, e, depois de bem documentado, desfiava os seus considerandos.

Brito Camacho tinha um exterior azedo e pouco dado a expansões.

Realmente na política é preciso ser-se cauteloso, porque há quem abuse e quem deturpe.

Não gostava de entrevistas.

Alcançei dêle uma vez uns desabaços e vi que aquela frieza e secura eram propositadas, pois adentro daquilo tudo palpitava um grande coração.

Freqüentei muito a redacção da *Lucta*, e era a única mulher admitida nos seus salões em noites de reunião do partido Liberal, sem me intrometer nos seus destinos, porque nunca me seduziu a Senhora Politiquice.

Simplemente, como simpatizante, por Brito Camacho, Granjo, Egas Moniz, Matos Cid, Barros Queirós, Ferreira de Mira e alguns mais que me distinguiram com a sua estima.

Belos espíritos, uns mortos, outros vivos ainda, por todos guardo no meu coração um reconhecimento que será eterno.

Quando houve uma greve de transportes, as minhas visitas noturnas ao Palácio do Calhariz intensificaram-se, porque

RECORDAÇÃO

Um grande valor que desaparece

morava longe e precisava dum automóvel para me levar a casa.

E era de ver o torneio de gentileza em que se degladiavam aquelas boas almas, quando eu dizia:

— Bem! quem me manda pôr em casa, hoje?

Todos ofereciam o seu carro e retiravam a sua oferta quando calhava lá estar o António Granjo, presidente do Ministério, que juntava aos outros a sua graça, dizendo-lhes:

— Não, não. Em primeiro lugar está o Senhor Presidente.

E lá se dava ordem ao "chauffeur," para me conduzir a penates.

Francamente tenho saudades dêsse tempo.

E nunca me aproveitei de tão valiosas amizades para obter, para mim, fôsse o que fôsse.

Nunca pedi nada para meu proveito, nem peço. Para os outros, sim.

É pecha que nasceu comigo.

A certa altura, Brito Camacho desinteressou-se da política, desiludido e cansado, o luto na alma por companheiros que se foram para sempre.

Mas o vírus do jornalismo estava-lhe no sangue e elle não teve a coragem de o matar de todo, e conservou do seu jornal o título, fazendo-o publicar nos prazos da lei, para não o perder.

Jornalista até à medula, consolava-o da forçada desistência a ideia de que a querida folha era ainda sua e que, se tempos azedos viessem, poderia reviver.

E para encher seus ócios voltou a sua actividade para a literatura propriamente dita, e deu-nos livros de uma emotividade que ninguém lhe supunha quando pelejava em letra de fôrma pelos seus ideais.

Numa linguagem clara e despida de qualquer artificio, Brito Camacho, em crónicas singelas, pôs-se a dissecar a vida e os seus títeres, com aquela alma que lhe adivinhei e que os outros não viam ou não queriam ver.

Vivendo mais para o espírito do que para as galas do corpo, o saudoso extinto descurava bastante a sua indumentária o que dava lugar a ditinhos, nem sempre primando pelo bom gosto.

Tem graça que me lembro agora de me ter recomendado, um dia, sabendo que o incluíra no meu livro *Como êles são...* que não abordasse a questão da sua "desmazelada" maneira de trajar. A classificação é dele mesmo.

Eu tranquilizei-o, que não tocara em tal nem tinha nada com isso.

O que me interessava era o aspecto intelectual do homem e o seu espírito.

Nem eu gostaria de penalizar uma criatura a quem devia apreciações gentilíssimas — elle que era tão avêso a elogios.

Brito Camacho era um conversador infatigável — depois de deixar a soleira do seu jornal, entende-se, porque ali armava em esfinge, só fazendo excepção para os seus íntimos.

Gostava de contar aneddotas, um pouco ousadas até.

Mas tinha imensa graça a contá-las.

Pousava muito na Livraria Bertrand e tratava os empregados com uma cativante familiaridade, impingindo-lhes, sempre que podia, a sua aneddotazinha.

Eu, às vezes, estava presente, não gostava e ralhava com elle; mas o diabo desculpava-se com a minha situação de escritora franca e desempoeirada e eu não tinha remédio senão conformar-me e rir com os outros, também.

E, hoje, quem me dera que elle me estivesse ainda arreliando e como eu riria com vontade, se elle voltasse a contar-me uma das suas...

Portugal perdeu grande valor no jornalismo e nas letras e eu perdi um amigo leal, que com suas boas palavras me dava coragem para continuar lutando.

Mas deixá-lo! Fica-me a saúde e o orgulho de ter merecido o seu aprêço — do que poucos se gabam.

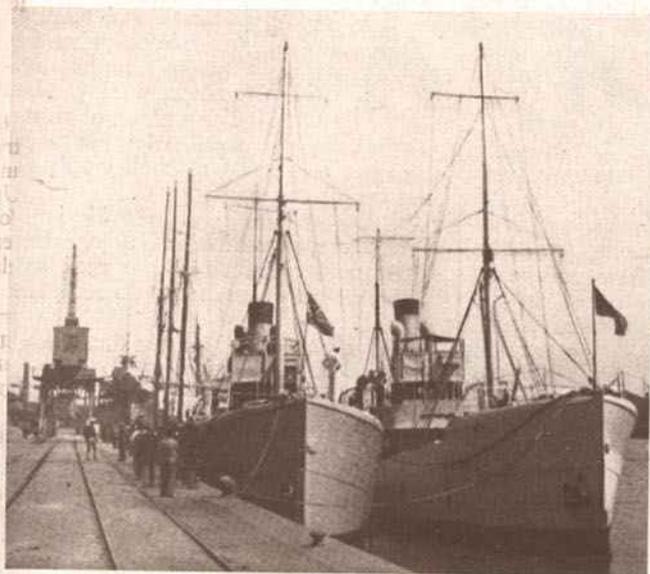
Fui ver o querido amigo, pouco depois da sua morte.

O seu rosto estava sereno e nos lábios, dir-se-ia bailar-lhe ainda aquele sorriso feito de ironia e de bondade que era o seu traço característico. Limpei o carmim dos lábios, e beijei-o na fronte ainda tépida, e, no meu primeiro e último beijo, dei-lhe a expressão sincera do meu reconhecimento, e da minha admiração pela sua alma incompreendida.

NOTÍCIAS

DA

QUINZENA



Navios Ingleses no Tejo — Os caça-minas ingleses «Immortell» e «Sonneblon» atracados no cais de Alcântara, após uma viagem pela África do Sul. Não apresentavam a imponência dos grandes couraçados, nem vinham assombrar o mundo com as dimensões dum «Queen Mary». Estes dois caça-minas, deslocando trezentas e vinte e cinco toneladas, cada, com uma tripulação de vinte e sete homens, têm a função de transportar mantimentos para os navios de guerra. A presença de unidades da Armada britânica no nosso porto é um facto corrente que vem recordar oportunamente a tradicional amizade que une as duas nações, ligadas por um estreito tratado de aliança velho de muitos séculos. Por isso lhes é sempre dispensado um aco himento que excede pela afectuosidade as normas protocolares. Os comandantes do «Immortell» e do «Sonneblon», respectivamente os tenentes Crossley e Stairling, depois de apresentarem os cumprimentos do estilo às autoridades portuguesas e às entidades representativas do seu país, largaram com rumo á Inglaterra



Um desmoronamento em Vila Franca — Devido a uma dragagem excessiva, ruuiu há dias parte da muralha do cais de Vila Franca de Xira, originando o desmoronamento de dois prédios. A nossa gravura dá um aspecto da derrocada que teve, ainda assim, a virtude de não sepultar fôlego vivo sob os es-ombros. De resto, o desmoronamento, esperado a todo o momento, não apanhou desprevenidos os moradores dos prédios contíguos. O empedrado do cais apresentara, quatro dias antes, uma fenda de mais de cinqüenta metros que mais parecia uma boca a espalhar o aviso do que iria suceder. Entretanto, a draga profundava numa ânsia insaciável de limpeza, indo abaixo dos fundamentos da muralha sobre a qual assentam os alicerces de alguns prédios e armazéns. E assim se explica o desastre.



O Congresso de Rádio Comunicações — Um aspecto da sessão inaugural do Congresso Internacional de Rádio Comunicações efectuado nos salões do Palácio de Castanheda, no Monte Estoril. Vinte e seis países estiveram representados por cento e cinqüenta e três delegados, tendo sido apresentadas teses importantes e de vasto alcance na esteira do «Progresso que o Homem vai conquistando, num crescente prodígio de audácia. Pode dizer-se que das conclusões aprovadas neste Congresso — o terceiro do seu género — brotarão os mais saborosos frutos que a Humanidade há de apreciar dentro em breve. E, seguindo sempre, na sua rotação vertiginosa, a civilização continuará a trazer surpresas com as suas cada vez mais formidáveis conquistas. O que será o Mundo daqui a vinte anos? Os nossos leitores nos responderão nessa altura, pois todos devemos estar — temos essa fé, pelo menos — de feliz e perfeita saúde

O Anastácio resolveu ir fazer uma visita a seus primos que estavam passando o estio num velho solar da província. Chegou á tarde e, depois do jantar que foi copiosamente regado com belos vinhos da região, anunciou o seu propósito de ficar para o dia seguinte.

— Com muito gôsto — respondeu-lhe o primo. — O pior é que há falta de quartos porque temos cá outros hospedes. Só se quiseres ficar no quarto assombrado.

— Quarto assombrado?! Que vem a ser isso?

— É um quarto onde dizem que se suicidou por desgostos de amor uma antiga proprietaria dêste solar. Desde essa época dizem que a defunta aparece por lá todas as noites

— Não tenho medo de fantasmas! — declarou o Anastácio que era corajoso por temperamento e a quem os vapores do alcool ainda davam maior ânimo.

Mas apesar disso, quando se retirou para o quarto, tratou de se deitar mas não apagou a luz e deixou o revolver sobre a mesa de cabeceira.

Já estava há um bocado imóvel quando viu cinco dedos surgirem lentamente aos pés da cama.

— Quem está aí? — perguntou com voz mal segura.

Ninguém respondeu. Anastácio esfregou os olhos, ergueu ligeiramente a cabeça fitou os cinco dedos que se agitavam. Perto dêles surgiam agora outros

cinco dedos. Não havia dúvida possível. Distingua-os bem na penumbra do quarto.

— Acabe lá com essa brincadeira — gritou êle — se não disparo...

Os dedos moveram-se lentamente mas não apareceu nenhuma cabeça.

— Não torno a repeti-lo. Se não acaba com o gracejo, disparo...

Lançou mão do revolver, fez pontaria e contou em voz alta:

— Um... dois...

Os dedos permaneciam imóveis.

— ... Três. Souo um tiro.

A partir dessa data, Anastácio ficou sempre a coxear do pé esquerdo.

O director dum circo em "tournêe", pelas pequenas localidades da Alemanha via os seus negócios correrem de mal a



pior. O público teimava em procurar outras diversões e os espectáculos realizavam-se diante de salas quasi vazias.

Certo dia, o nosso homem, que tinha um espirito fértil em recursos, resolveu lançar mão dum expediente. Fez chegar ao conhecimento dos habitantes o seguinte:

"Hoje á noite, uma sensacional surpresa. Quem, depois da sua apresentação, não se der por satisfeito pode exigir na bilheteira a restituição do dinheiro que tiver pago pelo seu lugar."

Escusado será dizer que, nessa noite, o circo teve uma enchente formidável. Quando chegou o momento de revelar a surpresa, o director de circo veio á arena e dirigiu-se ao público nos seguintes termos:

— Meus senhores: Vai agora tocar-se um hino de homenagem a Hitler. Se essa homenagem não agrada a algum espectador peço-lhe o favor de se dirigir á bilheteira a fim de lhe ser restituído o dinheiro que gastou.

Ninguém se mexeu. E a bilheteira não reembolsou nenhum dos bilhetes vendidos.

Numa das praias da Costa do Sol, um indivíduo obeso tenta conciliar o sono á sombra do toldo. Impossível! Sentado na



areia a poucos passos de distância, um garoto de quatro ou cinco anos chora desabaladamente.

— Porque não faz calar essa criança? — diz êle irritado dirigindo-se á criada que toma conta da petiza — Há um quarto de hora que não pára de chorar.

— Não se pode fazer o que ela pede — responde a criada tranquilamente.

— Mas afinal que quere ela?

— Fez um grande buraco na areia e quere levá-lo para casa.

Sentados á mesa de um café da Baixa, três homens sustentam animada conversação. Um é architecto, outro formou-se há pouco em

medicina e o último é conhecido pelas suas convicções bolchevistas.

Discute-se qual dos três ideais — a arquitectura, a medicina e o bolchevismo — tem maior antiguidade e cada qual aduz argumentos em favor do seu ponto de vista.

— Quando Jeovah extraiu uma costela a Adão para formar a mulher — diz o médico — realizou a primeira intervenção cirúrgica.

Os outros ficam abalados, mas após um momento de silêncio o architecto acrescenta:

— Pois sim. Mas antes do nascimento de Adão, já Deus traçara os planos architectónicos para tirar o Universo do caos...

— Ora aí está! — conclue triunfalmente o bolchevista — E quem fez o caos?

O médico entrando sorridente no quarto dum enfermo:

— Ah! Está hoje com muito melhor parecer.

— Sim, senhor doutor. Segui á risca as indicações do remédio que me receitou.

— Que indicações?

— "Conserve o frasco bem rolhado."

Entre amigas:

— Êle disse-me ontem que o seu amor por mim seria eterno...

— E então?

— Tenho estado a pensar quanto tempo pode ser o "eterno", fazendo a conta a que "uma permanente", dura seis meses.

— Duzentos escudos de renda por um quarto é muito. Por cento e cinquenta já estava bem pago.

— É que temos muitos prejuizos, meu senhor. Há inquilinos que não pagam o aluguer...

— Mais uma razão. Se me alugar por cento e cinquenta e eu não lhe pagar o seu prejuizo é menor.

— Sempre que te vejo lembro-me do Carlos.

— Mas eu não sou parecido com êle.

— Pois não. Mas é que êle também me deve dez mil réis.



A PRAIA DO SOL

A Caparica é uma inversão do Estoril. Uma inversão de nomes, bem entendido. Enquanto a praia do Estoril se chama a Costa do Sol, Praia do Sol se chama a Costa da Caparica. Ambas lindas e atraentes, embora com encantos diversos.

Quem se dispõe pela primeira vez a pisar os areais da Caparica tem a impressão de entrar numa dessas extensões de deserto que o «simun» revolve e o «écran» dos cinemas nos apresenta como cenário de filmes portentosos.

Areia e sol. Ao fundo, o mar, o mar caprichoso, ora calmo, ora agitado, que, após uma convulsão capaz de subverter continentes, se espreguiça na areia com a gracilidade felina duma gatinha angora

ilustre sábio garantia, por exemplo, que o Eden dos nossos primeiros pais devia ter estado situado nas alturas de Lisboa, abrangendo o Tejo, que seria nesse tempo um regato murmuroso, e terras de Cacilhas, Almada, Cova da Piedade e Caparica. A base científica de tão sensacionais afirmações não nos foi dado penetrar, visto que o citado sábio — e era êle! — após quarenta e tantos anos de locubrações ainda tinha

umas dúvidas que o acompanharam à sepultura.

Não queremos continuar os trabalhos do malogrado geólogo,

areia, o primeiro segrêdo malicioso do único homem que ela poderia amar... porque não havia mais nenhum para escolher.

Não bastaria isto para convencer o mais scéptico dos mortais?

Mas não param aqui as provas. Da última vez que visitámos a praia da Caparica fomos atraídos por uma cena que nos impressionou profundamente. Um casal, de consórcio muito recente pela aparência, empenhava-se numa bem intencionada disputa. Na altura da sobremesa a mulher — uma Eva de formas esbeltas e tentadoras — oferecia ao marido a única maçã que levaria no cabaz. O homem, pelo que depreendemos dos seus gestos, não estava muito disposto

Um dos típicos barcos de pesca que fazem parte do panorama da Trafaria



Dois grupos de banhistas animados de comunicativa alegria

entre as espumas de rendas duma almoçada caríssima.

Deserto chamamos nós a essa praia encantadora e silenciosa. Assim é, mas um deserto salpicado de oásis acolhedores em que andam ainda versos da «Paqueta» ciciados pelas brisas na ramaria dos pinheirais distantes.

Nessa formosa praia quasi paradisíaca vive-se à vontade e sem ultrapassar nunca os limites da decência.

Em tempos, dando um certo crédito a um eminente geólogo que afirmava ter encontrado o verdadeiro local do paraíso terreal, seguimos as suas investigações que tinham verdades irrefutáveis. O

como será de supôr, mas não deixamos de dar um certo crédito à hipótese de ter sido ali o local da tentação da maçã.

Daqueles barcos tão característicos de bico arrebitado como as babuchas dum pachá surge uma reminiscência, muito vaga, é claro, dos troncos de eucalipto que o nosso primeiro Pai teria furado a pedregulho para dar o seu passeio na baixa-mar e mostrar a nossa mãe Eva as belezas das algas e dos sargaços formando jardins multicôres o fundo das águas transparentes e mansas. Os idílios que ali visionamos, a cada passo, trazem-nos à lembrança a candura da primeira mulher escutando, indolentemente sentada na



a aceitar. Que não queria, que comesse ela, que êle ficava muito grato, mas não tinha mais vontade.

Pois a Eva tanto teimou, tantas carícias urdiu, tanta vez fez beicinho de amuada que o nosso Adão acabou por trincar a maçã, tal como o nosso primeiro pai no Paraíso. Onde estaria a serpente? Se a procurássemos bem, devia estar nalgum vestido de «tweed» bege ou em certo chapéu de preço que a moda passou a impôr. O nosso veraneante de Caparica, no seu regresso a Lisboa, não deixou de acompanhar a esposa a uma das mais acreditadas lojas de modas, depois duma pequena paragem no Monte Pio.

— Aqueles dois contos do vestido — diria êle, no dia seguinte, aos seus colegas de repartição — estão-me ainda atravessados na garganta...

Deviam estar, deviam...

Idílio sobre a areia dourada



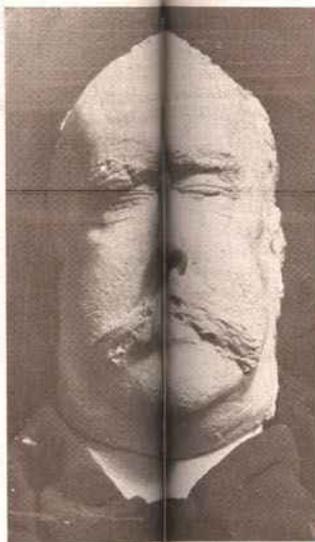


O cortejo fúnebre na ponte da Paracaria. Ao centro, a máscara do extinto modelada por Costa Moia

olhos e luto em todas as almas.

O cortejo fúnebre, reorganizado em Cacilhas, seguiu com rumo a Aljustrel. E, por essa estrada fóra, através de Setúbal, de Alcácer do Sal, do Torrão, de Ferreira do Alentejo, de Ervidel, o povo humilde corria a prestar a derradeira homenagem ao seu amigo. Gente do campo, gente de bem, gente rústica... Brito Camacho conhecia-a tão bem que lhe dedicara as suas mais belas páginas.

Nos tempos em que fóra médico no Torrão auscultára muitas vezes aqueles corpos rudes e acabára por lhes sondar, como ninguém, a alma diamantina que os animava.



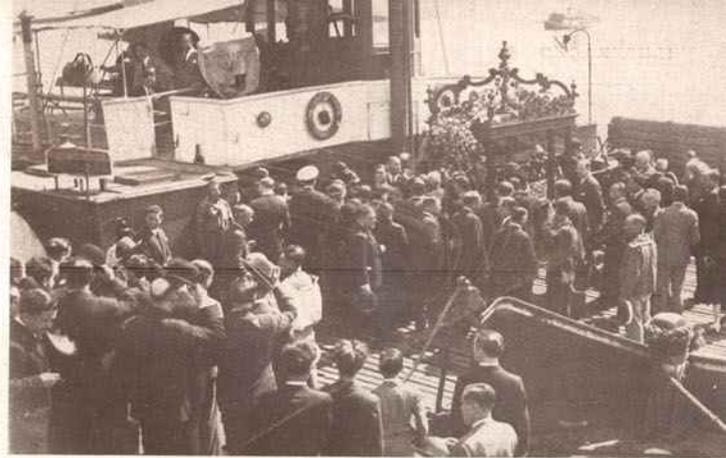
O féretro a bordo do barco que o conduziu à outra margem do Tejo a caminho de Aljustrel

Em Vale de Seme-deiros o cortejo parou uns momentos. É que ali, ao pé, borbulhava uma fonte — a Fonte dos Passarinhos — e o dr. Brito Camacho, sempre que passava por ali, parava a saciar a sede na sua água cantante.

Todos se apearam a desdessar-se, numa homenagem ao querido morto que acompanhavam. E, nesse fim de tarde, a fonte, sempre tão cantante, parecia triste. A sua linha deslisava como lágrimas e o seu murmúrio tinha a toada do choro.

Novamente em marcha, o préstito foi atravessando aldeias e vilas, até que se divisou Aljustrel, a terra berço do ilustre extinto.

Mais de dez mil pes-



O funeral do grande caudilho republicano Dr. Brito Camacho constituiu uma grande manifestação de pesar. Esses muitos milhares de pessoas que acompanharam o féretro até à ponte de embarque do Cais do Sodré iam ali — sentia-se bem — presos pelo coração. Toda essa gente evocava com saudade o formidável demolidor da Monarquia que, havia muitos anos, tinha posto de parte o terrível camartelo que que tanta vez apavorara os próprios cor-religionários.

É certo que provocou a derrocada dum regime caduco, mas pensando sempre na reconstrução dum outro melhor.

Trabalhou infatigavelmente. Quando julgou oportuno, dispoz-se a descansar com a consciência de ter sabido cumprir o seu dever. Bem merecido descanso!

E, então, como repouso, dedicou-se às letras, e, em menos de vinte anos, escreveu trinta e tantos volumes em que reflectia a sua alma nostálgica, calva cada vez mais ao seu rincão alentejano.

Evocava-se esse homem extraordinário.

Sim, ésses milhares de pessoas que o acompanharam na sua última jornada conheciam-lhe a bondade que ele sempre pretendeu ocultar como uma culpa atrás da sua rudeza aparente — e tributavam-lhe a maior ternura.

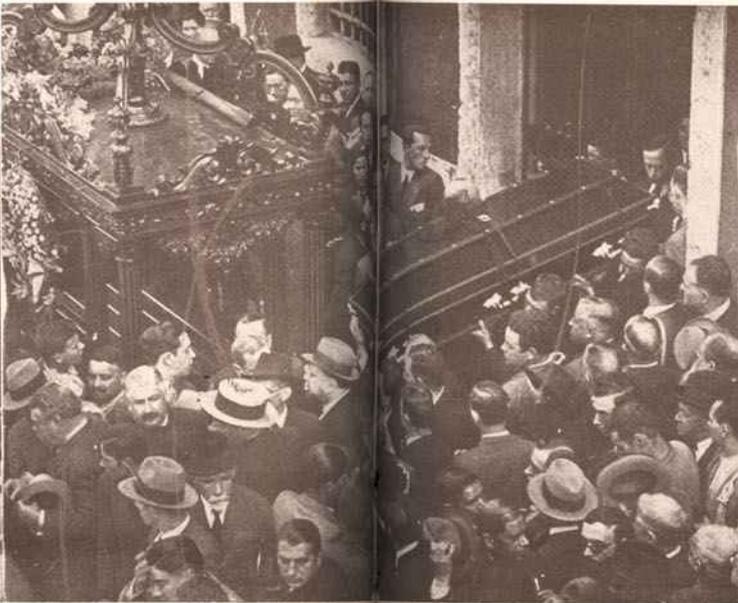
Do revolucionário hirsuto de outrora ficara o filósofo amargo a ressumar um desalento que setenta e dois invernos emolduravam de geada. Do escritor que tanto se esforçou para que «os seus livros reflectissem o mais exactamente possível o seu particular modo de pensar e de sentir, as suas ideias e os seus sentimentos, sempre norteado por um ideal de justiça, de verdade e de beleza», destacara-se o autor de trinta e dois volumes, alguns dos quais esgotados, e outros em 2.ª edição, patenteando eloquentemente que o seu programa literário fóra realizado e o público o compreendera.

Assim se explica a indole dessa sentida romagem ao Cais do Sodré em que se divisavam lágrimas em todos os

À chegada ao cemitério de Aljustrel, ao lado a urna saindo da residência do falecido

A REPÚBLICA DE LUTO

A morte do Dr. Brito Camacho UMA JORNADA PUNCTE ATÉ ALJUSTREL



Junto do féretro, no cemitério de Aljustrel, onde por unidade do extinto o corpo ficou depositado

sões aguardavam o morto, não com o entusiasmo do tempo dos comícios da propaganda, mas com a máguia de terem perdido um amigo querido e dedicado. Dez mil almas vibrando, dez mil dedicações comprimidas numa só... Gente rústica, trabalhadores rurais de Rio de Moinhos, Montes Velhos e Messejana, mineiros de Aljustrel, dez mil pessoas que vinham em romagem devotadíssima dizer «o último adeus ao sr. dr. Camacho».

Quando o funeral atravessou a vila era já de noite e, por isso, a entrada no cemitério teve um aspecto mais lúgubre.

Ao fundo, o jazigo aguardava-o. Era para ali que o dr. Brito Camacho desejava ir — e assim se cumpriu.

Nada de monumentos. Éle próprio declarou: «Espero não ir para o Panteão Nacional; mas prevenindo a hipótese de para lá me atirarem o cadáver, quero deixar documentos comprovativos de que não merecia ser assim tratado».

Deixem-no repousar em paz nesse re-

posito florido da sua linda terra. Mereceu um lugar no Panteão, mereceu-o até demais.

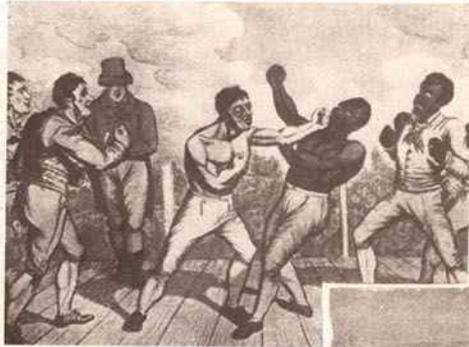
Mas não lhe perturbem o repouso. Deixem-no descansar em paz entre os entes queridos que tanto amou, e rodeado de toda essa gente rústica, que há de continuar a venerar a sua querida memória.

Quando saímos do cemitério de Aljustrel, veio-nos à lembrança, nem sabemos bem porquê, a definição de Brito Camacho acerca da morte de Fialho: «Morreu pelo coração? Foi talvez por lhe não ter metido dentro uma pequenina porção de afecto, corrigindo o que no sangue tinha de imensamente corrosivo».

Já lá estavam ambos, os dois alentejanos ilustres que tanto contribuíram para a construção duma sociedade nova!

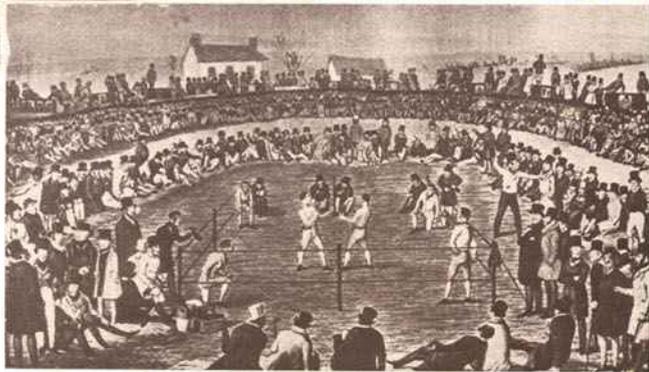
«Curvem-nos respeitosamente à passagem dos nossos queridos mortos e não esqueçamos nunca que eles regaram com o seu sangue, para que se formasse e crescesse, a árvore de que nós havemos de colher os frutos».





A esquerda: Em 1850 o negro Moines foi batido pelo inglês Cash, sendo esse combate que esta gravura refere, com admirável gloriosa nas representações dos personagens.

Por baixo: Um celebre gravura de Hunt reproduzindo o combate entre o americano Heenan e o inglês Sayers, trazida fielmente o ambiente dum época em que o pugilismo começava a apaixonar o publico britânico.



Os ingleses foram, em todos os tempos, os mais entusiásticos admiradores do espectáculo desportivo, no seu território dando nascimento e albergando depois carinhosamente a infância de alguns jogos cuja popularidade maior incremento adquiriu por todo o mundo.

Tal é o caso do football, do rugby, do cricket, do remo, cujas provas clássicas mais apreciadas se disputam na Tamisa, e do pugilismo, a nobre arte de box regulamentada ainda hoje pelo código do Marquês de Queensberry, com mais de cem anos de existência e sucessor das regras do London Prize Ring pelas quais se regiam os combates a punhos nus dos tempos heróicos da ciência do sóco.

O interesse dispensado pelo povo britânico às pugnas pugilísticas fez convergir para elas a atenção dos artistas de todas as épocas e a iconografia do box é uma das mais vastas e curiosas.

Não há muito tempo ainda que o National Sporting Club de Londres organizou nos seus salões uma exposição retrospectiva do box, contendo enorme número de documentos de toda a espécie, dum pitoresco cativante, até para as pessoas que não apreciavam a beleza combativa do pugilismo.

Estatuetas, quadros e sobretudo uma magnífica coleção de gravuras apresentavam aos visitantes todos os aspectos dum dos mais populares divertimentos da sociedade de ha cento e cincoenta anos, com tal expressão de verdade, de movimento, de crítica que fogem à habitual frieza da arte britânica.

Aquelas que apresentamos, e que são das mais típicas, servem-nos para evocar algumas das primitivas pejeias a sóco, que deixaram na história do desporto, uma aura de celebridade.

Não queremos, a pretexto duns simples quadros remotos, encontrados ao acaso

O PUGILISMO DE OUTRORA era uma luta selvagem feroz e sanguinolenta

As estampas que motivaram estas notas, datam todas, desse período remoto. A lei pela qual se regeram os combates a sóco durante os tempos heróicos era duma simplicidade elemental: os adver-

das nossas leituras, fazer figura de historiador erudito, explicando como Teseu, rei de Atenas, inventou ha 2.000 anos o box, ou conferindo a Vergílio, pelas suas descrições dos combates entre Daretos e Entelo, o título de decano dos criticos da especialidade. Apenas nos propomos recolher, de entre o muito que sobre o assunto existe, algumas anedotas características, certos episódios demonstrativos da psicologia e dos costumes duma época bem differente da nossa.

Ha duzentos e vinte e cinco anos, data dos primeiros informes concretos, o box em Inglaterra era completamente distincto do actual. Nos seus primitivos tempos, a regulamentação dum combate era rudimentar. Não havia ainda empresários nem federações. As luvas só foram empregadas ao dealbar do século dezanove, sendo até então disputados os encontros a punhos nus.

O box era unicamente praticado por indivíduos de condição inferior e servia, como as corridas de cavalos ou os combates de galos, de pretexto ao jogo, fazendo-se fortes apostas sobre o resultado final da luta. O box desporto, tal como hoje o concebemos, não era ainda conhecido, nem tão pouco representava uma afirmação de cultura física bem orientada.

sários colocavam-se em frente [um do outro, punham-se em guarda com a perna esquerda avançada, as pontas dos pés respectivos encostadas, e esmurravam-se enquanto podiam. O combate só acabava quando um deles caía, impossibilitado em definitivo.

O número de "rounds" dos combates não era determinado nem a sua duração prestabeleçada; a queda dum dos jogadores interrompia a luta durante meio minuto, para que elle recuperasse forças, e a batalha recommençava depois, encarniçada e feroz, pois todos os golpes eram permitidos, inclusive o pontapé e a rasteira. Prolongando-se assim os combates sempre até resultado definitivo, a duração de alguns attingiu proporções fantásticas; em 1845, Bendigo bateu Ben Count ao 93.º "round", após duas horas e dez minutos de luta encarniçada.

Os combates mais demorados de que há memória foram: a punhos nus, em 17 de julho de 1849, em Inglaterra, Mak Madden e Bill Hayes lutaram durante 6 horas e 3 minutos; com luvas, em 6 de abril de 1893, nos Estados-Unidos, A. Bowem e J. Burke empataram em 110 "rounds", após 7 horas e 19 minutos. Finalmente o maior número de "rounds", num combate attingiu 276 em 4 horas e meia. Eram adversários Jack Jones e Pa-

tsy Tunney, em 1825, vencido o primeiro. O record da originalidade pertence, talvez, a Charley Freeman e Bill Perry que combateram 108 "rounds", começando no dia 14 de dezembro de 1842, prosseguindo em 16 e vindo a terminar apenas em 20, com a vitória do primeiro citado.

Apezar de tão grande severidade de processos, o box destes tempos não pode ser considerado perigoso para aqueles que o praticavam, pois os casos de morte em combate eram muito raros, e quasi todos resultantes de doenças cardíacas de que sofriam as vítimas.

Uma das gravuras que ilustram estas páginas, devida ao cinzel de Grozer, refere-se a um combate a que poz termo um dos incidentes que hoje consideraríamos deslealdade e ao tempo era tomado como naturalíssimo. Trata-se do primeiro encontro entre inglês Humphreys, apodado o "cavalheiro do ring", e o seu antigo discípulo Daniel Mendoza, judeu de origem espanhola que foi mais tarde um dos ídolos do público britânico.

Mendoza tomára, desde as primeiras escaramuças, uma tal vantagem sobre o adversário que a derrota definitiva deste parecia a todos os assistentes questão de alguns instantes.

Humphreys fôra uma vez mais lançado a terra, motivo porque o combate se interrompera em obediência à regra, aproveitando os "ajudantes" esses trinta segundos para o reanimar.

A coisa não era fácil, tão abalado se encontrava o homem, e quando retomou

Os homens nunca se mediram uns p. outro; assim como Carreira foi derrotado por Max Baer, ta em 1919. Por cima direita ta. imagem o vencedor. Tom Johnson



a luta ia ainda meio tonto, cambaleante. O menor ataque de Mendoza bastaria para o liquidar.

O judeu preparava-se para consagrar em definitivo a vitória, quando um dos ajudantes de Humphreys, chamado Johnson, se meteu de permoio segurando o punho de Mendoza. O caso provocou celeuma, o público protestou, o combate interrompeu-se, mas o árbitro não quiz pronunciar a desclassificação e a luta prosseguiu; o inglês, porém, aproveitara esse descanso suplementar e, favorecido ainda pelo desânimo do adversário, retomou vantagem triunfando por desistência.

O infeliz vencido vingou-se um ano mais tarde, obtendo a decisão num segundo combate, que ficou registado como um dos mais famosos, pela aggressividade e ciência dos contendores.

Durante seis anos, Mendoza, conservou o seu título de campeão de Inglaterra, que veio a perder de maneira estranha, era sina, começando mal a sua carreira; mal tinha que a acabar.

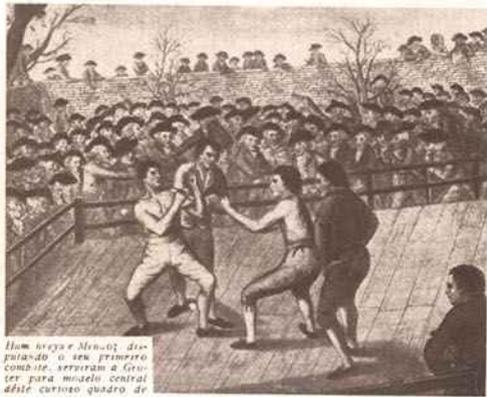
Depois de alguns "rounds", ardorosamente disputados, o seu adversário Jackson agarrou-o pelos cabelos e socou-o com a outra mão até o derrubar inanimado.

A gravura de Hunt que reproduz o famoso combate das "mil libras" não é menos curiosa.

O "ring" foi armado na cerca duma herdade de Bicester, e a presenciar o duelo compareceram numerosos espectadores, pertencentes à melhor sociedade londrina.

Defrontavam-se o campeão inglês Sayers e o americano Heenan, o primeiro pugilista que atravessou o Atlântico para vir à Europa disputar a supremacia mundial aos campeões ingleses.

O combate duro



Ham Heenan e Mendoza disputando o seu primeiro combate, serviram a lutar para modelo central deste curioso quadro de costumes

quarenta e quatro "rounds" e foi bastante aborrecido. O americano marcou superioridade desde o principio das hostilidades, mas Sayers conquistou a simpatia dos compatriotas pela resistência e habilidade demonstradas, dando prova de energia invulgar, pois resistiu mais de duas horas à fúria de Heenan, apesar de ter luxado um braço.

A perseverança contra a força bruta. Calcula-se o entusiasmo dos espectadores que raras vezes podiam apreciar combates daquela natureza. Heenan investia, confiado na sua corpulência de Titan. Tinha prometido levar para a América as palmas do campeonato mundial. Compreendia-se... Além do amor próprio, surgia a rivalidade "yankee" contra a valentia britânica.

Quasi todos os "rounds" terminavam pela queda do inglês, dominado pelo vigor e força do adversário nos golpes de luta, que eram moeda corrente nos encontros dessa época.

O árbitro, farto talvez do espectáculo, abandonou o seu posto após o trigésimo-sétimo "round", de maneira que durante os sete "rounds", que seguiram não havia ninguém a dirigir ou com autoridade para proclamar a decisão.

Nestas condições, o público começou a manifestar-se ruidosamente, reclamando o empate, acabando por invadir o "ring" e arrancar Sayers das mãos do rival.

Estes dois episódios típicos, que os artistas contemporâneos evocam de maneira tão expressiva, têm, para o nosso tempo, um sabor arcaico que nos faz sorrir, e compreender quanto tem sido profunda a modificação dos hábitos desportivos, hoje incluídos nos acontecimentos da vida corrente, mais regulares por certo, mas muito menos característicos.

A vida aventureira de PÁNCHO VILLÁ

evocada num filme empolgante

A vida aventureira do famoso guerrilheiro mexicano Pancho Villa constitui uma das mais emocionantes epopeias dos tempos modernos. Não foi, portanto, difícil para Jack Conway realizar sobre esse tema histórico um filme de acção empolgante e dinâmica.

Ben Hecht, que compôs o argumento baseado num livro de Pinchon e Stode, afastou-se em certos pontos da verdade, para romantizar a vida do célebre revolucionário. Mas o importante é que respeitou a singular personalidade de Villa, conservando-lhe todo o interesse que na realidade possuiu.

«Viva Villa» apresenta-nos o rude condutor de multidões desde a sua infância em Las Nievas, no tempo do ditador Porfirio Díaz. Dali o vemos partir para vingar a morte de seu pai. Refugia-se no deserto e declara guerra à legalidade. A sua rebeldia, feita dum sentimento elementar de justiça e de impulsos instintivos de barbárie, transforma-o no paladino de todos os camponeses oprimidos. Os trabalhadores do campo abandonam a charrua para empunhar a espingarda e seguiu-o. E assim se organiza uma guerrilha, grupo de homens corajosos e decididos a tudo.

Um dia, Francisco Madero, o político iluminado, singular figura de visionário que sonha para o seu país uma organização social melhor, chama-o ao seu gabinete e convida-o a ligar-se ao movimento revolucionário que está preparando. Pancho Villa, o bandido rude e feroz,

comove-se ante as palavras do idealista. Desde esse dia, uma dedicação sem limites o liga a Madero, em quem vê o salvador do povo, a expressão consciente do seu obscuro desejo de justiça. Adere ao movimento. E o seu grupo de esfarrapados transforma-se no núcleo do futuro exército de que ele será o chefe.

A revolução triunfa. Madero ascende à mais alta magistratura da Nação. E Pancho Villa regressa tranqüilo à vida dos campos.

Mas um dia Madero é assassinado. E Villa volta a pôr-se à frente dos seus homens para defender a revolução desvirtuada e para vingar a sua memória.

Trinta e cinco mil homens o seguem nessa campanha épica em que os actos de bravura se ligam às maiores crueldades. Pancho Villa arraza cidades, desbarata o inimigo e acaba por capturar a general Pascal, assassino de Madero. A cena da execução deste é uma das passagens culminantes do filme. O supliciado é untado de mel e sucumbe às mordeduras de milhões de formigas.

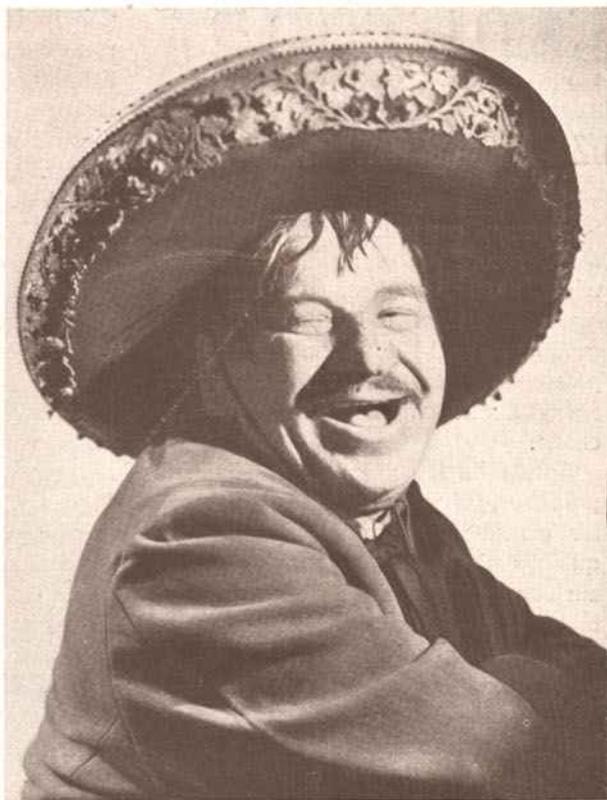
Por fim, Villa penetra vitorioso no Palácio Presidencial. Madero está vingado. Mas o exercício do poder não foi feito para este homem impulsivo e rude. Regressa às suas vastas propriedades. E certo dia tomba crivado de balas, vítima de alguém que se vingava duma afronta pessoal.

Tal é, em síntese, o entrecho do filme. É fácil de supor o partido a tirar de semelhante assunto. E, na realidade, as cenas de grande efeito abundam, no decorrer da película.

Uma das mais belas passagens é aquela em que Pancho Villa irrompe, à frente dum grupo de revoltosos, num tribunal que acaba de mandar enforcar uma dúzia de camponeses sob um pretexto qualquer. Um dos revolucionários vai dispirar sobre os juizes mas Pancho Villa não consente. Devem ser julgados. Os cadáveres dos executados são trazidos para a sala do tribunal e instalados nos assentos do júri. Villa faz um violento discurso de acusação em que pede a morte para os juizes. Ao terminar volta-se para os doze cadáveres alinhados e diz: «A não ser que os senhores jurados não estejam de acordo.» E como nenhuma resposta se faça ouvir os juizes são fuzilados.

Wallace Beery deu uma interpretação magistral à figura do guerrilheiro de quem o seu biógrafo Martin Luis Guzman dizia:

«Sem o seu revolver este homem não existiria. O revolver não é para ele um instrumento de acção apenas. É uma ferramenta fundamental, o



Wallace Beery no papel de Pancho Villa

próprio eixo da sua acção, a expressão permanente da sua personalidade íntima, a materialização da sua alma.»

A história e a tradição dizem-nos que Pancho Villa foi um atirador maravilhoso, cuja pontaria nunca falhava. A sua destreza permitia-lhe também usar do laço com os mais surpreendentes resultados. Nas ocasiões oportunas era exímio em se servir dos laços para fazer nós corredios com que enforcava os seus inimigos.

Era ao mesmo tempo generoso e cruel. Conhecem-se-lhe rasgos de cavalheirismo e impulsos de fera. As mulheres exerciam sobre ele uma terrível fascinação. Temia algumas. Obrigava outras a casar com ele e vencia os escrúpulos do padre que celebrava o matrimónio apontando-lhe uma pistola à cabeça.

Teve como lugar-tenente o terrível Rodolfo Fierro que se entretinha a disparar tiros sobre os prisioneiros até o gatilho lhe fazer doer o dedo. Deitava-se, em seguida, e encarregava o impedido de dar o golpe de misericórdia nos feridos cujos lamentos o impediam de dormir.

A cena da morte do caudilho foi realizada por Jack Conway com verdadeira grandeza. Villa cai crivado de balas. Já na agonia diz para um jornalista que o acompanha: «Os grandes homens costumam falar antes de morrer. Tu dirás por mim...» E antes de soltar o último suspiro escuta interessado o relato improvisado da sua morte.

Madero, o presidente idealista, homenzito débil consumido pela chama de ideais, tem também uma admirável interpretação por parte de H. B. Walthall.

«Viva Villa!» é pois uma obra que foge à medida comum, tanto pela categoria do desempenho e realização como pelo tema escolhido. A sua estreia foi acolhida em diversos países com manifesto agrado e tudo indica que o mesmo esteja para lhe suceder em Portugal.



Fotografia do autêntico Pancho Villa, famoso caudilho revolucionário mexicano

Psicologia das mãos



para raça as mãos diferenciavam-se. As mais finas nervosas e ágeis eram as mãos ibéricas de portugueses e espanhóis.

Havia mãos brutais, outras hipócritas, mãos doces e mãos ávidas. Na maneira como pegavam nas fichas descobria-se numa a avidez, noutras a indiferença, os seus gestos definiam os caracteres com mais segurança do que os rostos, que quasi todos tinham afivelado a máscara do civilizado, em face das suas brutais paixões. Havia mãos que ao colocarem as fichas na mesa parecia, que a custo as largavam num gesto de avarento que acariciava o objecto de que tem de se desfazer. Outras era com um movimento nervoso e sacudido que as punham sobre o pano verde e haviam aquelas, que desdenhosamente as atiravam na indiferença absoluta por elas. Ao receber, ainda mais as mãos definiam os sentimentos que agitavam as almas dos que ganhavam.

Mãos aduncas como garras que se poisavam com capacidade sobre as fichas. Mãos volumosas que numa carícia afagavam o ganho, mãos "blasés", indiferentes que pegavam nas fichas com um verdadeiro desapêgo.

Quem como eu as observava atentamente via nesses pequenos gestos a diferença de caracteres, de raças, de tudo, dos que rodeavam essa mesa sobre a qual uma das mais perigosas paixões humanas tinha presa a atenção de tanta gente. E nessas mãos carnudas e vermelhas, brancas e delicadas aduncas e escuras, moles e apáticas, nós sentíamos passar o "frisson" do vício, dos apaixonados do jôgo, ou a indeferença daqueles que jogam para se distrair. Mas entre essas mãos, havia umas que eu nunca esquecerei, mãos de homem, dum lord inglês, que se fazia acompanhar por um secretário, que levava uma pasta debaixo do braço cheia de notas do banco. Mãos compridas ossudas dum branco marfim. Mãos que pousadas sobre o pano verde da mesa, exprimiam o mais profundo, o mais completo aborrecimento por tudo o que no mundo existe ao vê-los colocar as fichas, desdobrar as notas, receber os ganhos eu sentia, que elas diziam. "Nada disto vale a pena, a vida é uma tremenda maçada". E eu senti a mais profunda piedade por aquelas mãos impregnadas de aborrecimento e estava a vê-las empunhar o revólver, que poria fim á terrível existência de quem não tem pela vida o mínimo interêsse, e, pedindo a Deus que desse áquelas a obrigação do trabalho, que talvez as salvasse. Há mãos que inspiram confiança, outras terror. Há dedos que curtos grossos e musculosos parecem estar prontos a esmagar, a destruir. Outros aduncos e nervosos parecem querer dilacerar.

Há mãos viscosas que inspiram repugnância. A mulher que tem a intuição da beleza, preocupa-se com as mãos tanto como com a cara. As mãos são massajadas os fazem uma verdadeira gymnástica, as unhas são pintadas de vários tons, desde o rosa pálido ao vermelho de sangue, aos tons de ópala, ao dourado, ao prateado. Há unhas de todas as cores, há mãos que são "maquillées", com o maior cuidado e no entanto mais sinceras do que o rosto, não mascaram a sua fisionomia. Mais brancas, mais asetinada a sua pele, as unhas mais brilhantes e pálidas, a cor mais variada. Mas elas conservam sempre e através de tudo a sua expressão primitiva por mais trabalho que com elas tenham as melhores "manicules" do mundo.

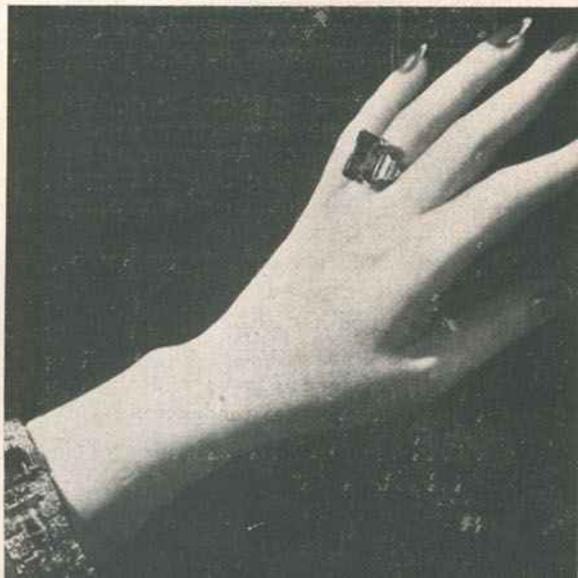
Em Nova York, Peggy Sage tem o seu salão em que só as mãos são tratadas, estudadas, segundo a sua forma, assim é a cor com que as unhas são pintadas, mas as mãos conservam apesar de tudo a sua primitiva expressão. E há épocas para as mãos como há épocas para a beleza. As mãos que Van Dyck pintou, longas, brancas de dedos aguçados e de covinhas fundas nas falanges, nada se parecem com as mãosinhas petulantes do século XVIII, assim como estas mãosinhas carnudas e atrevidas, nada se parecem com as pálidas, longas e descarnadas mãos da época do romantismo. A mão da mulher moderna desportiva é quasi uma mão masculina. Habituada a manejar o remo ou a "raquette", a guiar um automóvel a pele bronzeada a mão da mulher século XX apesar das unhas lacadas, das massagens de creme de amêndoas, de todos os tratamentos, tem um aspecto enérgico, que não exclue beleza, que nos faz pensar que tem o desejo de empenhar o cetro do mando e de governar o mundo. Mas ha ainda a suave e branca a mãosinha acariciadora e doce que será sempre a verdadeira mão feminina, consoladora das enfermas, guia das desoladas.

Maria de Eça.

HÁ muita gente que se crê psicóloga e observadora, porque descobre na fisionomia dos seus interlocutores expressões, que lhe parece exprimirem o estado de alma de quem lhes fala, sem se lembrarem de que, para uma pessoa inteligente é fácil fazer com que no seu rosto transpareça uma expressão, que nem sempre corresponde ao que verdadeiramente sente. E só vendo as coisas assim se compreende que haja bons actores, que nos fazem esquecer a vida real e viver com eles algumas horas, a ficção dum escritor que a pôs em cena com o seu talento, mas que sem a interpretação e a expressão dos actores nada conseguiria transmitir, do seu sentir ao escrevê-la, aos espectadores, ao público que em geral se comove mais com a expressão do artista, do que com a ideia que ele apresenta. A verdadeira observação está nas mãos. Elas aparecem-nos nuas na sua perfeição ou na sua fealdade. A sua expressão, porque a têm e bem marcada, não pode ser modificada por um livre sorriso, nem por um olhar de mágua. As mãos têm a sua expressão própria e ainda mais, segundo dizem os quiromantes, nós trazemos na palma da mão, nas linhas que a sulcam a definição do nosso carácter e o nosso destino. Nada mais interessante do que observar minhas mãos em volta duma mesa.

A primeira vez que aos meus olhos saltou a expressão das mãos, foi ao ver minhas mãos em volta duma mesa de roleta em Monte Carlo.

O tédio que sempre me causam os jogos sejam eles quais forem desapareceu por completo ao ver as mãos dos jogadores, ao estudar as suas diferentíssimas formas. Havia gente de muitos países. Ingleses, alemães, austriacos, italianos, portugueses, franceses e espanhóis. De raça





Museu Alvaro de Castro, o mais belo edifício da colônia de Moçambique.

satisfa-
zer lou-
curas de
vaído-
so e de
usur-
pador

porque seria con-
denável, mas para
todos aqueles que
de viver e expandir-se, necessidade da
vida e expansão do ideal de que mais
lucraram os povos que, amarrados às tra-
dições ancestrais, seriam eternamente sel-
vagens, eternamente feras, desconhecendo
a beleza das coisas, se a civilização os
não despertasse,
com alegria e en-
tusiasmo, para a
realidade das suas
próprias existên-
cias.

Esta neces-
sidade provém de
nós mesmos, da
revolta que causa
aqueles que tra-
balham, honesta-
mente, a injustiça
de certa gente
que... brada de
longe, negando a
verdade, com fins
determinados!

O que dum
povo de seis mil-
hões de indivi-
duos se encontra
por todas as par-
tes do mundo,
atesta, perfeita-
mente, as quali-
dades de coloni-
zador e marca
épocas de ressur-
gimento e de pro-
gresso. Bastam es-
tas verdades para
calar as bôças
de, quando
em quando, se
escancaram, pro-
ferindo improperios para o que
temos feito, que é grandioso!

Assim, o pórtico de Lourenço
Marques — que marca uma época
prodigiosa de progresso e de civilização
dos por-
tugueses em
África, que



Estátua de António Enes na praça do mesmo nome

Há necessidade, mais por justiça do
que por orgulho pátrio, de mostrar
com artigos de propaganda
honestas, ilustrados, o muito que os por-
tugueses têm feito, na costa oriental da
África, e, principalmente, em Lourenço
Marques, — pórtico de mar magnífico, onde
surge, como
monstros ante-
diluvianos levan-
tados do solo,
cansados dum
sono de séculos,
para assombrar as
gentes, uma con-
fusão de maqui-
naria diversa e
moderna. Estão
ali, em tanta coisa
útil, evocando um
progresso or-
deiro, milhões de
libras, longos
anos de trabalho
num clima que
foi cheio de mias-
mas portadores
da morte, muitas
vidas que se per-
deram, prematu-
ramente, e fica-
ram ignoradas,
adormecidas sob
um solo que uma
cidade cobre, uma
cidade grandiosa,
que se ufana de si
mesma, que atrai
para o céu o
bruído dos seus
estremecidos de
vida energética,
saúdável e orde-
nada. E há necessidade também,
porque d'ora em quando, para
nas alturas, lá muito acima, man-
chando a limpidez do sul, o abu-
tre calculado e manhoso, lançando ao
que é nosso o seu olhar de gula, à es-
pera da primeira oportunidade, para ferir
sobre a presa descuidada, o bico
adunco ensanguentado de outros cadá-
veres!

E nessas investidas de canalha, onde há
um gnasnar diabólico que enerva e movi-
mentos que chocam, observa-se bem o de-
sejo feroz do animal que anseia cevar o
apetite naquilo que outrem criou, não para

An lado: Po-
lana Hotel
visto do lado
do mar. Em
baixo: O no-
vo teatro Gal
Vicente



serve de assunto a
esta crônica simples
e muito a propósito,
onde não existe a
vaideade dum falso
patriota, menos
ainda a bazófia de

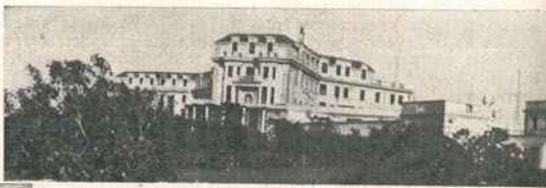
CRÔNICA DE LONGE

A obra de progresso realizada pelos portugueses na Costa Oriental da Africa

cronista célebre, mas a honestidade de
quem pensa e sabe fazer justiça — será o
início dum série de escritos ilustrados
sobre Moçambique de quem, modesta-
mente, anseia, neste caso, servir mais a
verdade do que a pátria.

Dito isto à guisa de intróito, para es-
clarecer as nossas intenções, passamos,
para não maçarmos os leitores desta crô-
nica com mais considerações, ao assunto
que nos propusemos abordar hoje.

■
Dos portos da costa oriental e ociden-
tal do Continente Negro, Lourenço Mar-
ques, é o melhor e o mais belo, pelo seu
apetrechamento moderno e valioso, pela
sua beleza natural que facilitou as cons-
truções próprias a um porto de mar e
pela sua situação geográfica privilegiada.
Nele tocam todos os paquetes, vapores
de carga, embarcações à vela, de longo
curso, (independente da navegação cos-
teira), vindos dos mais longínquos lu-
gares do mundo, deixando passageiros
ávidos de paisagem nova, de emoções
inéditas, que desentorpeçam o espírito
cansado da vida igual de todos os dias,
dessa vida que está, que aborrece, dessa
vida de que não podemos abdicar, por-
que é necessária, porque é humana; de-
sembarcando mercadoria vária, que os
países em formação não produzem ainda
para bastar-se a si próprios. Outros,
levam de Africa, cansados do clima e
dos muitos anos de estadia, colonos an-
siosos de aspirar o ar do sítio onde nas-
ceram, dessa pátria que os embalou nos
primeiros vagidos, de matar saudades,
de beijar os seus; outros, ainda, vão para
os portos donde a civilização partiu a
iluminar o resto do mundo, carregados
de matérias primas, que voltarão depois,
às cidades do litoral e ao sertão já civili-
zados, transformadas em objectos de utili-
dade prática e em produtos necessários à

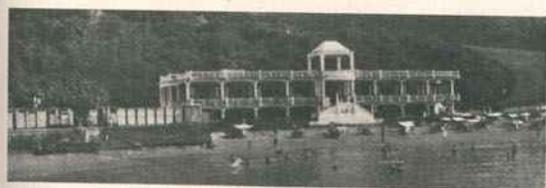


vida. De cima, no ar, imitando o tráfego
dos grandes centros civilizados da Eu-
ropa, aviões da mala, miram a imponên-
cia do porto e admiram os progressos
que os portugueses realizaram com um
esforço só digno da sua ténpera. No
cais, navios de grande e pequena tone-

lagem, descarregam e carregam merca-
doria que os seus porões absorvem,
como guela hiante e esfaimada, pelas
lingas dos 23 enormes guindastes, ele-
gantes, alinhados no comprimento do
muro de cimento armado. Duas carvoei-
ras enormes olham a baía na sua arro-
gância metálica e eterna. Sobre o muro
cais, extenso e largo, onde correm a todo
o comprimento três vias férreas, cruzam-
-se, de instante a instante, comboios com
mercadorias de trânsito para o Transvaal
ou de exportação por via marítima; gui-
ndastes automóveis, vagonetas, carrinhos
de mão, ajudam, numa disciplina de ferro,
à deslocação de volumes que se destina-
m ao tráfego ferroviário ou marítimo,
ou ainda ao que se destina ao consumo
local, que é apreciável. Os 14 armazens
de 60 x 30 metros de dimensão arrumam
toda a descarga e carga efectuada pelo
porto, enquanto não seguem ao seu des-
tino. Milhares de pretos, contentes, por-
que ganham o pão de cada dia, e cons-
cientes, porque sabem, como os brancos,
respeitar os deveres para merecerem cer-
tos direitos, que são comuns, movimen-
tam-se, dum lado para outro, na mais
íntima camaradagem, cantando, para que
o trabalho custe menos e o sol não lhes
pareça tão árduo, sob a fiscalização de
capatazes, que dirigem o manuseamento
da carga e descarga, para que o cais fique
livre e possa receber mais mercadoria.

De noite, a mesma cantilena de pretos,
agora alternados, batidos pela luz dos
arcos voltáticos que as torres eléctricas
despejam sobre eles, luz que é fornecida
por uma geradora de grande potência
do próprio porto, e que fornece, também
energia e força motriz às dependências
dos Caminhos de Ferro até ao 1,5 quiló-
metro, e que daria, se fôsse necessário,
luz para a iluminação da cidade.

Há nisto tudo, nesta harmonia de mo-
vimentos, nesta disciplina que o homem



An lado: Re-
finaria de pe-
tróleo em Po-
lana o pavil-
hão de cá. Em
baixo: O
criador de
gás «Dor-
chesters»

pôs nas coisas e em si mesmo, para que
a velocidade de trabalho resulte provei-
tosa, uma alegria íntima, uma alegria
comunicativa, que dispõe bem.

Os ruídos das diversas ferragens dos
vapores, dos guindastes, dos comboios,
dos guindastes automóveis, das vagone-

tas, dos
carrin-
hos de
mão,
têm,
neste
esforço

Jardim da
praça Mac
Mahon on-
de se ter
erguido, o
pátrio de
sua morte
da grande
guerra

bem disciplinado,
uma função tão im-
portante, ao nosso ouvido, como a voz
de comando dos brancos e a cantilena
alegre dos pretos.

Cá ao fim do cais, para o lado norte,
está o frigorífico, obra colossal de grande
alcance económico. Esta obra importante
de grande futuro, é a melhor da África

do Sul. Custou ao
Estado cerca de
£ 400.000. Mais
para além e mais
para o fundo, lá
longe, a umas três
milhas, estão os
depósitos da ga-
solina Shell e Va-
cuum, onde os
vapores petrolei-
ros vão descarregar
a sua perigo-
sa carga, que se
destina ao con-
sumo da colônia
e ao abasteci-
mento das re-
giões do Transvaal
e de Orange. Deixa
este tráfego, ao
porto e ao camin-
ho de ferro, impor-
tantes receitas.
Além dos depósitos
da gasolina, há ali,
também, um outro
grande frigorífico
para carnes e uma
fábrica importante
de cimento, que
abastece Moçam-
bique e ainda ex-
porta, em relativa
quantidade, o
produto da sua laboração. Rebo-
cadores de alto mar, auxiliam a
navegação na atracação e na de-
satracação, e já, por várias vezes,
a sua potência tem sido experimen-
tada

Igreja pa-
roquial de Nossa
Senhora da
Conceição

fora da
barra,
em ser-

Continente Negro. A exuberante vegeta-
ção das suas margens elevadas, onde a
areia encarnada dos montes e o verde
da relva que os mancha, aqui e ali, vi-
çosa e forte, empresta-lhe um tom de
graça e de harmonia, que distrai o olhar
e encanta o espírito. A sua configuração
curiosa, que não
encontrou defini-
ção, em nosso es-
pírito, pela extra-
vagância do re-
corte, é um ca-
pricho que a
natureza primou
em criar, inédito,
incapaz de imitar-
-se, e que enver-
gonha o mais en-
diabrado enge-
nho humano.

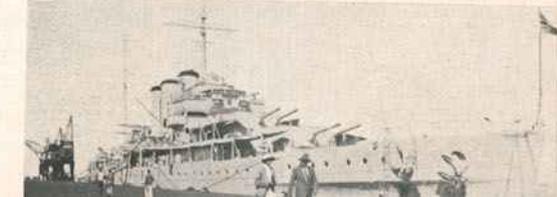
■
Tem, a baía
de Lourenço
Marques, uma
largura de 36 qui-
lómetros, desde o
farol da Inhaca
(barra), até à mar-
gem onde fica sit-
tuada a cidade, e
um compartimen-
to de 24 qui-
lómetros, desde o
monte Cutfield
até à Inhaca. A
parte do estuário,
compreendida en-
tre as pontas Maõ-
na e Vermelha e a
foz dos rios Tembe,
Ubeluzi e Matola, mede
uma superfície de
30 quilómetros
quadrados, numa
extensão de 14
quilómetros.

É uma baía ampla, absoluta-
mente natural, onde podem en-
trar os paquetes de maior calado, tendo
há pouco, ainda, de passeio com turis-
tas americanos, atracado ao enorme cais
Gorjão, o "Carinthia" da "Cunard Line",
que desloca 22.000 toneladas.

Incontestavelmente, ao porto de Lou-
renço Marques, está destinada, na parte
oriental do Continente Negro, uma função
tanto mais importante quanto maior for
o desenvolvimento de toda a África do Sul.



Rodrigues Júnior.



CINEMA

Os filmes em cores e o futuro das «estrelas»

SEGUNDO «L'Intransigeant» foi o primeiro jornal do Mundo a noticiar, o produtor independente Walter Wanger contratou Greta Garbo, Charles Boyer, Ann Harding e Madeleine Carroll para figurarem nos filmes que tenciona realizar.

Até aqui, sem deixar de ser importante, a notícia não tem foros de sensacional. O que lhe dá essa característica é a circunstância de o mesmo produtor ter obtido o exclusivo dum novo processo de cinematografia das cores naturais de que os técnicos norte-americanos dizem maravilhas.

Já foi exibida em Nova York uma curta película de duas bobines filmada segundo esse processo. E a opinião unânime de quantos assistiram à sua projecção é que o cinema em cores atingiu um grau de perfeição que deixa satisfeitos os mais exigentes.

A ser assim, é evidente que o cinema está em vésperas de passar por uma revolução tão importante ou mais que a da introdução do som na projecção animada. São dessa opinião muitas autoridades dos meios produtores.

O advento do cinema em cores era, de resto, um fenómeno de fácil previsão. Pode-se discordar dele e é certíssimo que se vão levantar acasas disputas entre os partidários do claro-escuro e os apóstolos da nova modalidade cinematográfica. Mas sobre o que não pode haver dúvidas é que nada poderá obstar ao progresso técnico que essa inovação representa. Os estetas e os cinefilos saudosistas não poderão evitar que o público manifeste maior interesse por um espectáculo que lhe oferece um novo atractivo. Assim sucedeu com o fonocinema. Assim sucederá mais tarde com a projecção em relêvo.

A Arte sofre, talvez, com isso: Mas o seu prejuízo é momentâneo. Os primeiros filmes falados representaram uma regressão deplorável na arte das imagens. Depressa, porém, o atraso foi compensado, excedido mesmo. Já ninguém de boa fé sustenta que o nível intelectual dos fonofilmes seja inferior ao das películas silenciosas.

Tudo indica que com o cinema em cores se verificará um fenómeno semelhante. As primeiras produções limitar-se-ão a ostentar um colorido gritante. Os realizadores vão embriagar o público de vermelhos, azues e amarelos violentos. O equilíbrio virá depois e com ele novos meios de expressão capazes de excederem as mais audaciosas previsões.

Mas o choque não deixará por isso de ser rude. A educação visual do espectador, habituado às composições de sombra e claridade, levará algum tempo a fazer. Entretanto, alguns ídolos tombarão para outros se erguerem. Quantos artistas resistirão à terrível prova duma fotografia em cores naturais? Quantas belezas prestigiosas não se desfarão em fumo no dia em que o «écran» as apresentar com o seu colorido exacto?

E depois o filme em cores terá, decerto, as suas exigências particulares. Também o microfone as tem. O conceito de fotonomia vai modificar-se totalmente e a ninguém é possível supor a forma que tomará.

Walter Wanger prepara-se para ser o pioneiro da nova arte. A sua iniciativa é ousada. Mas é também, acima de tudo, uma experiência. E os nomes que escolheu para formar o elenco da sua empresa elucidam-nos acerca dos propósitos que o orientam.

Greta Garbo é a figura mais destacada do cinema actual. Nenhuma outra estreia no «écran» colorido poderia revestir tanto interesse para o público do Mundo inteiro que não deixará de acorrer às salas de espectáculo para ver a sua «estrela» favorita sob um aspecto novo.

Ann Harding é o tipo mais perfeito de loura que Hollywood nos deu. Madeleine Carroll é a mulher dos cabelos ruivos e ardentes. Qual delas sairá vitoriosa da competição a que vão submeter-se? Só o futuro o pode dizer. Mas a escolha é inteligente por isso mesmo que aborda um dos problemas cuja solução importa ao futuro do cinema em cores — a definição do tipo de beleza que nele predominará.

Devemos reconhecer que a perspectiva é conflagradora para os numerosos admiradores da grande Greta Garbo. Poderá ela ven-

me interesse em vêr o partido que este saberá tirar das magníficas qualidades de Greta.

A acção decorre no interior da China e mostra-nos o conflito resultante da paixão duma mulher que se vê desprezada por seu marido todo entregue à sublime missão de lutar contra a epidemia de cólera que dizima os habitantes.

O contrato de Greta Garbo com a Metro Goldwin Mayer termina com este filme. Como atrás dissemos, a grande actriz sueca firmou novo contrato com um produtor independente e não renovará portanto o que agora expira.

Tudo o que se prende com a vida de Greta Garbo adquire caracter de novidade sensacional. Por isso os jornais norte-americanos estiveram quasi a fazer edições especiais no dia em que se soube que a famosa «estrela» sueca apparecera no estúdio acompanhada por uma nova criada.

Mas para que a notícia fosse mais sensacional ainda, succede que a antiga criada abandonou o seu lugar para se consagrar ao cinema. Desempenhará um papel importante no filme «Imitação de vida» que a Universal tem em realização.

Tendo terminado a realização de «O último milionário» cuja apresentação ao público parisiense talvez já esteja feita quando se publicaram estas linhas, René Clair começou já a preparação dum novo filme.

Desta vez, o grande artista de «Sob os telhados de Paris» escolheu para base do seu trabalho uma obra popularizadíssima em França e no estrangeiro — o célebre romance de Júlio Verne «A volta ao mundo em oitenta dias».

René Clair nunca é prodigo em revelações sobre a natureza dos seus projectos. Mas os que presumem de bem informados dizem que a obra terminará por uma grandiosa antecipaçao que nos mostrará a volta ao mundo em oitenta minutos na era distante de 1980.

E' de supor que a ironia de René Clair extraia do assunto motivos saborosos de critica à ansia inextinguível da velocidade que anima o mundo moderno.

O novo filme de Marlene Dietrich será baseado num argumento que para ela escreveu expressamente o grande romancista John dos Passos. O titulo desse trabalho é «Capricho espanhol». Josef von Sternberg dirigirá uma vez mais o trabalho da notável actriz.

Willy Fritsch, o conhecido galã alemão, intentou um processo contra um fabricante de cigarros acusando-o de se servir da sua fotografia para brindes aos fumadores.

De facto, o industrial em questão teve ideia de introduzir em cada maço de cigarros a fotografia dum artista de cinema, e entre os escolhidos para esse fim figurava Willy Fritsch.

Nada mais natural, na aparência. Estes tributos pagos pelos artistas á fama de que gozam são frequentes e a ninguém ocorreria revoltar-se contra elles. Mas Willy Fritsch fundamenta a sua reclamação em que as fotografias estão mal tiradas e o apresentam sob um aspecto desfavorável.

O tribunal vai decidir. E os juizes dirão se, de facto, como o queixoso pretende, as fotografias comprometem o prestigio do actor entre as mulheres que fumam.

cer as dificuldades inesperadas que se lhe antolham? O cinema em cores aumentará o seu prestigio de mulher fascinante ou marcará o termo da sua carreira?

Eis o que não se pode, por enquanto, saber. Mas o que parece certo é que o cinema está no limiar duma nova era, prometedora das maiores surpresas e de algumas desilusões.

Greta Garbo trabalha actualmente em Hollywood na interpretação dum novo filme extraído da novela de Somerset Maugham «The Painted Veil».

A grande actriz é dirigida pela primeira vez, pelo realizador Richard Boleslavsky. Há enor-



Cora Sue Collins, a gentil actrízinha que vimos em «Rainha Cristina», desempenhando o papel da célebre soberana sueca durante a sua infância

CINEMA

Cecil B. De Mille

realizador apaixonado pelas grandezas

CECIL B. DE MILLE tem direito a um lugar proeminente entre os maiores animadores do cinema americano. Não porque seja um artista superior na mais rigorosa acepção do termo. Antes pela sua profunda intuição do espectáculo. razão principal do seu extraordinário triunfo.

Quando dizemos que De Mille não é um artista superior cingimo-nos a um conceito rigorista e, necessariamente limitado. Não podemos, na verdade, ignorar ou deixar de reconhecer as suas brilhantes qualidades de realizador. afirmadas num tão grande número de filmes. Mas o que nêle sobreleva, sem que a sua personalidade perca brilho com isso, é a capacidade de animador e industrial que se acusa nitidamente em tôda a sua obra.

Cecil B. de Mille não pertence à categoria usual dos realizadores que consagram o seu esforço a uma empresa e dela auferem proventos ou participação nos lucros. É um produtor que negocia o seu artigo com as empresas. Importa conhecer esta faceta da sua actividade,

embora aqui a refiramos sem elogio ou crítica depreciativa.

Para alcançar essa posição era necessário que De Mille possuísse aptidões excepcionais. E, de facto, assim sucede. O seu temperamento não é de um artista, pelo menos tal como o concebemos na Europa. De Mille é um «business-man», na acepção mais completa do termo. Mas o seu sentido prático não ofusca qualidades que o imporiam em qualquer circunstância.

Para quem seguiu a evolução do grande realizador americano através das suas obras, há ainda um facto que prende a atenção. Na primeira fase da sua actividade, De Mille manifestou-se um puritano, inspirado por essa moral severa e rígida que animou os pioneiros do novo continente. «Homicídio» e «Os dez mandamentos» são exemplos típicos do que

apontamos. Há em ambos êsses filmes a mesma base dogmática, feita de reflexões sôbre a Bíblia e de doutrina protestante.

Com o andar do tempo, êste puritanismo de De Mille atenuou-se. Evolução natural ou adaptação a uma moral que se transforma? Não o sabemos, mas inclinamo-nos para a segunda hipótese. Consideramos De Mille não um criador espontâneo mas um intérprete excelente das exigências do público. A sua versatilidade é uma prova disso. Aborda hoje

o drama para amanhã se lançar na comédia.

Troca o realismo pela fantasia. Entre «O sinal da cruz» e «Madame Satan», que diferença! Mas sente-se bem que tôdas as mudanças obedecem a um cálculo inteligente que nunca falha no seu único objectivo — prender o interesse do espectador.

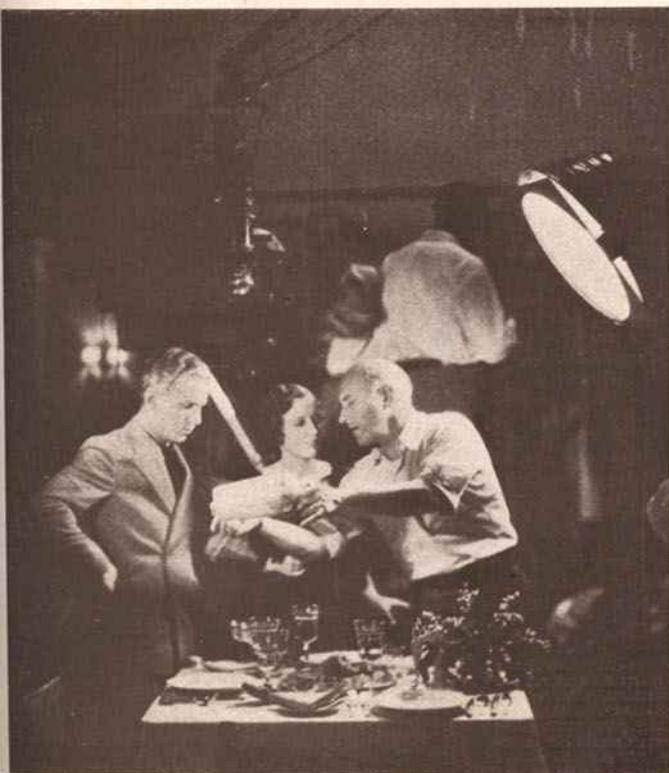
Só há um factor constante em tôda a obra de De Mille. É a grandiosidade. Assim como Stroheim vive na obsessão realismo e Sternberg na do mistério, Cecil B. De Mille realiza as suas obras empolgado pela paixão das grandezas. É um megalómano feito realizador. Nunca poderia tentar com êxito o drama íntimo ou a comédia ligeira. Faltam-lhe para isso qualidades de observador e de psicólogo e não possui o sentido da ironia. Mesmo em «Madame Santan», comédia frívola, não dispensou o grandioso, tanto do agrado do público americano. As cenas a bordo do «Zeppelin» que conduz duzentos convidados numa festa sumptuosa através do espaço formam um conjunto único de frivolidade e grandeza.

Mas onde De Mille é grande, onde êle excede quasi todos os realizadores é na ordenação das grandes cenas espectaculosas. na evocação das imagens do passado, na animação das grandes multidões. Aí é que a sua arte não sofre comparações.

De Mille acaba de dar mais uma prova dessas aptidões em «Cleopatra», filme que evoca os amores da célebre rainha do Egipto com o imperador Marco António.



Cecil B. De Mille



De Mille dirigindo a realização de «Amocidade manda»



Os noivos: D. Maria Amélia Ferrão (Ponte) e o dr. Manuel Bento de Sousa, saindo da igreja das Mercês, após a cerimónia (Foto Serra Ribeiro)

Festas de caridade

EM SINTRA:

Com uma enorme e seleta concorrência, realizou-se na tarde de domingo, 23 de Setembro último, no Casino de Sintra, gentilmente cedido pelos seus proprietários uma interessante festa de caridade, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, sob a presidência da sr.^a Condessa de Seisal. Esta festa, cujo produto se destinava a favor do fundo da benemérita instituição Preventório de Colares, constou de concerto em que tomaram parte alguns notáveis artistas que receberam, ao terminar os seus números, os mais calorosos aplausos.

Terminado o programa do belo concerto, deu-se começo ao «chá dançante», cujo serviço estava a cargo do Hotel Costa, de Sintra, que mais uma vez teve ocasião de pôr em destaque a sua magnífica forma de serviço.

Ao som de uma exímia orquestra «jazz-band» da capital, dançou-se até perto das vinte e uma horas, sempre num crescente de animação e alegria.

A comissão organizadora deve estar plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto sobre o aspecto mundano, como financeiro.

NO ESTORIL:

A festa infantil desportiva, de caridade, que na tarde de domingo 23 de Setembro último, se realizou na mata do Asilo de Santo António do Estoril, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor das Obras Salesianas, do Estoril, filial das Oficinas de S. José, decorreu, como era de prever, muito animada e elegante. Todas as provas desportivas, em que estavam inscritas crianças de ambos os sexos, dos três aos quinze anos, despertaram na seleta assistência um extraordinário interesse, pela forma como foram disputadas.

Esta festa de caridade marcou sem dúvida alguma, não só pela animação em que decorreu, como pela seleta frequência em que se notava tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante de Cascais e Estoril.

VIDA ELEGANTE

EM SANTO AMARO DE OBRAS:

A favor dos pobres do concelho de Oeiras, realizou-se na tarde de quinta-feira, 20 de Setembro último, no Pavilhão Oceano, em Santo Amaro de Oeiras, uma elegante festa, que consistiu de «chá dançante», tendo também havido partidas de «Mah-Jong», «Bridge» e «Bluff». O aspecto do vasto salão do Pavilhão Oceano era, nesta tarde, verdadeiramente encantador, vendo-se ali reunidas grande número de famílias, não só de Santo Amaro, como das restantes praias da Costa do Sol.

Casamentos

Na paróquia das Mercês realizou-se com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria Amélia de Lencastre Ferrão (Ponte), gentil filha dos srs. Condes da Ponte, com o distinto cirurgião, sr. dr. Manuel Bento de Andrade e Sousa, filho da sr.^a D. Maria das Dóres Andrade e Sousa e do ilustre clínico sr. dr. Mário de Sousa.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco e D. Maria Tereza Ferrão de Lencastre, respectivamente, tia e irmã da noiva, e de padrinhos os srs. dr. João Manuel de Sousa Bastos e António Posser de Andrade, primos do noivo.

Celebrou o acto religioso o prior da freguesia, reverendo Marques Soares, que, no fim da missa, fez uma brilhante alocação. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia, foi servido no salão de meza da aristocrática residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para uma das quintas dos pais do noivo, em Azeitão, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

Na assistência notavam-se as seguintes pessoas:

Marquês e marquesa de Lavradio e filhas, marquês e marquesa de Sabugosa, conde e condessa de Galveias, conde e condessa de Mendia, conde e condessa de Bobone e filhas, condessa das Galveias (D. Maria Quiomari), conde e condessa de Bobone (Carlos e D. Maria Francisca), conde e condessa das Alcaçovas (D. Luiz e D. Constância), vi-condessa de Almeida Garrett, conde de Arrochela, dr. Francisco Gentil e D. Alda Cabral Gentil, dr. António Maria de Sousa e D. Maria das Dóres Andrade e Sousa e filha, dr. Francisco Ferrão de Castelo Branco e D. Helena Mauperrin Santos Ferrão, D. Rita Ferrão de Mascarenhas, D. António de Menezes e Vasconcelos, D. Ana Barreto de Menezes e Vasconcelos e filha, dr. Francisco de Mascarenhas Gentil e D. Izabel Maria da Costa Sousa de Macedo Gentil, D. Maria Manuela de Sousa Bastos, dr. João Manuel Bastos e D. Izabel Maria Roquete de Sousa Bastos, António Correia de Sampaio e D. Tereza Gil Correia de Sampaio, Ricardo Schdell e D. Izabel Ferrão Schdell, D. Ana de Sousa António Posser de Andrade e D. Maria Luiza Meireles Posser de Andrade, D. Pedro de Lencastre e D. Maria Tereza Ferrão de Lencastre, Carlos Iglesias Viana, Alexandre Ferrão de Castelo Branco, D. Izabel Pinheiro de Melo Espírito Santo Silva, João Bianchi e D. Maria João da Câmara Bianchi, D. Eugénia de Lencastre de Orey, D. Maria Tereza de Lencastre Ferrão, Adolfo Burnay Soares Cardoso (Marco) e D. Eugénia de Avilez Soares Cardoso, D. Elisa Fletcher, João Posser de Andrade e D. Maria da Câmara Assis Posser de Andrade, D. Adelaide Sofia Maria e D. Maria Angelina de Melo de Castro (Pernes), dr. Manuel Côrte Real, D. Mariana e D. Catarina de Avilez, D. Marta Cabral, Bernardo Pinheiro de Melo (Arnos), D. José Gil, D. Ana de Orey, reverendo Marques Soares Alvaro Manuel, Alexandre e Fernando Bobone, José de Lencastre Ferrão de Castelo Branco (Arrochela), José Posser de Andrade, José de Macedo Santos Belo, José de Serpa O'Neill Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Os ilustres titulares e seus filhos, foram de uma cativante amabilidade para com os seus numerosos convidados, pondo assim mais uma vez em evidência as suas fidalgas qualidades de carácter.

— Em Elvas realizou-se, com muita intimidade, em capela armada na elegante residência da sr.^a D. Amália Rincon Ramos

A sr.^a D. Catarina de Sousa Coutinho de Mendia, filha dos srs. Condes de Mendia, e o sr. conde das Alcaçovas (D. Luiz) filho primogénito dos srs. Condes das Alcaçovas, por ocasião do seu casamento, realizado na capela dos pais da noiva.

de Vasconcelos de Azevedo e Silva e do sr. Mem Rodrigues de Vasconcelos de Azevedo e Silva, o casamento de sua interessante filha D. Amália Catarina, com o sr. Fernando Marques do Couto, filho da sr.^a D. Lucinda Ferreira Marques do Couto e do sr. Luiz Lúcio Lopes do Couto, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido no salão de meza da elegante residência, um finíssimo lanche da pastelaria Marques, seguindo os noivos depois para uma digressão pelo país, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na igreja paroquial de Paranhos realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Amélia de Bianchi, gentilíssima filha do sr. dr. Augusto César de Bianchi, com o nosso camarada de imprensa, sr. Fausto Vilar. Foram padrinhos, por parte da noiva, seu pai e sua madrastra D. Rita de Almeida Bianchi, e por parte do noivo o sr. Francisco Pinto de Molêdo, chefe-adjunto da Contabilidade Central da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, e sua esposa, sr.^a D. Maria Luiza Guerreiro de Bianchi Molêdo.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Luiza Ravara Belo, esposa do sr. António de Macedo Santos Belo.

Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— A sr.^a D. Maria Constança Costa Sousa de Macedo, esposa do sr. D. Alvaro da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela), teve o seu bom sucesso.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

Baptizados

Na paróquia de Santa Izabel, realizou-se o baptizado do menino D. José Francisco, gentil filhinho da sr.^a D. Maria Alexanorina de Abreu da Costa Sousa de Macedo e do ilustre professor da Escola Militar, major de engenharia sr. D. Luiz Manuel da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela). Foi madrinha a avó paterna sr.^a D. Palmira Cardoso Castilho e padrinho o avô materno sr. dr. Tiago de Abreu, que se fez representar pelo tio paterno e nosso colega na imprensa sr. D. Bernardo José da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela).

D. Nuno.



PÁGINAS DA MULHER



encontrar alegres e sorridentes povoações, como a Areosa, Carreço, Afife, Montedor, e, as suas elegantes praias de Areosa e Mole-do, procuradas, pelas melhores famílias do Norte para passar o tempo dos banhos. Em seguida Caminha na magestosa e deslumbrante foz do rio Minho Vila cheia de tradições, Caminha, é uma das mais lindas vilas do Minho. Do outro lado do rio sorri-nos como irmã amiga a Galiza numa paisagem tão semelhante à nossa, que nos dá a impressão, que o rio Minho não marca uma fronteira, mas sim divide duas margens iguais dum mesmo país e a sombra que o Monte de Santa Tecla projecta sobre o rio abrigando a sua povoação de La Guardia não tem o aspecto duma ameaça sombria, mas sim o duma protecção amiga dum país igual. Atravessando a ponte sobre o rio Coura entramos na parte mais bela do Alto Minho. Seixas a ridente povoação que parece um mirante sobre o Minho e a paisagem gloriosa do rio que magestoso desce para o mar entre duas frondosas margens do mais belo verde que só na verde Albion terá rival. Lanheles a aristocrática casa com a sua torre que nos faz lembrar os tempos em que a todo o momento se vivia de atalaia em terras fronteiriças. No meio do rio a verdejante ilha dos amores, e as povoações de cá e de lá sorrindo se amáveis e ininterruptas. A torre de Lapela aparece desmantelada e tendo como símbolo no alto das suas ameias duas oliveiras que ali nasceram e que dão origem á poética lenda: que foi uma pombinha que trouxe a Galiza a semente e que enquanto durarem essas árvores da paz, nessa torre, uma das mais agueridas da idade média, está a paz assegurada entre Espanha e Portugal. Em seguida Monsão a vila da Deu-la-deu, glória das mulheres portuguesas pelo seu ardiso bom senso. Vila afamada pelas suas belas casas, hospitalidade e os almoços do seu hotel Vaticano. Assim chamado por ser muito visitado pelo clero, que no Minho tem fama de apurado paladar. As suas caldas tão poeticamente situadas à beira do

QUEM vai de Viana do Castelo a Monsão, atravessa uma das mais lindas regiões do Alto Minho. Quer de combóio, quer de automóvel, esse passeio é um dos mais belos que no nosso país se podem fazer. À saída de Viana segue a estrada à beira-mar. Mar revolto e de aspecto nórdico, que contrasta com as verdes veigas e com o terreno cultivado, que o vai procurar até à orla espumosa das suas alterosas vagas, do outro lado da estrada a montanha arborizada, esmaltada, dessas brancas casinhas de alpendre, que são o complemento dessa paisagem minhota, tão agradável e povoada, cheia de alegria e que nunca nos dá essa impressão de isolamento e tristeza, que os campos do Sul produzem nas almas saciáveis e em quem a solidão causa, uma como que neuraslenia acabrunhadora.

O Minho é a província por excelência, berço da nacionalidade, cheio de povoados, de solares, que atestam ter saído de ali a fina flor da aristocracia portuguesa, em ruínas uns, outros ainda em toda a arrogância da sua senhorial aparência. Logo a seguir a Viana se começam a

rio há quem diga que são das melhores do país, para o reumatismo. Tomando a estrada dos Arcos de Val de Vez, a quem vai de automóvel, espera-o uma surpresa. A cinco quilómetros da vila, ergue-se soberbo o palácio da Brejoieira. Nada tem de aparência dos solares do velho Minho. É um palácio de aspecto realengo. Ao fundo dum jardim, que poderia ter sido desenhado por Le Notre, ergue-se a mais bela fachada do mais puro estilo D. João V. A gradaria de ferro fechada por um lindo portão a que dá a maior elegância o não ser fechado em cima, e cujo trabalho arquitetónico é soberbo, aumenta a grandiosidade do belo edifício, que por inesperado nos deixa encantadas. Pertence hoje à conhecida família Araujo, do Porto, que com a maior gentileza permite que se visite o palácio e o grandioso parque. São horas que não são perdidas. A capela é uma maravilha, o seu gracioso teatrino, faz-nos lembrar a vida elegante, dos "chateaux", de França. O átrio grandioso. Os salões com o seu mobiliário Império e com lustres de Veneza, do maior valor e da mesma época não nos dão a desilusão, que

tantas casas grandiosas por fóra, nos dão muitas vezes. Os seus quartos onde há o maior conforto moderno, aliado à grandiosidade antiga do edifício diz-nos a agradável vida que ali se pode fazer. Para o lado de traz da casa jardins de buxo com os seus labirintos e os seus imensos tanques, o seu jôgo da péla, fazem lembrar Queluz, e o parque estende-se em magestosas avenidas de platanos e de castanheiros até ao poético lago, com os seus patos, as suas ilhas, os seus barcos, lago onde não falta a gruta e há recantos onde passar uma tarde de calor. Árvores raras rodeiam o lago e enchem o parque. E essa mansão de elegância e de bem estar levantando-se no meio dessa garrida paisagem minhota, de casinhas brancas e pequeninas, faz-me lembrar uma elegante, bela e magestosa rainha com a sua "toilette", de corte, no meio dum grupo de aldeãs cheias de frescura e alegria mas cuja rude aparência, faz sobressair a distinção real. — M. de E.

A Moda

COMEÇAM a esboçar-se as primeiras modas de outono a aparecer os primeiros vestidos de lã, os primeiros agasalhos ainda leves, mas já abrindo-nos. Damos um lindo modelo para os primeiros dias frescos do outono. Num género desportivo é muito próprio para o «golf» e para as espectadoras de corridas de cavalos ou para qualquer outro desporto. Em «tweed» bege, tecido este muito prático, tem o casaco quatro bolsos abotoados, assim como o próprio casaco com botões em madeira castanha, a fivela do cinto é também em madeira castanha. A «écharpe» é em malha de seda castanha, assim como a tirinha que garante o chapéu em feltro «beige», carteira em couro castanho, para chá, um vestido em «Surah» de quadrados azues e brancos. O corpo é em género «basque» com cinto de couro azul. A gola é formada por um laço cujas bordas são franjadas, assim como os fôlhos que guarnecem os punhos. O chapéu em azul escuro com a fita em branco. Para a noite para os últimos bailes de casinos temos dois lindos modelos. Um em «chiffon» côr de rosa guarnecido com uma farta «ruche» formando atrás cascata em «taffetas» da mesma côr. O decote pequeno, e, o colar em orquídeas e fetos de veludo. Na mão um pequeno ramo de «Muguet» guarnecido com um laço em tule rosa. Começa a voltar a moda do «bouquet» na mão para os bailes. O outro é um elegante vestido em renda da côr natural, guarnecido a fôlhos de «chiffon» branco. As mangas são em «chiffon» assim como o pregueado que tapa o decote. Estes modelos são para menina e é para notar como os decotes exagerados tão impróprios de raparigas novas e solteiras, estão sendo abolidos. Distinguem-se assim as meninas das senhoras casadas, o que ultimamente não sucedia. Na cintura um ramo de malmequeres e avencas em veludo. As guarnições em flores estão outra vez muito em voga.

Os desportistas

Os jogadores de «tennis» classificados entre os primeiros dez na graduatoria mundial, levam uma vida faustuosa. Entre eles o «ex-dilettante» Vincent Richard, americano, e a célebre francesa mademoiselle Lenglen. O que se passa na América repete-se naturalmente, em redução já se sabe, na Europa. Supondo que se é classificado terceiro ou quarto e que um grande hotel

deseja a vossa presença. Um automóvel elegante, virá buscar-vos. Alojard-vos-hão num «apartamento» de 75 dólares por dia e o mesmo tratamento será dado aos vossos parentes e amigos íntimos. Podeis encomendar todas as bebidas e todas as refeições, mais caras, que vos passem pela cabeça, sem pagar naturalmente. Depois do torneio sois autorizado a ficar ainda algum tempo e ser-vos-hão reembolsadas as despesas da viagem. No dia seguinte ireis para outro grande hotel e a vida recomeça. Mas esta existência de mamífero de luxo não dá muito dinheiro. O que é verdadeiramente remunerativo é a participação nos torneios. O nome do «Club» ou do hotel que organisa os encontros, ou da sociedade que assume a iniciativa é publicado em todos os jornais. O vosso nome faz afluir os espectadores ás bilheteiras e o dinheiro á caixa. É então que podeis pretender uma percentagem discreta sobre o que se encaixa, sem que os empregários abram bico. Uma conhecida jogadora diletante á qual ofereceram dez mil dólares para passar ao profissionalismo respondeu: «Porque motivo querem que me torne profissional, e aceite dez mil dólares, quando de há muito corro o mundo gastando por ano cento e cinquenta mil dólares e pondo de parte um pé de meia para as surpresas do futuro. Sem contar que o profissionalismo pode fechar a porta inexoravelmente ao príncipe encantado, que mais dia menos dia se pode apresentar a pedir a minha mão.» É pois muito mais prática a vida de diletante no ténis, do que a vida de profissional. Mais rendosa e mais elegante no entanto o profissionalismo tem vantagens, senão mademoiselle Lenglen que tinha a sua situação feita não o teria escolhido.

O estado de alma

HAVIA ha muito, consultórios para tudo, especialistas para todas as doenças e cura para todos os doentes, mesmo para a gente que está de perfeita saúde, porque a saúde, dizem os entendidos, é um «estado provisório». Mas o que até agora não havia era um consultório onde se tratassem os estados de alma. E nesta humanidade actual tão transcendente e complicada o estado de alma é uma coisa gravíssima. É necessário quem dê um conselho perante um obstáculo ou um conflito, quem nos dê o impulso para seguir o bom caminho. O consultório de «miss» Hulton em Londres responde a estas necessidades. Ela tomou o título de especialista de consultas morais. Recibe raparigas inquietas,

rapazes alitos, mulheres infelizes, maridos ciumentos. Conforta uns, tranquilisa outros, aplana todas as dificuldades. Evita muitos divórcios, e reconcilia os mal casados. Com a gente simples faz o papel de vidente e faz encontrar dinheiro e reaver o amor das infieis. Para alguns é uma sonambula, para outros uma espécie de Santo António, que faz milagres. Mas a sua antecâmara está cheia de gente, ingenuas, e miss Hulton encontra dinheiro para si própria á custa dos papalvos.

Como se comia e como se come

DEITANDO um rápido olhar para os séculos passados, pode seguir-se gradualmente o aperfeiçoamento da arte de cosinhar. Se observamos os nossos antepassados ainda os mais afastados, encontramos que os antigos comiam muito mais do que nós. Encia recebendo Ulisses, mandou matar e cosinhar um porco grande, para cinquenta convidados. Para fazer uma ideia da força do estômago dos antigos, basta ler em Homero o aparato de certos gigantescos banquetes, e, em qualquer crónica romana, a descrição dos jantares de Nero e de Lúculo: Não se usavam toalhas, nem garfos e nem mesmo um prato para cada comensal. Os alimentos não líquidos, punham-se num prato central e cada comensal, que tinha um pão, um salcero e uma colher servia-se e comia com a mão. Outros alimentos comiam-se sobre uma fatia de pão. A civilização europeia começou a afinar-se no século XII, graças ás relações com o Oriente. Adoptaram-se as toalhas e na boa sociedade usavam-se até duas.

No século XIII punha-se um prato para cada duas pessoas. Nessa época apareceram uns objectos parecidos com os nossos garfos, que tiveram uma lenta difusão sob Henrique III de França. No principio de 1600 Ana de Áustria, rainha de França, que era espanhola, não aprovava a moda francesa do garfo e comia com os seus augustos dedos. O grande luxo na mesa começou na república Veneta. Ficaram célebres os banquetes e as festas, que davam os patricios venezianos e os próprios doges. Á arte requintada da cosinha unia-se ao luxo da mesa, de modo que alegrava não só o paladar mas também a vista dos comensais e a curiosidade do povo admitido ás vezes a assistir como espectador a esses banquetes, que afirmavam aos estrangeiros o bem estar e a riqueza da República. A preparação dos alimentos era extranha e tinha por base o açúcar. Juntavam-lhe drogas perfumadas e pó de ouro para fortalecer — como se acreditava — o coração. Guloso por excelência o ambiente mais importante e mais rico dum patricio veneziano era a cosinha cintilante de utensílios. Encontraram-se livros antiquísimos de cosinha que são curiosíssimos e interessantes. Sobretudo os ingleses. O mais antigo desses livros é o de Nekham do século XII. Agora a alimentação é leve e cada vez mais o será, com as prescrições médicas das dietas.

O rei do chá

O chá essa bebida tão apreciada por nós sem a qual póde dizer-se não existe hoje sociedade civilizada, tinha um rei que morreu em Londres ha três anos. Era um chinês o rei do chá? Nada disso; era um inglês alto comissário do Canadá junto do governo britânico e chamava-se Necker Garciu. Era uma das personalidades mais conhecidas do mundo comercial britânico, no qual era conhecido pelo «rei do chá». Ha mais de 40 anos que tinha entrado nos ne-

gócios, dedicando-se particularmente ao comércio da aromática planta. Ele tinha conseguido em poucos lustros, crear uma grande fortuna, que depois da guerra tinha subido a centenas de milhões. Calcula-se que o seu rendimento era de 12 milhões anuais. Foi o primeiro a ter a ideia de vender chá em caixas de metal estanhado em vez das caixas de cartão. E assim mesmo o chá era envolvido em papel impermeável. Essa inovação valeu-lhe um grande successo comercial, e, as suas marcas, conseguiram bater por muitos anos todos os produtos das princi-



pais casas concorrentes. Era o «rei do chá» um dos mais conceituados negociantes britânicos.

Hipnotismo

HÁ meses no Jardim Zoológico de Anvers, que possui actualmente trinta e três leões, acaba de ser realizada uma curiosa experiência. Um magnetizador, de nome Haldrensmeyer, tinha anunciado que hipnotizaria o mais feroz dos trinta e três felinos, o terrível Abdullah. Em companhia do domador, introduziu-se dentro da jaula; a principio Abdullah, que passava bocejando, não prestou a menor atenção ao intruso. Teria com certeza continuado a não lhe dar atenção se não tivesse acabado por ver a insistência como elle o fixava. O sr. Haldrensmeyer, com efeito, bem firmado nos seus pés, o pescoço esticado, a testa franzida, os olhos esbugalhados, atirava-lhe o seu fluido.

Depois de ter examinado com surpresa aquella esquisita figura. Abdullah começou a rosnar; o penacho da sua cauda começou a varrer o chão; depois, dobrando as patas ia atirar-se sobre o magnetizador quando o domador, com uma chicotada dada a tempo, o forçou a recuar para o fundo da jaula. Refugiado naquele canto, Abdullah firmou-se sólidamente sobre suas patas; o pescoço esticado, a carranca fechada, os olhos arregalados, procurava hipnotizar elle o hipnotizador; foi preciso tirar a tóda a pressa o pobre sr. Haldrensmeyer, que começava a ser hipnotizado...



Dr. Henrique Braz



DR. HENRIQUE BRAZ, autor do livro «Longe do meu horizonte», esplendido feixe de impressões de viagens que nos prende o espirito até à derradeira página. Viajamos com o autor através da Espanha, da Costa Azul, de Lourdes, de Roma, de Paris, e, no regresso, sentámo-nos junto dele a ouvi-lo recordar o que observou com a sua fina sensibilidade. Podemos meter, aqui e além, o nosso aparte, mas, no fundo, gostámos de ouvir o narrador.

Dr. António Ferreira



DR. ANTÓNIO FERREIRA, o ilustre autor de «Limianas» (regionário de trovas e poemas) não carece de apresentações ao respeitável público que já conhece a «Sinfonia do Crepúsculo» e a magnífica interpretação das mais belas odes de Horácio. Este seu último livro — «Limianas» — é um cântico festivo ao rio murroso que Diogo Bernardes amou e António Feijó enalteceu em versos maravilhosos. António Ferreira não fica mal ao pé deles.

Francisco Grandela



FRANCISCO de Almeida Grandela, o grande comerciante e industrial que todo o país conhecia e admirava, falecido em 20 de Setembro no seu palacete da Foz do Arelho.

FIGURAS E FACTOS

Arraial minhoto em Cascais



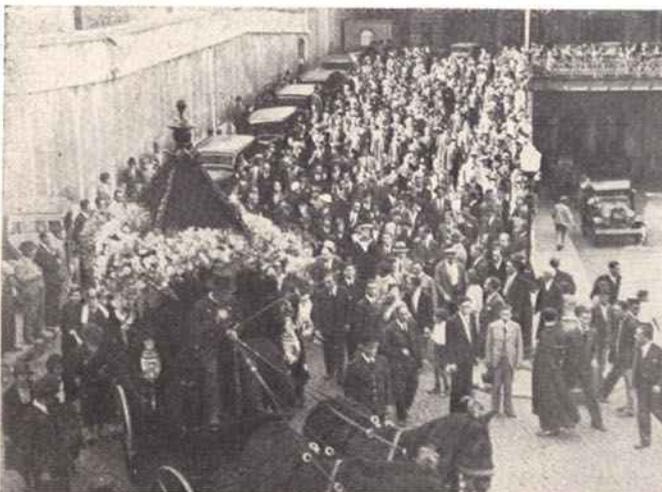
O Sporting Club, de Cascais, realizou, há dias, nos seus esplendidos jardins uma festa interessante, cheia de cor e atractivos, que intitulou «Arraial Minhoto». A direcção desta agremiação aristocrática, organizando com todo o esmero tão simpático festival, conseguiu inteiramente o seu objectivo. A nossa gravura representa um aspecto dessa encantadora festa.

O baile das chitas na Póvoa de Varzim



No Casino da Póvoa de Varzim, entre as dezenas de festas ali realizadas, destacou-se o baile das Chitas. Um curiosissimo certame em que cada uma das concorrentes se apresentou ostentando um vestido que não foi além duma despesa de 30 escudos. O ideal para os chefes de família. A nossa gravura apresenta as classificadas: 1.º prémio — D. Elsa Rumina; 2.º — D. Bianche Coelho; 3.º — D. Gilberta Fernanda Boaventura; 4.º — D. Tereza Ccelho.

O funeral dum grande comerciante



Os restos mortais de Francisco Grandela foram removidos da Foz do Arelho para Lisboa, onde ficaram depositados no cemitério do Alto de S. João. O funeral teve grande importância pelo número elevado de pessoas que nele se incorporaram.

D. Arminda Gonçalves



D. ARMINDA GONÇALVES — a inspirada autora da «Visionária» publicou outro livro — «Taça vasia» — que só agora nos chegou às mãos. No próximo número da *Ilustração* nos referiremos a esse punhado de sonetos — quarenta e sete apenas — que parece justificar o título da obra. Duma «Taça vasia» não se poderia exigir mais. Quarenta e sete gótas irisadas de tristeza, desalento, mágoa, orgulho, ilusão, ironia e talento, as sete cores da sua inspiração fulgurante. «Taça vasia» — 50 páginas, se tanto. Que pena não ser uma taça enorme e cheia, cheiazinha a trashbordar...

Francisco Leão



FRANCISCO LEÃO apresenta-se auspiciosamente no mundo das letras com o seu primeiro livro «O Mercado de Ilusões», constituído por diálogos traçados com um estilo vivo e conciso. Na opinião do grande poeta Teixeira de Pascoais, que prelaça o livro, Francisco Leão «é um escritor de raça que se revela dum modo terminante».

Ferreira Gomes



AUGUSTO Ferreira Gomes, o poeta do «Proccional», voltou a aparecer com o seu terceiro livro que intitula «Quinto Império». O autor, à falta de brumas sob este lindo céu azul, foi-se até à França e levou o melhor do seu tempo a sondar a vastidão do Canal da Mancha e a perscrutar as névoas eternas da nossa velha amiga Albion. Tomando naturalmente o rei Artur pelo nosso D. Sebastião, folheou o sapateiro Bandarra e visionou um «Quinto Império». E o poeta, voltando-se para os babilónios, os medopersas, os gregos e os romanos, disse-lhes em estilo grandiloquo e corrente: «Há cinco impérios no mundo: o primeiro é você, o segundo você; o terceiro você, e o quarto você — agora o quinto vocês dirão quem é».

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreko; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

VIDA CHARADÍSTICA

Acaba de fundar-se em Setúbal mais uma associação charadística, denominada SOCIEDADE CHARADÍSTICA SETUBALENSE, com sede na Avenida Tódi, 326, 1.^o, sendo seus corpos gerentes:

Direcção — Presidente: Laureano Rocha — *Sadino*.

Vice-Presidente: Eduardo Fernandes — *Tragabalas*.

Secretário: Carlos A. de Moraes — *Barão do Sado*.

Tesoureiro: João Adriano de Moraes — *Scaronom*.

1.^o Vogal: Manuel Ferreira Albuquerque — *Emefá*.

2.^o Vogal: Henrique José da Silva — *Zésil*.

Conselho Fiscal: Presidente — Afonso Ribeiro Salgado — *Osnoja*.

Secretário — Maria Celeste Rocha — *Marilete*.
Relator — Rogério C. Correia — *X. X.*

Á nova associação desejamos longa vida e muitas prosperidades.

NOVISSIMAS

1) Uma vareja até entra numa sargeta. 1-1.
Lisboa *Lérias (T. E.)*

2) Aquele que devora moiriscos é um fanfarrão. 2-2.

Luanda *Ti-Beado*
(Incitando meu irmão Valério)

3) Todas as partes componentes da variedade de esteva, excepto a flor, serviam de ornato à donzela que levava corbellas nas festas de Baccho. 2-2.

Lisboa *Vidalegre (S. C. L.)*

SINCOPIADAS

(A Fernambelo, pela sua "Talante")

4) É quasi sempre o olhar lindo duma mulher que nos mostra um destino. 3-2.

Ponta Delgada *Tobema (...)*

5) Sobre o limiar da porta estavam a jogar um jogo popular. 3-2.

Paços de Brandão *Oscav (T. C. B.)*

6) A súbita falta de amparo causa medo profundo e repentino. 3-2.

Lisboa *Ólho de Lince (T. E. e T. E. L.)*

7) O caranguejo mete nojo. 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

8) A «mulher» é sempre bela, sobretudo quando o «homem» a sabe compreender. 3-2.

Lisboa *Veiga (T. E. L.)*
(Para o «Caçador»)

9) E' muito favorável a um cavaleiro a correira dupla que sustenta o estribo. 3-2

Lisboa *Vidalegre (S. C. L.)*

METAGRAMA

10) Tendo este sinal e querendo ser poupada, logo compra, como qualquer ignorante, toda a «mulher» o que eu assinalo. (5-6)

Lisboa *Lord X*

EM VERSO

(Ao nosso director)

11) Desejo, caro director, — 2
Como «luto» decidido, — 1
Ser por si, que é sabedor,
Com bondade dirigido.

Lisboa *Lérias (T. E.)*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 19

(Cumprimentando «Rei Fera»)

12) Oh meu querido e velho Portugal!
Já foste grande. — Ceuta! Ormuz! Mombaça!
Concretizaste o génio duma raça — 2
de heróis e navegantes sem igual.

Passaram anos. Como um vendaval
que tudo envolve, agita e despedaça,
cobriram-te de luto e de desgraça — 1
Oh meu querido e velho Portugal!

E lembro o tempo ousado das conquistas
— Ai quanto tempo dêsse tempo distas! —
em que rendendo preito ao ideal

venceste o mar então inavagável,
sereno às vezes, outras indomável...
Oh meu querido e velho Portugal!

Pôrto Amélia *Magala (T. E.)*

(Ao ex.^{mo} director)

13) José Ferraz Ferrão da Costa «Espanca», — 2
Aquele ferrabraz endiabrado, — 1
Partiu há pouco as pernas, co'uma tranca,
Ao bom liberto escravo do condado. — 1

Depois de preso, logo foi julgado
Por um juiz de barba longa e branca;
E com descaro disse ao magistrado
Ser por «divertimento» que desanca.

Lourenço Marques *Silva Lima (T. E.)*

14) Amei um dia uma «mulher» — 2
Que num instante me prendeu
Meu coração a verter
Um amor que era só seu! . . .

A mim ligou a sua alma — 1
A sua à minha liguei.
E nesse laço apertado
Tôda a vida assim fiquei.

Tino de Óbidos (T. E. L.)

LOGOGRAFOS

OS POBRES

15) Sórdidos, rotos,
Os olhos postos no chão,
Os pobres lá vão,
Caminho do povoado.
Numa enorme multidão, — 3-4-1-7-5

Num rancho repelente,
Fato surrado

Manchado, — 6-4-5-3-7
O corpo ressequido,
Olhar fosforescente

E criminoso,
O rosto pervertido, — 3-4-
[1-5-2]

Um rictus invejoso
Dançando lhes nos lábios...
Vão e atropelam-se.

Alguns têm rostos corda-
[tos...]
Quem sabe se serão sá-
[bios!?!...]

Mas outros, grossos bor-
[dões,
Lembram ladrões...
E vão a todo o momento,
[— 3-4-5-6-2]

Trepa daqui a colina
Furta aqui uma bonina,
Pranteia ali um momento,
Em sórdida alcatéia

Pela aldeia.
Vão e pedem.
Prece de homem para «ho-
[mem», — 3-2-1-5-4]

E os homens não se en-
[tendem...]

...E os pobres lá vão,

Uns cegos, uns aleijados,
Outros vândios,
Uns pacóvios, outros loucos,
Alguns que metem dó,
Mas são tão poucos!...

.....
Lá vão os pobres, lá vão...

Cajado na mão,
Sujos, esfarrapados,
Fatos surrados,
Têm por único recreio
Aquele amargo passeio
Da volta pedindo esmola.

Coitados dos pobrezinhos...
— Mas nada de compaixões:
Alguns, bem sei, metem dó...
...Mas outros lembram ladrões...

Coimbra *Ignotus Sum (T. C. B. — T. E.)*

16) Sinal dos tempos que vão — 1-6-5-2.
Correndo: Em tom chocarreiro 3-4-3-2.

«Diz-me a Fifi: «O patrão
«Diz que a mulher p'r'ó balcão
«Val' muito mais que um caixeiro.

«Mas isso é coisa sabida, 6-5-5-2.
«Á mulher, emancipada,
«Serve outrora, escarnecida,
«Mais hábil que vós na lida,
«Que moureja, ganha a vida,
«Já não sois úteis p'ra nada ...»

Conquanto, ousada, assegure
Que é mais hábil do que nós,
Não vejo, embora procure,
Em que o seja... Em ponto «à jour»
Nos bordados a retrós?

Tem sido escrava? «Tadinha...»
«Grande peta! E diz, ufana, — 3-6-5-4.
Que nos dispensa, a tontinha!
E engendra os bêbés sozinha
Ou líquida a raça humana?»

Lisboa *Sileno*

17) Há muitos anos já, bem puxados, — 1-2-3.
Dizia uma historieta:

«Que viera governar Angola
Um homemzarrão, que era cegueta.
O povo, cheio de utopia, — 9-5-8-4-5.
Não lhe consentiu desembarcar,
Alegando que bem não servia,
Visto um lízio lhe falsear, — 5-3-4-5.
E administrar bem não podia.

.....
Sua graça era de sugestão: — 8-5-6-7.
Era a de um homem pequeno,
Mas com fumaças de um valentão.

Luanda *Ti-Beado*

Tôda a correspondência relativa a esta secção
deve ser dirigida a LUZ FERREIRA BAPTISTA, re-
dacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.^o —
Lisboa.

ENIGMA PITORESCO



Lisboa

Euristo (T. E.)

A «Avó da Revolução Russa»



NUMA aldeia humilde dos arrabaldes de Praga faleceu, há dias, com noventa anos de idade, Catarina Breschkowkaia, a famosa agitadora que mereceu o título de «Avó da Revolução Russa».

Embora de origem aristocrática, a fogosa mulher rebelou-se com tal ansia contra a autocracia czarista, que a polícia de S. Petersburgo, após inúmeras prisões acabou por atirar com ela para os presídios da Sibéria. Era ainda uma criança! Vivendo nas infinitas estepas durante quarenta anos, endureceu o seu ódio, e, nem mesmo no fundo das minas de sal, com o corpo avergoado pelo «knut», deixou de conspirar e criar adeptos. Amnistiada por Kerensky, a revolucionária regressou a Mo-covo. O povo ovacionou-a e levou-a em triunfo. Mas a revolução russa não a satisfizera plenamente e daí o seu exílio. Após uma longa permanência nos Estados Unidos, foi morrer em Praga.

PELO MUNDO FÓRA

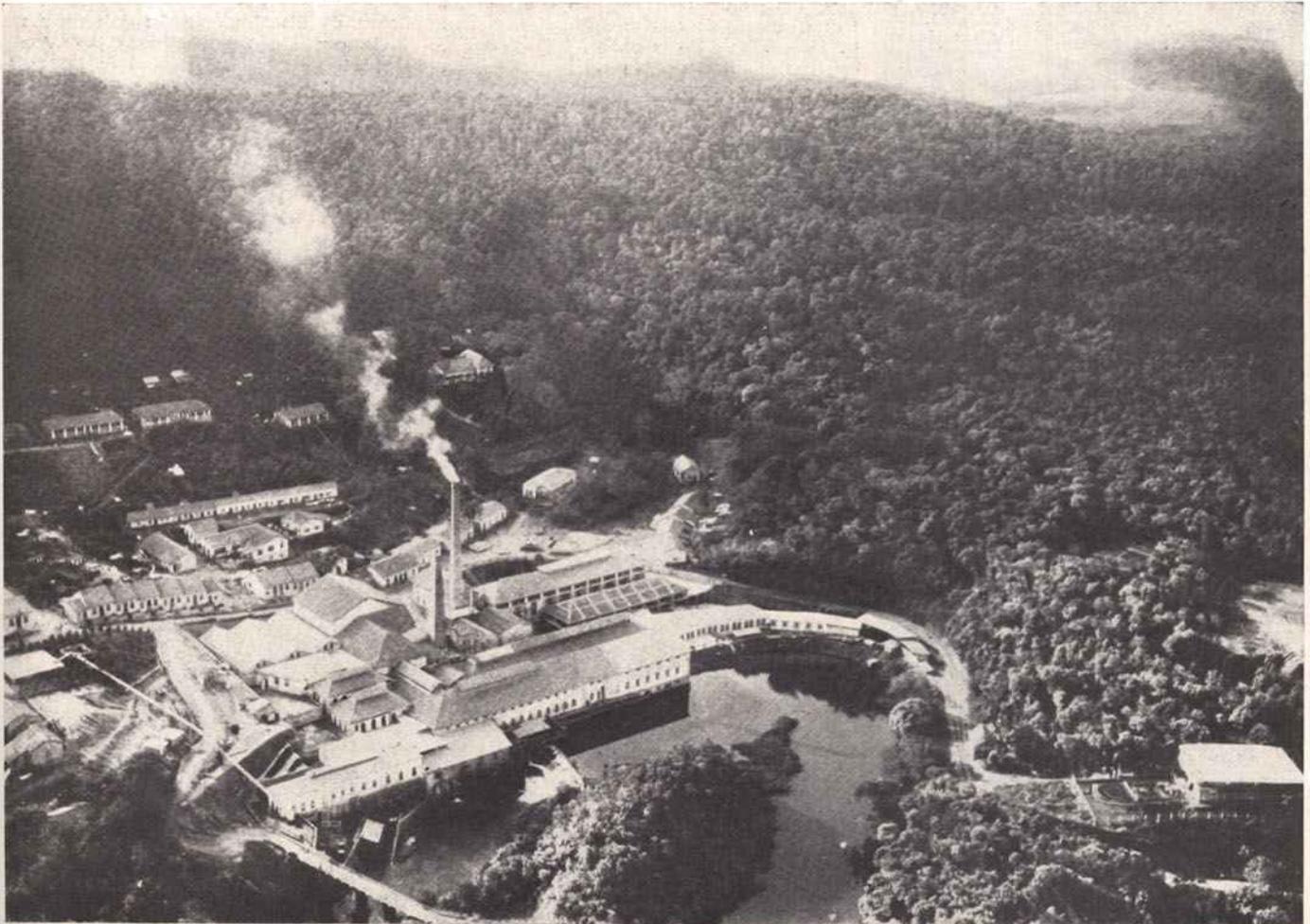
A posse do Sarre



EM Janeiro próximo deve realizar-se o plebiscito do Sarre e do seu resultado dependerá a situação definitiva daquela apreciada zona. A Alemanha julga-se com direitos e prepara desde já a sua propaganda dentro do próprio território em litígio e com uma audácia capaz de remover montanhas. No entanto, parece que os altos poderes estrangeiros, que consentiram na consulta livre ao povo, quizeram apenas ganhar tempo.

Os nazis, aproveitando a realização do Congresso de Nuremberg, organizaram uma parada colossal de forças, em que, com ares vindicadores, é feita com homens aptos a combater a palavra SAAR (Sarre). É o que a nossa gravura apresenta. Como sistema de ropaganda, não deixa de ser impressionante, embora não obtenha os resultados práticos tidos em vista.

Companhia de Melhoramentos de S Paulo



A Companhia de Melhoramentos de S. Paulo, empresa editora da mais larga iniciativa, dispõe para o seu serviço exclusivo duma bem apetrechada fábrica de papel, organizada segundo os mais modernos processos técnicos. A nossa gravura representa uma bela vista d'esses estabelecimentos fabris situados junto ao rio. Em volta, cobrindo vastíssima extensão de terreno estendem-se as plantações de eucaliptos que fornecem a matéria prima necessária à fabricação da pasta de papel. Essas plantações, criadas especialmente para o fim em vista, testemunham claramente o grande espírito de iniciativa que anima a importante empresa paulista.

A cura do cancro



PARACE que desta vez apareceu remédio para o cancro, um dos mais horrocosos flagelos que tortura a humanidade. O dr. Brehmer, que há muitos anos se dedica à procura do bacilo produtor do terrível mal, julga tê-lo encontrado. Até hoje, o cancro tem sido uma doença que os médicos não sabem definir nem classificar, embora uns digam que é o «crescimento anárquico dos tecidos».

Ora, segundo afirma o dr. Brehmer, o micróbio do cancro existe no sangue, e ali se fixa nos glóbulos vermelhos, podendo ser visível ao microscópio, após uma preparação especial. Se assim é, se o eminente sábio conseguiu descortinar o mal, a cura não tardará, pois que o combate passa a ser-lhe dirigido mais directamente e, portanto, com maior eficácia. Neste momento, estão em todo o mundo milhares de atenções postas na sensacional descoberta.



A praia, encanto das crianças

VILA DO CONDE, a aristocrática praia do norte, conserva desde há muitos anos características especiais, mesmo inconfundíveis, em flagrante contraste com qualquer dos muitos que na costa portuguesa o Atlântico banha. Datando de alguns séculos a sua fundação ainda hoje ali se encontram várias casas brasonadas a atestarem a passagem por lá de indivíduos da nobreza que certamente desempenharam lugares de destaque na governação pública.

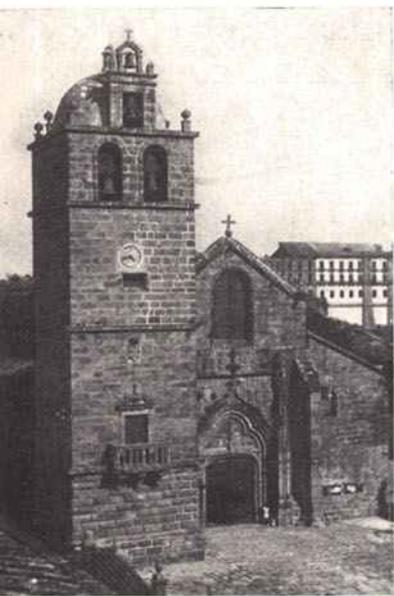
A verdade é que Vila do Conde tem sido a praia de eleição das mais altas classes da nossa sociedade e a prová-lo vêem-se ali, em apreciável quantidade, chalés e vivendas particulares edificadas nos mais importantes centros da vila.

Explica-se esta preferência por várias circunstâncias entre as quais avultam as suas privilegiadas condições climatéricas, a vasta amplitude da sua praia e o seu extremo e irrepreensível azeite. Justifica-se, portanto, de sobra, o título que damos a esta página porque, em boa verdade, não é fácil encontrar uma outra a que tão bem se adaptem as exigências que uma numerosa população infantil comporta.

Isto, porém, não impede que os adultos se divirtam

e distraiam, como é próprio de todas as praias e para isso dispõem de um esplêndido Casino que a Comissão de Iniciativa mantem e onde se realizam concertos e bailes, de um bem apetrechado campo de jogos, por aquela também instalado, com ténis, patinagem, bola e ainda das festas que a miúdo se repetem, como ginkanas de automóveis, regatas, batalha de flores, uão contando com os tradicionais festejos populares tão característicos e curiosos nesta região.

E, eis em breves palavras o que é a praia de Vila do Conde que está vendo aumentar progressivamente o número dos seus banhistas e ainda dos visitantes



Igreja matriz do século XVII



O campo de jogos

VILA DO CONDE PRAIA DAS CRIANÇAS

que bastante têm ali que admirar, não só pelos seus aspectos turísticos, como pelas preciosidades arqueológicas que encerra, razões estas que justificam o vaticínio de um próspero futuro a que tem incontestável direito e para que poderosamente contribua a valiosa acção do seu município, da Comissão de Turismo e de alguns elementos preponderantes na terra.

CONVENTO DE SANTA CLARA

Em 1318 o rei D. Diniz, de regresso de uma romaria a S. Tiago de Compostela, na sua passagem por Vila do Conde dotou a vila com um mosteiro, tendo-se edificado com grandiosidade o Convento e com especial solenidade a respectiva Igreja, em grave e severo estilo gótico, como a de S. Francisco, do Pôrto.

Na capela da Conceição, em estilo manuelino, repousam em túmulos verdadeiramente sumptuosos os seus fundadores D. Afonso Sanches e mulher D. Teresa Martins.

Em Santa Clara, considerado monumento nacional, está instalada a Casa de Correção do distrito do Pôrto, vulgarmente conhecida pelo reformatório.

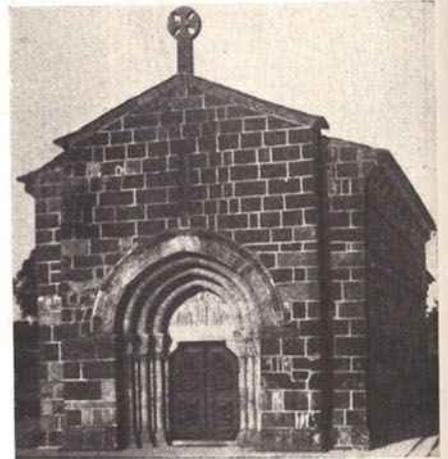
IGREJA MATRIZ

Também monumento nacional foi construída em 1502 a expensas do povo que foi auxiliado pelo rei D. Manoel. De estilo manuelino, todo em pedra, com uma bela frontaria, as paredes que formam a nave central e a capela-mór são coroadas em toda a sua extensão por duas ordens de ameias. Interiormente tem três naves divididas por duas alas de esbeltas colunas sustentando dez arcos de volta inteira, o côro sobre a porta principal é em artístico arco abatido. A capela-mór está coberta por uma abóboda e o púlpito, primorosa obra de talha, renascença, data do século XVII. A curiosíssima Capela dos Marinheiros está revestida de azulejos mais recentes e na da Senhora da Assunção está a imagem de S. João, orago da Igreja.

Outros monumentos de alto valor estão espalhados por Vila do Conde, de que destacaremos ainda o Pelourinho, de 1516, uma coluna granítica assente num estrado sobre quatro degraus, tendo no capitel o brasão real, terminando em ponta aguda e sustentando um braço que empunha uma espada simbolizando o poder municipal, a Capela de S. Roque comemorativa da peste de 1580, a de S. João Baptista, monumento da arte militar, dos princípios do Século XII, as Ermidas de Nossa Senhora da Guia e S. Julião, na Foz do Ave, o edifício religioso mais antigo, pois data do Século XI e perto desta a de Nossa Senhora do Socorro, em forma de pagode indiano, fundada em 1603 e que constitui um

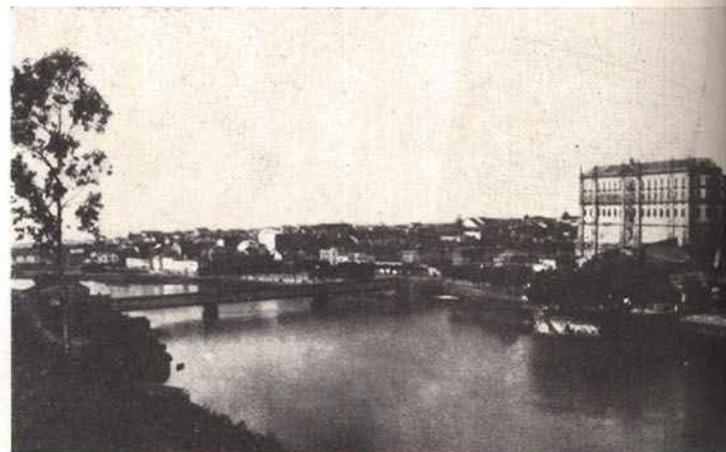
dos mais concorridos miradouros pelos esplêndidos panoramas que proporciona.

Merecem ainda especial menção a Igreja de S. Cris-



Igreja de S. Cristovão de Rio Mau (Século XII)

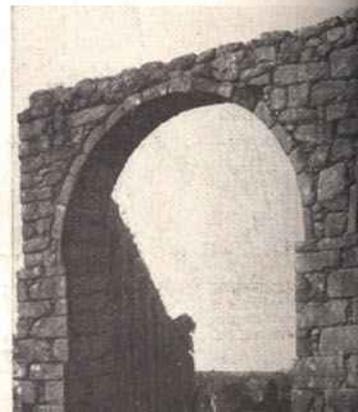
tovam do Rio Mau, uma das mais curiosas em estilo romano, do Século XII, a igreja da Azurara, mandada edificar por D. Manuel em 1552, ambos



O rio Ave, vendo-se a direita o convento de Santa Clara

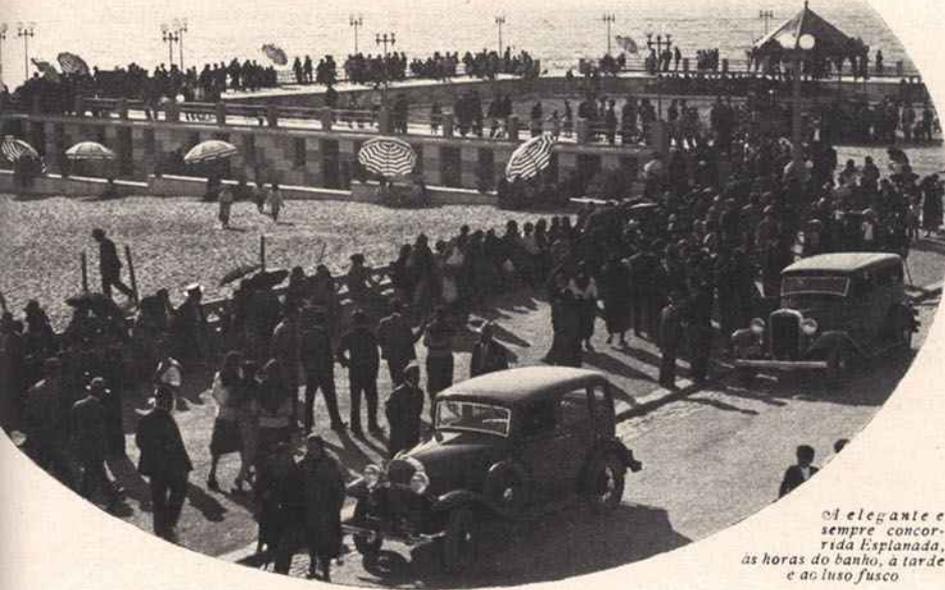
monumentos nacionais, a Igreja e mosteiro de S. Simão da Junqueira, fundada no Século XI e para terminar esta resenha o velho aqueduto composto de 999 arcos, monumento nacional, uma das mais interessantes curiosidades de Vila do Conde.

Aqueduto do sec. XVIII, com 999 arcos



POVOA DE VARZIM

A MAIS BELA PRAIA DE PORTUGAL



Ó elegante e sempre concorrida Esplanada, às horas do banho, à tarde e ao luso fuso



A multidão que se aglomera na praia

A Povoia de Varzim ocupa hoje, de pleno direito, um lugar de verdadeiro destaque nas praias portuguesas e, incontestavelmente o primeiro de entre todas as do Norte.

Esta grande vila — que nada fica devendo a algumas cidades do País — é simultaneamente o mais importante centro piscatório das nossas costas, não só pelo que representa como rial valôr na economia nacional, mas pelas especiais características que distinguem os seus pescadores, a rude gente do mar da Povoia, grande no seu sacrifício, que não pode comportar outra denominação a arriscada profissão que exerce, sem os mais elementares elementos de defesa dos perigos que permanentemente a rodeiam, e sublima na resignação de que tem dado sobejas provas aguardando que os poderes públicos cumpram as repetidas promessas que veem de ha largos anos da construção do porto de pesca, base essencial da segurança das suas vidas e haveres, a que tem incontestável direito.

Era tão justificada a sua velha aspiração que ela vai, enfim, e dentro em breve, tornar-se realidade e desta vez os pescadores poveiros já não se mostram incrédulos, seguros de que não serão agora vagas as suas esperanças.

Não queremos deixar de recordar nestas linhas em que nos ocupamos dos simpáticos pescadores o seu patriótico gesto quando ha longos anos tinham imposto a algumas dezenas deles que haviam buscado em terras do Brasil o sustento seu e de suas famílias a naturalisação como cidadãos brasileiros, condição indispensável para poderem continuar exercendo a sua profissão, tendo preferido a repatriação á perda da sua querida nacionalidade.

O seu procedimento provocou no País uma tão

grande e justificada emoção que uma subscrição pública assegurou o seu regresso a Portugal, por sinal que o respectivo saldo o empregaram na fundação na Casa dos Pescadores que hoje alberga carinhosamente os seus doentes e inválidos.

Outro assunto interessando grandemente esta terra é o que diz respeito ao fornecimento de águas e também este vai ser em breve resolvido pela actual Câmara Municipal que á solução deste problema tem dedicado a sua melhor atenção. A Povoia de hoje que diferente é já da de alguns anos atrás! E a acção combinada desta entidade e da Comissão de Iniciativa



Também se banham as crianças

e Turismo local largamente tem contribuído para essa transformação.

O Passeio Alegre, a larga Avenida, a balastrada que corre em toda a sua longa extensão, a Esplanada que domina o mar, os candieiros de iluminação, com os seus globos, tudo isto se deve á Comissão de Iniciativa que nesta Praia tem desempenhado com geral satisfação as atribuições que lhe competem.

Tomou ainda a seu cargo a música que na Esplanada toca várias vezes na semana, subsidia o Café Chinês que, com a sua orquestra, distraí os banhistas e visitantes, asfalta a Avenida, limpa a praia e auxilia como pode todas as iniciativas que redundem em proveito da terra. Por sua vez a Câmara Municipal arcando com as responsabilidades que pesam nos seus orçamentos vai também executando uma obra a todos os títulos notável, contribuindo eficazmente para que a Povoia de Varzim justifique a sua situação sob o ponto de vista turístico que é uma das facetas com que deve ser encarada a Povoia, maravilhosamente dotada para esse feito.

Já hoje são muitos os

estrangeiros que a visitam, estabelecendo-se assim uma corrente que deve ser inteligentemente aproveitada, o número de banhistas aumenta progressivamente em número e qualidade, e nas proximidades da conclusão das grandes obras de Leixões, não é aventurado vaticinar á Povoia de Varzim um brilhante futuro, a que ela tem justificado direito, vindo a constituir assim um forte elemento de atracção de turistas.

Dispõe também de um belo Stadium comportando perto de trinta mil espectadores, onde se tem realizado as mais variadas provas desportivas e até algumas corridas de touros.

Durante a época balnear organiza a Povoia uma série ininterrupta de festas populares, artísticas, religiosas e de sport terrestre e marítimo que atraem sempre ali algumas dezenas de milhar de forasteiros.

Servida por excelentes estradas rasgadas em todas as direcções, com um bom serviço ferroviário, tem ainda a facilitar-lhe as comunicações com o Porto, de onde dista vinte e cinco quilómetros, esplendidos autocars que fazem este trajecto em pouco mais de meia hoje.

Sob o aspecto comercial chamam justamente as atenções gerais os vários estabelecimentos de comércio de todos os ramos, alguns dos quais fariam boa figura nas nossas melhores cidades.

Um trecho da Povoia frente ao Douro



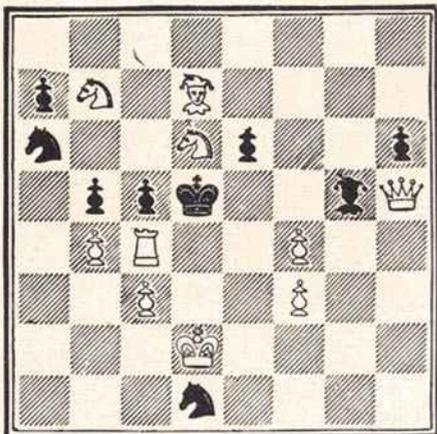
Um aspecto da praia e vista da balastrada

Problema de xadrez

(por Evans)

Branças — 10

Pretas — 9

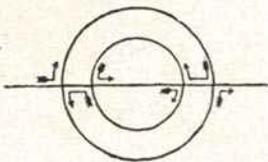


Jogam as brancas e dão mate em dois lances.

Dar a volta ao círculo

(Solução)

Ponto de partida



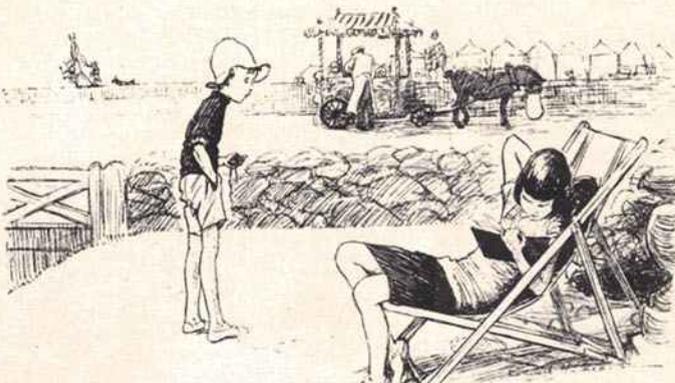
As setas indicam o caminho a seguir. Principiar pela esquerda.

As aigretes

As «AIGRETES» são umas aves muito interessantes, às quais, durante a estação dos amores, crescem muito as penas dorsais e escapulares, que são colhidas e aproveitadas para feminis adornos. A aigrete branca habita o sul da Europa, o sul da Ásia e o norte da África, nutrindo-se de peixes, vermes e moluscos, que colhe nos terrenos alagadiços e nas beiras dos rios.

Há muitas outras espécies destes género na Índia, no resto da África, no Japão, no Chile, Estados Unidos Nova Caledónia, etc.

Humor britânico



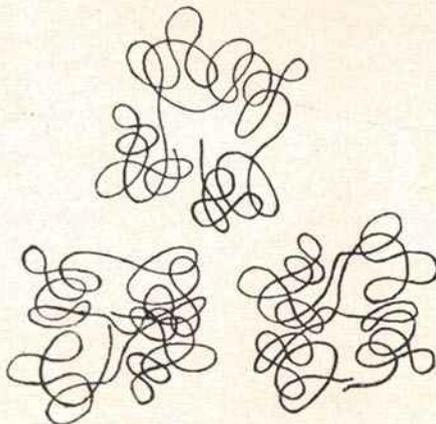
Pedrito — Olha lá, Milú, empresta-me dois tostões?
Milú — Não empresto nada. Nunca mais me pagavas.
Pedrito — Eu te digo: empresta-me dois tostões e as duas vezes que eu agora te pedir um tostão não mos des.

(Do «Punch».)



Qual é o fio mais comprido?

(Passatempo)



Se os três fios representados na figura, todos três muitíssimo enredados, se apresentassem perfeitamente tensos, seria facilimo, por meio de uma medição directa, dizer qual deles teria maior extensão. Mas verificar qual dos três é mais comprido, na disposição em que os representamos, é caso bastante complicado, e nisso, todavia, é que o passatempo consiste.

As duas cabeças da águia imperial

Na opinião de vários eruditos, introduziu-se o uso desta insígnia e exerceu-se privativamente quando estavam dois imperadores no trono, governando de comum acôrdo o império, como simbolo oportuno significativo dessa união.

O uso da águia com uma cabeça, como insígnia do império, é muito antigo. Foi primeiramente adoptado pelos persas; depois, pouco a pouco, foi-se transmitindo aos romanos, os quais a princípio variavam, tomando por braço, nos seus estandartes, ora lobos, ora leopardos, ora águias, segundo a fantasia de cada general; até que, no segundo ano do consulado de Mário, se estabeleceu a águia como insígnia fixa do império e armas romanas. Muitos séculos depois, não se sabe bem a época, a tal águia das duas cabeças tornou-se braço geral de todos os imperadores romanos.

Palavras cruzadas

(Solução)

■	A	M	A	R	■	■	L	A	M	A	■
L	■	A	M	E	A	Ç	A	D	O	■	T
U	M	■	E	S	M	A	G	A	■	C	A
X	I	S	■	O	U	R	O	■	L	A	R
A	S	I	A	■	O	O	■	S	Ê	C	A
■	S	■	R	E	■	■	P	E	■	H	■
■	I	■	T	U	■	■	A	I	■	O	■
S	O	P	Ê	■	R	I	■	S	O	P	A
A	N	O	■	C	E	R	A	■	S	O	M
C	A	■	T	A	M	A	R	A	■	S	O
O	■	T	E	M	E	R	O	S	O	■	R
■	L	E	M	A	■	■	S	A	U	L	■

Bridge

(Problema)

Espadas — A. 6, 5, 4, 3, 2.

Copas — D. 9, 5, 4, 3.

Oiros — — — — —

Paus — 3, 2.

N Espadas — R. D. V. 10.

Espadas — 9, 8, 7.

Copas R. 10, 2.

Oiros — R. D. V. 10, 9.

Paus — 8, 7.

O E Copas — — — — —

Oiros — 8, 7, 6, 5.

Paus — R. D. V. 10, 9.

S 10, 9.

Espadas — — — — —

Copas — A. V. 8, 7, 6.

Oiros — A. 4, 3, 2.

Paus — A. 6, 5, 4.

S marca meio chelem em copas.

O dobra e sai pelo rei de oiros.

S faz 12 vvasas.

(Solução do número anterior)

S joga o rei de espadas e, a seguir, a dama de trunfo. Se O cobrir com az e jogar o rei de oiros, S baldar-se-á ao valete de espadas. Se O continuar a jogar oiros, N cora e joga o nove de paus, tendo-se S baldado a uma carta de paus na segunda vasa de oiros.

Um voto cruel

Há habitações em que a tradição misteriosa ou, pelo menos, estranha, vão-se aliando, pelos tempos fora, factos singulares. No lindo condado de Essex, na Inglaterra, causou sensação a notícia de que uma águia da Sibéria viera fazer o ninho numa propriedade magnífica, denominada, Spians Hall, É, a propósito, recordou-se o voto extraordinário, feito por uma antiga dona do castelo.

Essa castelã, após um acto de violência, determinado por um acesso de cólera, condenou-se a sete anos de silêncio! Assegura a tradição que nem uma só vez ela quebrou o seu voto, que uma inscrição mantem na memória de todos, num magnífico monumento levantado em honra dessa mulher, para si própria tão severa.

Nos jardins de Spians Hall também se encontra a recordação do voto cruel. Há ali sete chafarizes, mais ou menos arruinados, que foram, sucessivamente, construídos após cada ano de silêncio.

E ainda há quem acuse as mulheres de não poderem estar caladas!...

**VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO
DA LINGUA PORTUGUESA**

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóptico da Língua Portuguesa»)

**Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial**

EM APENDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

O JÔGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



*Tam fresco
e tam bem
disposto!*

Ainda hé pouco estava prostrado com o calor e com
uma dor de cabeça desesperada. Bastaram-lhe, porem,
2 comprimidos de

Cafiaspirina

para se sentir tam fresco e tam são, como se o calor
não existisse.

E . . . sabem porquê? Porque o mal-estar dos dias de
calor é provocado por certas perturbações do sistema
circulatório, e a Cafiaspirina tem uma acção reguladora
sobre a circulação do sangue, restabelecendo o equil-
íbrio do organismo.

Alem disso, tira as dores de cabeça, descongestiona,
levanta as forças e proporciona a sensação
de saúde e bem-estar.



SAGRES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia,
onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 — 2 4172 — P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

**O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —**

CONSULTEM A SAGRES

**INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES**

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado.....	14\$00
ESPAÑA — Nova edição.....	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado.....	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado.....	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.....	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado.....	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice: Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones," A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas" na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys," — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta</i> — 226 págs., brochado.....	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado.....	12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . . 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenhado dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. . . 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excellentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

Manual de Medicina Doméstica, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina..... 35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado.....	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado.....	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado.....	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado...	12\$00
AS TRÊS MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado.....	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado.....	12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico.) — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10\$00

Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado..... 10\$00

O monge de Cister, (Romance.) 2 vols. com 716 páginas, brochado 20\$00

Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20\$00

História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos.) — 8 vols., brochado..... 96\$00

Estudos sobre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10\$00

História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30\$00

Composições várias — 374 páginas, brochado..... 10\$00

Poesias — 224 páginas, brochado..... 10\$00

Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado..... 20\$00

Opúsculos:

- Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
- » II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
- » III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
- » IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
- » V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
- » VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
- » VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
- » VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
- » IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
- » X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado..... 10\$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA



O MELHOR ALMOÇO
O MAIS AGRADÁVEL
RECONSTITUINTE

OVOMALTINE
é a saúde

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS, DROGARIAS E BOAS
MERCEARIAS
EM LATAS DE 110 grs., 250 grs. e 500 grs., RESPECTIVAMENTE
A ESC. 9550, 18500 e 34500

Concessionários:
Alves & C.ª (Irmãos)
R. dos Correios, 41, 2.º — Lisboa